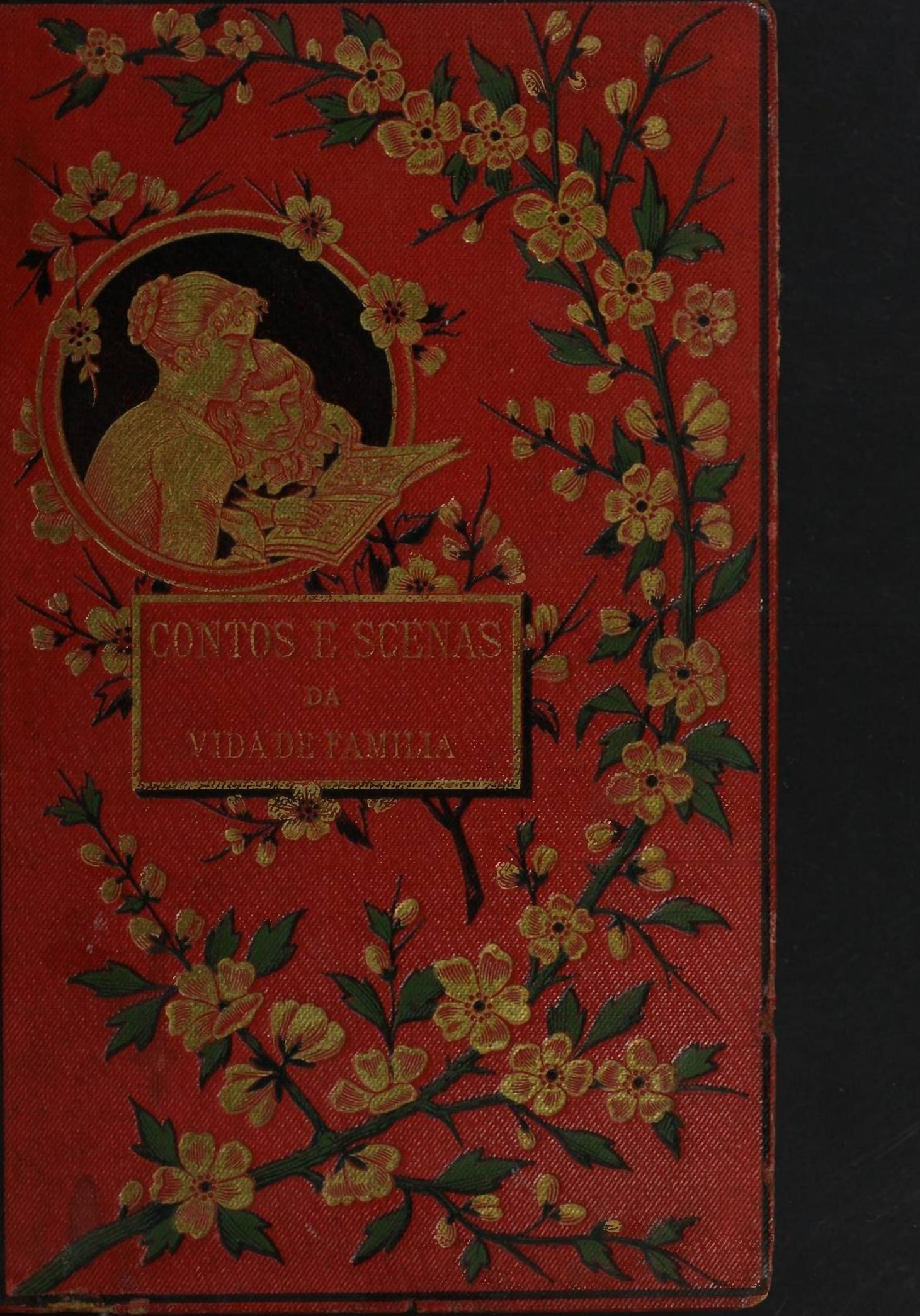
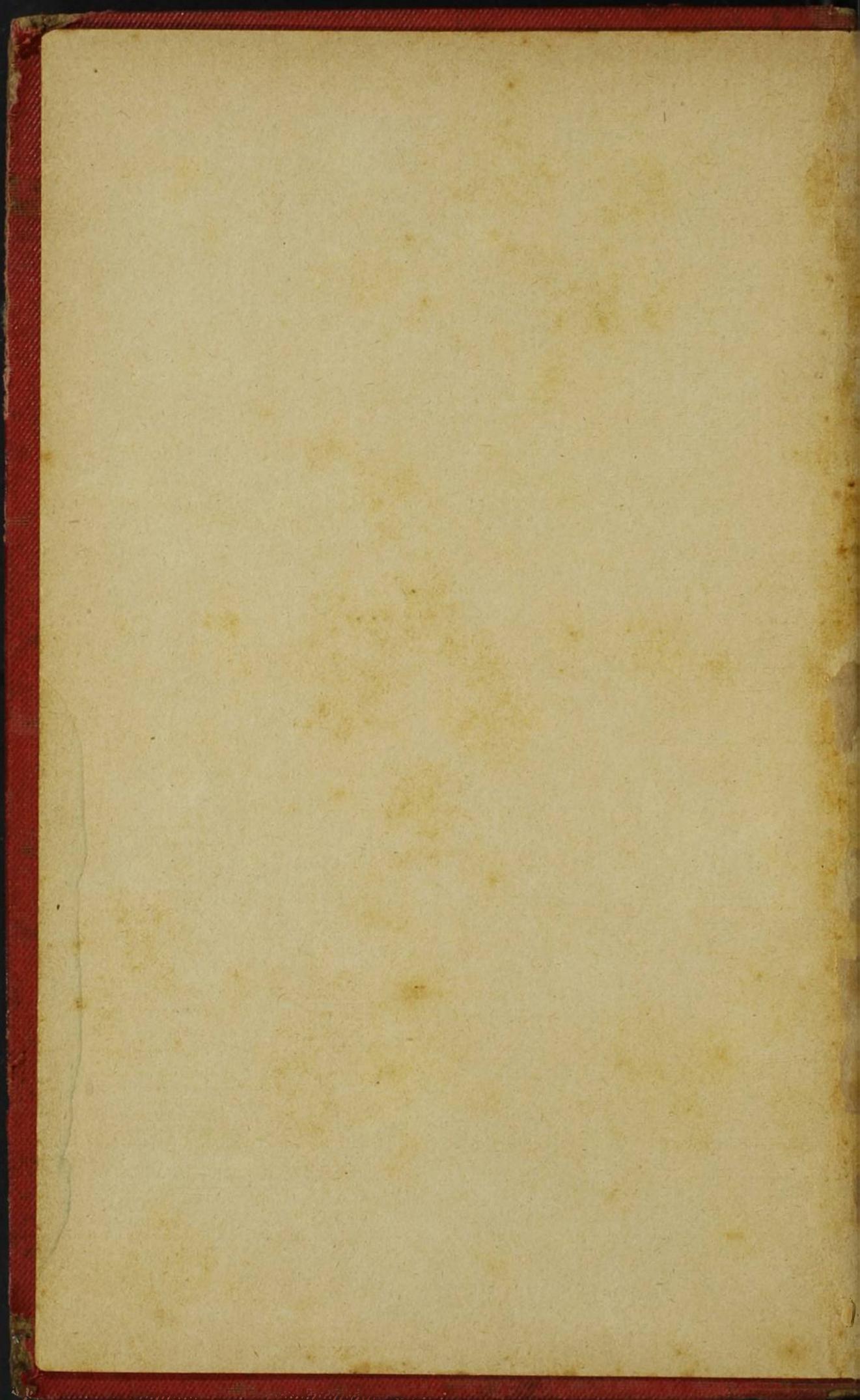




CONTOS E SCENAS  
DA  
VIDA DE FAMILIA





M<sup>me</sup> DESBORDES-VALMORE

---

# CONTOS E SCENAS

DA

## VIDA DE FAMILIA

Com muitos gravuras

---

H. GARNIER, Livraria Escolar S. Sebastião

71, RUA MOREIRA CEZAR, 71

RIO DE JANEIRO

FREDERICO TELLEIRA  
Travessa d'Assembléa 27

PARIS, RUA DES SAINTE-ÉPES, 6

PARIS

Dedicado

A' gentilissima

Clarice

Paes de Barros  
como simbolo de avarice

Cuiabá 2/8/1857

Silvestre Pinto



## ÀS MÃIS

No tumulto de vossos deveres e de vossas penas, cançadas das tempestades do mundo, quantas vezes, ó mãis! não encontrastes, arrançando a gaveta d'alguma commoda, um d'esses brinquedos que outr'ora tanta alegria vos causaram? Como nos

extasiámos diante d'uma boneca de porcelana, que satisfação não sentimos no dia do seu baptisado, com que orgulho a mostravamos a todos!

Eu conservo ainda fechadas n'uma gaveta, essas

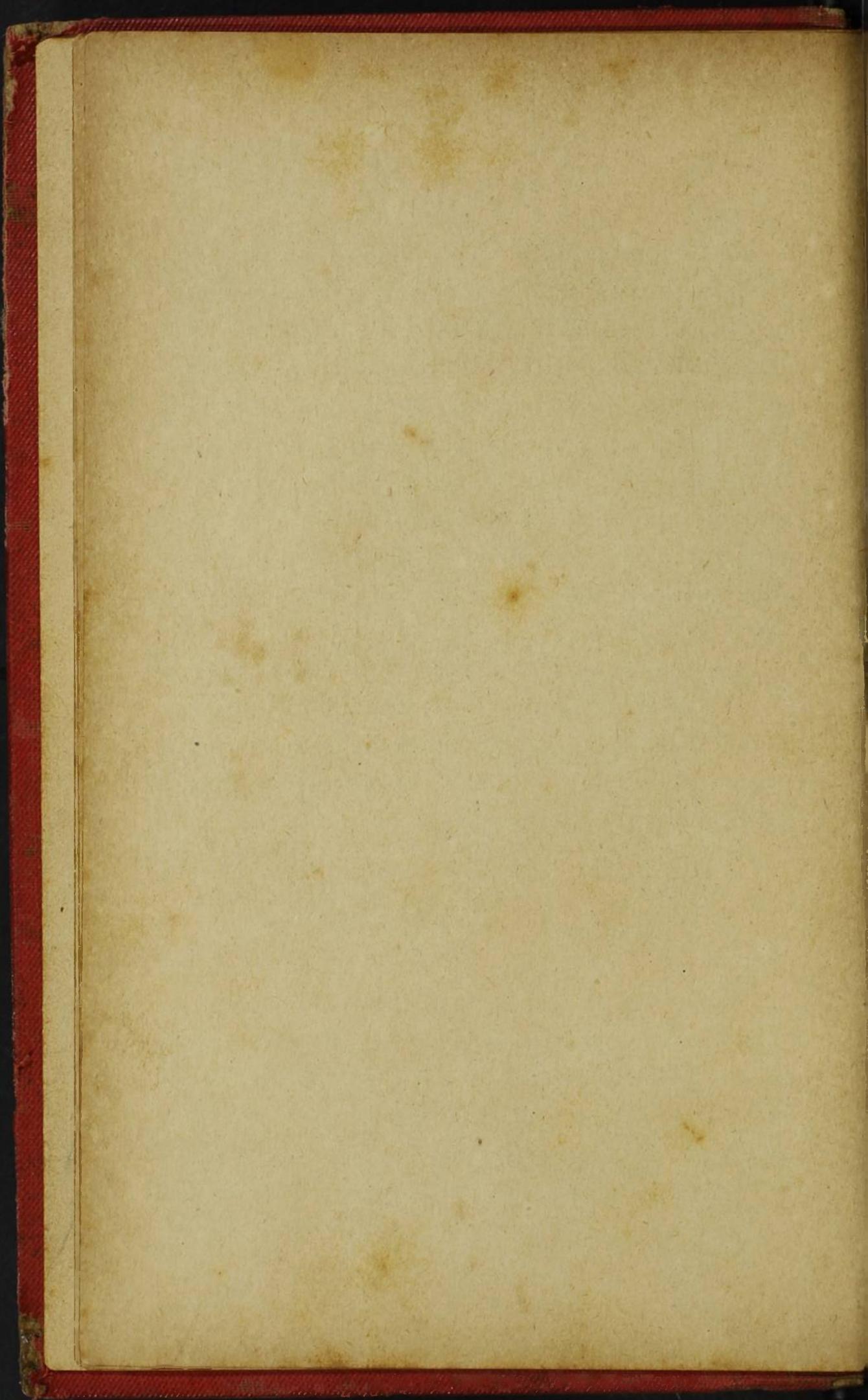


caras visões dos primeiros dias de minha vida. Algumas vezes, quando peço uma caricia á sorte, vou rever esses bellos e ingenuos sonhos, cujas côres brilhantes resistiram ao tempo. Ainda adoro essas bonecas sem rugas que tanto encantaram os nossos corações, que chamavamos nossas filhas,

e que não conservam o menor traço da irritação que lhes causámos. E não é senão isso que lhes peço para acariciar minha alma. Com effeito, sua impassivel indulgencia, seu benevolente silencio me recordam nosso *outr'ora* como uma conversação intima e em voz baixa. São estas chronicas que muitas vezes repetem verdades uteis; que suspendem, uma hora ao menos, o presente tão penoso; que nos lembram vivas alegrias, e mesmo faltas cuja lembrança não são sem fructo para a razão.

Essas innocentes companheiras de nossa infancia me ajudaram muitas vezes a melhor comprehender meus filhos, e para mim ficaram sempre cheias de conselhos, ó mãis! e são esses conselhos que ides ler.

---





## ÀS CRIANÇAS

Deus, quando fez os homens, procurou suavizar as suas dôres dando ao mundo o amor materno.

Desde esse tempo, as crianças são felizes, e têm mãis que se desvelam por ellas.

Quando pequenas, são tratadas por ellas com a maior solícitude, têm boa cama, aprendem a rezar, a ler e a amar. Como ellas são amadas por suas mãis! Uma d'ellas, que embalou os seus procurando instruil-os com lições ternas e praticas, reuniu essas lições para todas as crianças, ás quaes os seus enviam beijos e o seu livro, que elles já sabem de cór. Eu vos beijo, e coragem!

Quem ama, sabe prever.





## UMA PRECE

— Vinde rezar, meu anginho.

Não brinqueis com as mãos postas.

Não procureis fugir, nem sahir de cima de meus joelhos, porque estaes diante de Deus quando fazeis vossa prece comigo.

Vamos; elle vos ouve.

« Meu Deus! inspirai minha mãe, afim de que ella me conduza aonde desejais que eu vá.

« Não terei medo quando atravessar o corredor escuro, porque sei que me acompanhaes; quando cahir, não gritarei, porque, salvo ou ferido, é sempre em vossos braços que cahirei. Eu vos agradeço, meu Deus, por estar sempre a meu lado! este pensamento me dará coragem, e apenas temerei vos desagradar.

« Depois de ter rezado, e á primeira claridade do dia, levantarei o meu olhar até vós para receber os beijos que enviaes a vossos filhos.

« Boa noite, meu Deus! fazei descer a paz e o somno sobre nosso lar. É tão doce dormir como as andorinhas nos seus ninhos! »

A abelha transforma tudo em mel.





## O MENINO MALCRIADO

Vou contar-lhes a historia.

Um dia em que um menino dormia profundamente, deitado em cima d'um monte de flôres destinadas a enfeitar os arcos construidos por occasião da festa do Corpo de Deus, elle despertou sufocado, com os membros entorpecidos e a cabeça pesada; sua mãe, vendo-o tão fraco e tão pallido, julgou que elle ia morrer. As flôres, em grande quantidade, são tão perigosas quão attrahentes : o pobresinho ignorava semelhante cousa.

Por isso sua mãe, triste e activa ao mesmo tempo, passou a noite e o dia junto d'elle, abrindo frequentemente as janellas, afim de que elle em sua cama, que era tão grande como um berço, pudesse respirar constantemente o ar purificado.

Os perfumes, porém, tinham quasi paralysado a criança. Sua mãe estava tão afflicta que não comia nem dormia mais, e acabou por cahir doente.

Todos os sacrificios para salvar seu' filho eram poucos.

Prouve a Deus abrir os olhos do menino. Uma noite sua mãe vio-o sorrir, e ambos ficaram curados!



E muito naturalmente ella pensou que o filho lhe seria reconhecido e a amaria muito mais, porque seu amor tinha augmentado na proporção dos ternos cuidados que dispensara ao adorado doente.

Eis, porém, o que me custa confessar :

Elle não foi tão bom como deveria sel-o!

Quando sua mãe sabia, se a criada lhe dizia de ir se deitar, elle gritava, se torcia como uma serpente, até que ella voltasse. Dizem mesmo que uma noite elle fez tantas e taes caretas que Nossa Senhora chorou; Nossa Senhora que é tão boa para as crianças submissas! A mesma cousa acontecia de manhã quando a criada ia vestil-o: agarrava-se á cabeceira da cama e punha-se a gritar: « Eu quero mamã! eu quero mamã! »

A criada zangava-se, perdia o tempo e o almoço não se preparava: tudo ia mal. Quando sua mãe dava-lhe um livro, comprado expressamente para elle, assim que via a primeira lettra, punha-se a enrolar o canto das paginas e meia hora depois o livro estava todo roto. Já que devo dizer tudo, sabei que elle era muito guloso, e quando davam-lhe doces, enchia a bocca até perder a respiração. Tal estado de cousas não podia durar. Sua mãe poz-se a reflectir e disse:

— Como tudo isto é triste! emballei e amamentei esta criança, conservei-o em meu collo até que sua vida não estivesse mais em perigo, e agora devo cural-a d'uma doença muito grave: a malicia. Meu Deus! inspirae-me! meu filho tornou-se muito máo e me causa profundos desgostos.

Deus inspirou-lhe dizer ao menino mal criado:

— Devo dizer-vos, criança, que eu desejaría

vos amar como outr'ora, que vamos nos separar dentro em pouco. Vinde me beijar, porque não



nos veremos mais senão depois de vos terdes corrigido dos máos habitos; perturbastes a paz de minha casa!

A criança parou diante de sua mãe seria e gra-

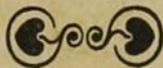
ve; olhou durante algum tempo para ella, e seu peito se poz a arfar; criança como ainda era, pensou que jamais em parte alguma elle encontraria uma amiga melhor do que sua mãe, e que ia ser infeliz. Devo confessar que ella a amava muito, e mais do que aos doces e do que tudo.

E com a voz cortada pelas lagrimas, dizia :

— Eu serei bom! eu serei bom!

Esta promessa bastou para enternecer sua mãe, que tomando-o em seus braços, disse : « Creio n'estas palavras! não choreis mais! » E, com effeito, elle cumpriu a promessa, e mais tarde teve occasião de se convencer de que não ha nada peor do que desobedecer a uma mãe, e mentir á sua consciencia, tribunal dos pequenos como dos grandes perante Deus.

É sómente a mãe quem sabe castigar o filho.





## O MENINO DESCALÇO

Um dia viu-se um menino, que parecia ter tres annos, fazer uma cousa que a todos surprehendeu e que todos censuraram, como vós o terieis feito tambem.

Elle tinha uns bonitos sapatos que o empediam de machucar os pés ou de molhal-os quando chovia; podia correr sem perigo: pensou, porém, que seria melhor andar descalço, apezar de ter visto algumas crianças pobres, que, privadas d'um bem tão util, tinham sempre os pés cortados.

Eil-o pois que começa por cortar os cordões das botinas, e em seguida as põe no rego, e, batendo palmas, admirava ellas irem transportadas pela agua.

Esta pequena flota pareceu-lhe ser o modelo dos navios de couro; um privilegio d'invenção o

teria tornado menos satisfeito. As botinas, cheias d'agua, pararam felizmente diante de uma mulher muito pobre, que as fez seccar, e deu graças a Deus de ter-lhe enviado tal presente para seu filho. Deus quiz que alguém aproveitasse das botinas.

O inventor de navios poz-se então a correr ora sobre a relva ora em cima d'um monte de pedras.



Em pouco tempo as meias estavam todas rotas.

Um pedaço de vidro tendo-lhe cortado um pé, elle voltou para casa ensanguentado e, quando subia a escada com muita difficuldade, ouviu sua mãe dizer :

— Descalço!...

— Não, mamã, tenho as meias! disse o prodigo ousando mostral-as como justificação.

— Doido! replicou sua mãe inquieta e zangada; venha primeiramente tirar essas botas de lama, e esse sangue que transtorna o meu. Uma vez curado serás reprehendido!

Ella, porém, não reprehendeu-o senão muito depois, porque elle esteve muito doente, gritando toda noite, ardendo em febre, e soffrendo a punição de sua falta. Quando restabelecido e castigado, sua mãe comprou um outro par de botinas. O menino não transformou-os mais em navios, e comprehendeu a necessidade de andar calçado.

O latido d'um bom cão é um conselho.





## A BONECA MONSTRO

Ignez tinha uma boneca nova. O alegria! uma boneca nova, com dois olhos de perolas para ver Ignez, dois braços que se estenderiam para ella a cada instante, uma bocca risonha e silenciosa que jamais encontraria para contradizel-a.

O primeiro dia não poderia passar de melhor modo. Não se ouvia senão o murmurio dos beijos de Ignez sobre as faces escarlates de sua filha; ella tinha declarado que queria ser sua mãe.

No dia seguinte, Ignez tomou uma voz grave e severa. Parecia descontente com o seu idolo, e sob o bruido d'uma pequena mão batendo um corpo duro, acompanhado d'estas palavras : *Vamos! Vamos!* appareceu uma outra mamãe Ignez. Não havia duvida, a boneca tinha sido castigada. A desordem de seu bello vestido côr de rosa o attestava.

— Que te fez ella para teres modificado teus sentimentos?

— Mamã, disse Ignez muito exaltada, ella é arrufada e teimosa; oh! mamã! é um monstro! dei-lhe tudo quanto tinha; pois bem...



— Pois bem, disse sua mãe, que exiges tu mais do que a felicidade de lhe dar? queres então que ella tenha um coração e uma voz para te agradecer, quando és tu que lhe deves ser reconhecida? Confia-me tua filha para que eu a eduque, querida filha; eu te ensinarei como se é mãe; é muito difficil! Acreditas que seja porque és perfeita que eu não me resolvo a te castigar? é porque eu te amo

que não exijo que uma cabeça tão pequena como a tua comprehenda o que eu aprendi em tantos annos. É d'este modo que deves tratar a tua boneca.

Depois abraçou-a com ternura, e deixou-a só-sinha.

Ignez, no meio do quarto, depois de ter lançado um olhar para o canto em que a desgraçada parecia estar tão triste, dirigiu-se de movel em movel até o lugar em que sua filha se achava, pegou n'ella e disse-lhe no ouvido :

— Vem, eu te amo ainda. Não exijo que uma cabeça tão pequena como a tua comprehenda o que apprendi em tantos annos.

Para as crianças, cada palavra nova é um bom ou máo exemplo.





## A MENINA QUEBRA-AGULHAS

Uma menina cujo nome não devo divulgar, porque se ella soubesse d'isso muito triste ficaria, começava a trabalhar regularmente. Não sei como, porém, ella pegava na agulha, que apenas tinha dado dois ou tres pontos já a agulha estava quebrada. Isso era máo; o que, porém, era ainda peor, era atirar os pedaços no chão, sem prever os accidentes que d'ahi podiam resultar.

— Has de ver, disse-lhe diversas vezes sua mãe, a tristeza que este habito te causará, quando vires uma d'essas finas pontas de aço atravessar a sola do sapato de alguém. E o que não será se entrar aqui alguém descalço! Desejarias, minha filha, ferir alguém?

— Oh! não, minha mãe! é a ultima que vez commetto semelhante distracção, respondeu ella apanhando os perigosos fragmentos.

Não foi, porém, a ultima vez.

Coseu ainda, mas sem se corrigir; quebrou mais agulhas, e para não empregar o espaço d'um segundo para pôl-as n'uma caixinha, as atirava por cima da cabeça, parecendo dizer : Que tenho eu com isso !

Era mais uma falta a tantas faltas já commettidas; e isso não causa tanta pena?

Uma manhã, seu irmão mais moço, que apenas começava a andar, estava sentado junto do berço emquanto a criada tinha ido buscar seus sapatos. A criança, livre e contente, poz-se a correr para ir abraçar a sua irmã que estava muito occupada com uma camisola muito fina que já lhe tinha feito quebrar algumas agulhas.

Um grito agudo da innocente fez empallidecer a pequena costureira. Com o coração palpitante, como é facil imaginar, ella foi em auxilio de seu irmão, que, prostado pela dôr, com o pé no ar, soltava gritos tão terriveis que sua irmã não podia suffocal-os beijando-o sobre a sua bocca aberta.

Fazia pena ver inchar aquelle pé tão delicado, a ponto que foi preciso laval-o com uma infusão de folhas de malva, applicar compressas de leite e exigiu muitos cuidados de sua mãe para impedir que o pé não fosse cortado; até faz estremecer de horror em pensar tal cousa. Era tambem triste ver a pobre menina quebra-agulhas, muito arrependida, pallida e vergonhosa, entre sua mãe e seu

querido irmão, que a acariciava com a sua mãozinha, em vez de lhe dirigir uma censura.

Devemos fazer-lhe justiça dizendo que ella se corrigiu para sempre e que tudo quanto lhe pertencia achava-se na melhor ordem. Mas por que preço? Não teria sido melhor ouvir a boa lição de sua mãe? Penso que isso seria mil vezes preferivel. Peço-vos aproveitar da sua falta perdoando-a, como ella foi perdoada por Deus.

A ordem é uma virtude tão attrahente que todas as outras vêm rodeal-a.





## ALBERTO O NEGLIGENTE

---

### PRIMEIRA PARTE

Meus caros amigos !

Observae aquelle joven camarada ; elle anda todo torto ; tem apenas um sapato ; aonde estará o outro ? Impossivel dizel-o. Quanto a mim, declaro que está na sua cama. Eis a prova : de noite, cahindo de somno, d'indolencia, e de preguiça, Alberto o negligente, não cuida de seus sapatos como o fazeis, para encontral-os no dia seguinte na hora de se levantar. Elle atira um

sapato no quarto, e depois, atirando-se na cama, dorme como um perdido ; no dia seguinte, quando a hora de ir ao collegio o faz pular da cama, olha para todos os lados, muito admirado de não encontrar o outro sapato. Então começa uma scena comica : elle atira as cadeiras de pernas para o ar, deita-se no chão para ver em baixo do cama, suja-se de poeira, levanta-se, bate com a testa na beira da cama, rasga a camisa ; depois, como elle já leu os Contos das Fadas, acaba por pensar que um anão, encantado veio ao seu quarto para lhe fazer semelhante farça. O negligente, porém, nunca attribue o facto á sua desordem. Isso é muito triste porque Alberto é um bom menino. Notae que elle tem oito annos, e que é a idade ou nunca de começar a aprender a ser cuidadoso. Áquelles que desejam seguir o bom caminho na vida, não devo occultar que os sapatos vêm em primeira linha. Interrogae sua mãe que é boa como todas as mães. Ella vos dirá que Alberto é um menino serviçal, activo, pouco guloso, e ainda menos avaro ; nem por isso deixa de ser o mais censurado da familia.

— Mas porque, minha senhora ?

— Meu Deus ! perguntae-o a seus mestres ; não posso dizer mal de meu filho.

E os mestres vos responderão : Esse menino não irá muito longe. Elle passa o tempo a procurar o

necessario para poder sahir; quando chega ao collegio, esbaforido, já todos os seus camarados lá estão. Passa horas e horas a procurar o livro, quando os outros já sabem a lição de cór. Depois de ter procurado por toda casa o canivete, o lapis e o chapeo, toma o café frio e vem correndo pela lama, chega toda sujo, é posto de castigo diante de seus camaradas que lhe fazem caretas. Tudo isso é de grave consequencia para o futuro das crianças, quando ellas tornam-se homens. Pensaes que nos seja agradável, a nós, seus mestres, de ver Alberto, sósinho n'um canto, roendo as unhas, esconder o rosto com um livro emprestado, procurando ganhar o tempo perdido? Seus camaradas no recreio soltam gritos de alegria. Elle os olha de longe brincar amigavelmente, satisfeitos da liberdade e orgulhosos de terem cumprido o dever, jogando a barra, a cabracega, e tantos outros divertimentos. Tenho pena de Alberto. Elle póde olhar para o recreio com os olhos cheios de lagrimas, é preciso cumprir a punição por mais amarga que ella seja. Toda falta merece castigo. Que importa que elle diga : « A culpa é minha, sou eu o culpado, e muito culpado ! » Porque deixar para mais tarde, para amanhã, o cumprimento d'um dever? Ah ! os Italianos têm razão quando dizem : « Temos tempo, tenhamos cuidado ! »

## SEGUNDA PARTE

Meus amigos !

Eis chegado o dia do sapato perdido : como vizinho de Alberto, pude conhecer a verdade sobre a sua aventura, e é com prazer que vos farei conhecê-la. De baixo da escada que conduz



ao quarto dos filhos, o pai de Alberto, n'aquelle dia, chamava-os com muito mais insistencia do que ordinariamente.

— Que deseja, meu pai? perguntou o alegre bando esfregando os olhos. E' hora de descer ?

— Assim que estiverem promptos saberão porque! gritou o pai como quem deseja dar uma boa noticia.

Todos elles se levantam, se vestem, em risonho tumulto, e descem a escada precipitadamente.

Tratava-se d'um magnifico passeio de carro em que toda familia devia tomar parte. As crianças soltavam gritos de alegria e pulavam doidamente. Um dos irmãos de Alberto, o melhor, é preciso confessar, prevê um dia triste, porque Alberto vae ser punido. Elle offerece um dos seus sapatos e Alberto recusa. Em vão Alberto, levado ao desespero, agarra-se ás pernas de seu pai: «Deixe-me ir tambem! deixe-me ir tambem! de hoje em diante terei em ordem tudo quanto fôr meu, gritava elle. Suas supplicas porém, não forem ouvidas. O pae deu ordem ao cocheiro para agarral-o e fechal-o no seu quarto. Seu irmão Gustavo (o melhor) chorava ao lado de sua mãe. Deixar um de seus filhos preso, quando todos estão em liberdade, é uma das cousas que mais pena póde causar a um pai. E como soffre a pobre mãe? Quanto a Alberto, elle ouve tristemente o rodar do carro que transporta os felizes. Elle julga que todo mundo é máo para elle que não é nem ladrão, nem insolente, nem máo, nem covarde. Pallido como um condemnado a galés perpetuas, elle fica consternado diante da pequena

janela com grade de ferro. Gradualmente, a recordação d'aquelle sapato offerecido com tanto prazer, tão gentilmente posto junto delle, vem augmentar ainda mais o horror do castigo. Elle lança silenciosamente um olhar sobre os seus sapatos desirmanados, e põe-se a chorar. Então, pela primeira vez na sua vida, elle diz vagamente : « Eu desejaria ser bem comportado como Gustavo ! » O espirito de justiça começava a se manifestar em Alberto.

Esta historia ficou por terminar. Soubemos mais tarde que Alberto tornou-se um menino digno de nota pela sua applicação e pelo cuidado com que guardava seus objectos. A felicidade de dar lhe ensina cada dia o valor das cousas e, por consequencia, o valor da ordem.





## A LUZ

Uma noite, viu-se um homem andando na obscuridade no meio d'um praça. Elle tinha uma luz solidamente fixada no seu chapéu.

Varias pessoas, passando perto d'elle, puzeram-se a rir, porque notaram que elle era cego.

— Então a luz foi feita para os cegos? perguntaram elles galhofando.

— Não é para mim, replicou tranquillamente o cego: é para os outros, que eu não vejo, e que me vêm melhor com a luz que trago. D'este modo poderão evitar os encontrões quando passarem perto de mim. Imito a Providencia que dá sempre algum indicio para o homem evitar os perigos que encontra na vida. Eu sou o perigo; esta luz é o pharol.

E todos se separaram dizendo :  
Este homem é prudente.

Nunca se deve zombar d'uma cousa antes de tel-a  
comprehendido.





## O AMADOR DE CREME

Uma boa queijaria estava estabelecida perto do grande jardim em que Rita ia passear e aonde Rita se aborrecia, porque ali não havia mais nem flores nem fructas, e Rita que tinha cinco annos, desejava que houvesse sempre flôres e fructas.

Ora sobre um pé, ora sobre outro, ella pulava em cima das folhas seccas; não se divertindo com a arida musica produzida, ella entrou na queijaria que não tinha ninguem, e o agradavel cheiro que se desprendia fazendo-lhe vir agua á bocca, subito uma má idéa passou-lhe pela cabeça!

Em vez de esperar e dizer: « Minha tia (Rita estava em casa de sua tia), a senhora póde me dar um pouco d'este excellente leite? » ao que sua tia teria accedido, porque ella era como muitas

tias, muito bôa para os sobrinhos ; pôis bem, não : Rita preferiu se preparar uma grande contrariedade ; uma falta torna muitos dias sombrios, ainda mesmo que o sol brilhe, e haja flôres e maravilhosos divertimentos.

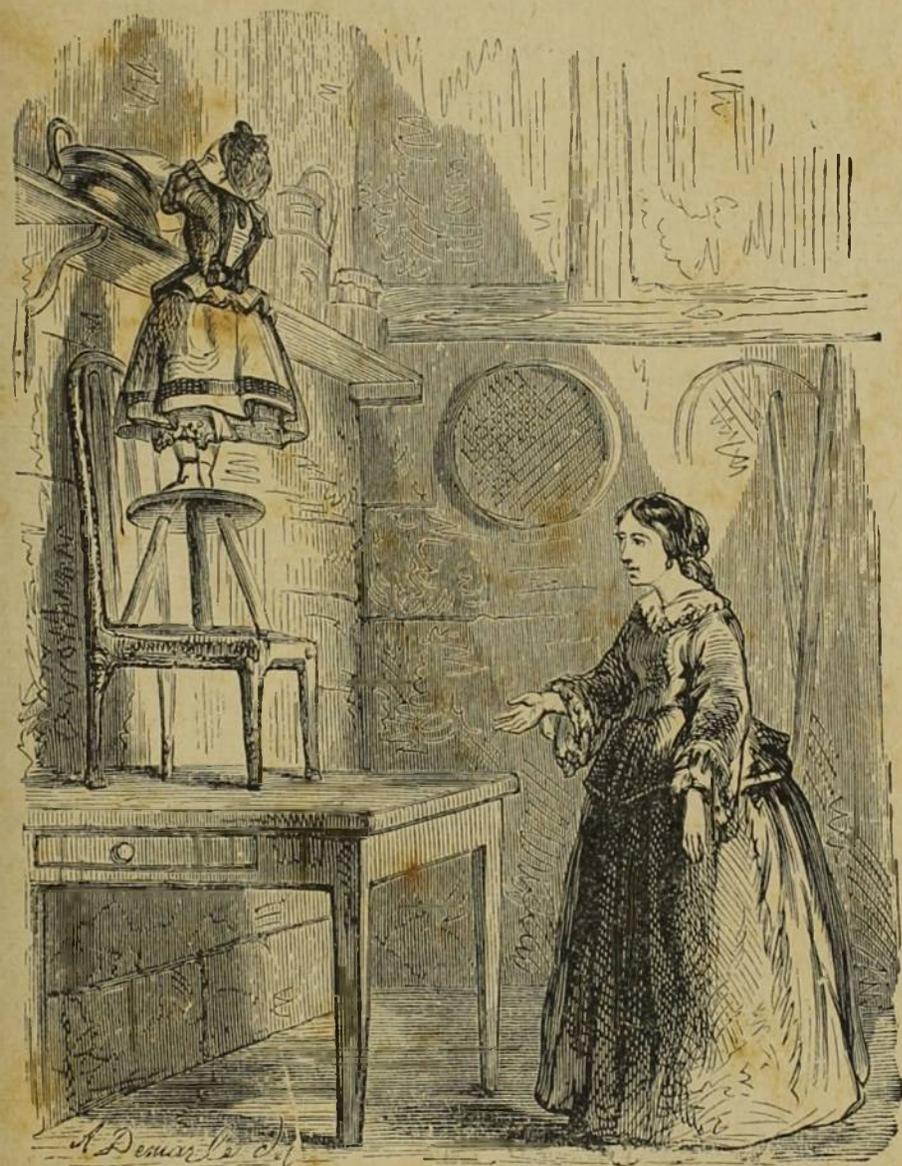
Rita puxou audaciosamente uma mesa para debaixo d'uma prateleira em que estavam os potes de leite, alguns de barro, outros de cobre, brilhantes como o ouro. E' certo que o asseio encanta os olhos.

Após alguns as forças e com o auxilio d'uma cadeira, ella trepou em cima da mesa, levantou a cabeça, estendeu os braços, como um gato que sente faltar-lhe as forças para saltar sobre a presa. Como por uma inspiração divina, que dá sempre tempo para reflectir antes de commetter o mal, a cousa desejada ainda estava, como se diz, a uma legua ; isso, porém, pouco lhe importava, e Rita não quiz ouvir sua consciencia que lhe dizia baixinho : Sahe d'ahi, Rita ! sahe d'ahi !

Ella ficou ; desceu, e conseguiu, com obstinado trabalho, collocar em cima da mesa uma pesada cadeira e por cima d'esta um banco. Tudo aquillo parecia uma montanha, um mastro de sebô, com a creme lá no alto !

Resolutamente trepa n'este andaime, e, sem poder alcançar os potes de leite que lá estavam como terriveis testemunhas do delicto, ella

stende os braços, procura molhar a ponta dos  
edos no delicioso liquido e põe-se a chupal-os.



Isto é certamente uma acção que nos faz subir  
o rubor ás faces.

Pela terceira vez Rita introduzia a mão nos

potes de leite e com profunda imprevidencia se deleitava, quando uma voz, que ella julgou ser a do juizo final, disse com precaução e lentamente para não fazel-a cahir ou talvez morrer :

— E então, Rita? que significa isto?

Rita, assombrada, retirou a mão tão brusca-mente, que, sacudindo o pote, este veio cahir de bocca para baixo sobre sua cabeça, penetrando até seus hombros.

A generosa tia ficou consternada. Vendo a sobrinha cambalear sob o duplo peso do arrependimento e do pote de leite, foi apanhal-a em seus braços, e a pobre Rita, molhada como um naufrago, com um chapéu tão feio na cabeça, não podia pronunciar uma palavra.

Isto, porém, não é nada; quando se trata de arrependimento e de expiar uma falta, no começo tudo é côr de rosa: justamente na occasião em que se passava tão triste acontecimento, os primos de Rita entraram e vendo o estado em que ella se achava, puzeram-se a gritar: « Olha a gulosa! olha a gulosa! » As pernas de Rita tremiam como varas verdes e a punição era severa de mais!

Levaram-n'a, com a precaução que se deve mesmo ao culpado, que se não pôde defender, levaram-n'a, repito, até á porta da rua, e os transeuntes perguntavam: « Porque razão esta menina está com um pote de leite na cabeça? »

Um triste e humilhante silencio seguia-se a esta pergunta que ella ouvia d'aquella especie de prisão sonora que repetia as palavras n'um tom secco e medonho. E os transeuntes continuavam o seu caminho fazendo as mais amargas reflexões.

Sua tia, que tinha prohibido que os primos de



Rita continuassem a gritar e pular á roda da culpada, teve a delicadeza de não retirar o pote de leite senão quando já estava no interior, para que ninguem visse o estado em que se achavam o rosto e a cabeça de Rita.

A menina que parecia morrer sob tal affronta, e ainda assim mesmo cheia de reconhecimento para com seu juiz, apenas poude articular estas

palavras: « Minha tia ! » Sua tia não fallou mais sobre tal assumpto. Isso, porém, não impediu que um grande numero de pessoas soubessem do facto, e eu o conto, não por odio a Rita, que se arrependeu sinceramente, mas para que aquelles que me lerem aproveitem da lição para evitar o severo castigo.

A consciencia é o nosso melhor amigo :  
Ella vive comnosco  
Até que a morte nos venha surprehender  
Quando não se póde com franqueza:  
Bôa noite, minha consciencia,  
dorme-se mal.





## O CALOTEIRO

Eu desejava, pelo amor que dedico a todas as crianças, poder cural-as do desejo de pedir cousas emprestadas. Esta mania de se apropriar por algum tempo d'aquillo que pertence a outrem dura algumas vezes a vida inteira, perturbando-a e envergonhando-a. Henrique, pelo menos, corrigiu-se d'este defeito, e isto me causa grande satisfação.

Elle cobiçava tudo quanto pertencia aos outros! Possuir o tal objecto era para elle uma necessidade real, e como não podia satisfazer a todos os seus caprichos, não ousando dizer francamente : « Dá-me isto, » o que pelo menos seria leal, elle empregava meios e modos para se apoderar dos bens dos outros, e por isso dizia : « Empréstame isto. » Quasi sempre accediam ao seu pedido, Quantas contrariedades, porém, não

resultavam d'ahi, porque Henrique nunca restituia. Elle era não sómente esquecido como pouco cuidadoso e quando, após inumeras reclamações, protestos, que tanto alteram a amizade das crianças como a dos homens, restituia em fim o que usara como proprietario dissipador, mas tudo estava sujo, rôto ou quebrado.

Tal conducta fez-lhe uma detestavel reputação. Um dia, alguém disse a seu respeito :

— Não lhe emprestes o que não quizeres perder.

— Foi o que fiz, respondeu um menino prudente; reflecto antes de emprestar, e quando accedo ao pedido, digo comigo mesmo: « E' uma dadiva e não um emprestimo. » D'esse modo elle evitava esperar, e a pena de ficar mal com alguém, porque quem tem o habito de pedir emprestado sempre se zanga quando se lhe reclama e responde invariavelmente; « Não se encommode; eu lhe restituirei. Não tenho por habito guardar aquillo que não me pertence! »

Tendo ouvido taes reflexões, Henrique enrubeceu; sua consciencia, porém, calou-se, e adormeceu. « Não foi para mim que disseram isso! » pensou elle, com a má fé da preguiça, que tambem pede emprestado más razões ao orgulho.

E esqueceu-se que, havia mais d'um mez, elle guardava a espada de folha de Flandres de

Affonso, com a qual elle tanto se esgrimira no seu quarto, tendo o muro como adservario, espada essa que já estava transformada em sacca-rolha.

Um domingo, havia um grande numero de pessoas reunidas em casa de sua mãe. Calmo como a innocencia, Henrique jantava, e ria-se com o rir



dos que tinham a consciencia tranquilla, e se supunha a cem leguas de distancia d'uma affronta.

De repente, ouviu-se a campainha; alguém fallava na escada; a voz, a principio surda, foi se elevando pouco a pouco.

— Quem é? perguntou a mãe de Henrique.

— E' alguém que deseja fallar a Henrique.

— Manda entrar. Henrique não tem segredos para nós.

E fizeram entrar a criada do menino Affonso.

Henrique suppoz que a cadeira e a mesa se enterravam pelo soalho dentro. Seu olhar vago fixou-se sobre a mulher que entrava, e elle teria dado a sua ultima gotta de sangue para que nunca tivesse pedido emprestado cousa alguma. Votos tardios e pungentes!

— Que desejas, Ernestina? perguntou attentosamente a mãe de Henrique, pensando talvez que se vinha convidar o filho para algum theatrinho de bonecos, de que elle se occupava.

— Minha senhora, respondeu com respeito a criada, venho buscar a espada do *seu* Affonso. Ha mais de um mez que *seu* Henrique pediu-a emprestado, e como não ha meio de fazel-o restituir, então vim ver a senhora para obrigar seu filho a entregar aquillo que não lhe pertence.

Todos os convivas olharam uns para os outros com tal surpresa que a mãe de Henrique sentia seu peito estreito de mais para conter o coração. Que golpe terrivel para a pobre mãe! que tristeza de ver Henrique com as faces vermelhas, prestes a succumbir diante de tal humilhação! Oh! como sua mãe era digna de lastima! O embaraço de Henrique pungia-lhe a alma! Quanto amor e quanta tristeza se manifestava no seu silencio!

É facil julgar-se quando se souber que todos os convivas estavam com os olhos cheios de lagrimas e que todos cruzaram o talher.

A corajosa mãe, porém, ordenou com voz



calma que o filho fosse buscar o objecto reclamado, sem prever a nova humilhação a que o ia submeter.

Henrique, cabeça baixa, atravessou a sala de jantar sob o olhar de todos os convivas, e voltou minutos depois com o objecto emprestado em tal

estado que ninguem soube dizer o que era. Como tudo isto era humilhante para a pobre mãe!

Pegando nas mãos de seu filho, ella disse com terna severidade :

— Tu te enganaste, Henrique! não é isto que te reclamam... E atirou o objecto no chão.

Em seguida, abrindo o armario em que ella guardava as surpresas para Henrique, tirou d'alli uma magnifica espada, não em folha de Flandres, mas de aço, com um elegante cinturão de marroquim encarnado com frisos dourados.

— Eis aqui, disse ella, o que tinha destinado para dar como festas a Henrique, por saber o gosto que elle tem pelas cousas militares. Diga a seu amigo Affonso que é com a maior satisfação que Henrique lhe envia esta espada, sintendo-se muito feliz por poder restituir o que elle tão indignamente destruiu.

As mãis boas e prudentes  
fazem comprehender a seus filhos que quem pede emprestado  
por profissão não é senão um  
gatuno prudente.

---



## O JOVEN DANSARINO

Nunca vi Eduardo dansar tão animadamente como no dia em que elle dansava á roda d'um balde cheio d'agua que estava no quintal da casa de suas tias.

Elle pulava, saltava, com tal ligeireza e alegria que as pernas mais preguiçosas teriam inveja. Os gritos que soltava não podiam exprimir senão a mais bella acção do mundo; suas tias, pelo menos, assim pensavam, olhando admiradas para a satisfação do sobrinho. A curiosidade obrigou-as a vir ao jardim, muito felizmente para elle, no momento em que Paqueta, uma bonita gata ordinariamente tão calma, que, levada pelo exemplo ou pelo instincto de vingança, pulava em cima de Eduardo e arranhava-lhe o rosto com uma energia egual ao enthusiasmo de Eduardo em se divertir. Gritos que não eram mais de victoria chamaram a soccorro tudo quanto vivia em casa, e

foi com difficuldade que se conseguiu arrancar o furioso animal de cima de Eduardo.

— Má! gritava elle, tu me arranhas!

É facil julgar da surpresa e da indignação de suas tias, as melhores tias que se póde encontrar, quando viram nadar no balde d'agua, os tres filhinhos, ainda de olhos fechados, da infeliz Paquita. Os gemidos da pobre mãe desolada vos tiriam certamente entristecido mais do que o estado em que se achava Eduardo: porque, comquanto elle tivesse quasi perdido os olhos, n'esse combate, em que Deus era pela innocencia, a justiça dominava a ternura no coração de todas as testemunhas d'aquella má acção, que tinham accorrido aos miamdos dos gatinhos, aos clamores das tias e do joven cruel.

Apresso-me dizer que as tres victimas foram salvas, entregues á mãe, que em pouco tempo á força de caricias os fez esquecer o máo quarto de hora que passaram. Tornaram-se bellos como Paquita, e viveram estreitamente unidos sob esse tecto que escapou de servir-lhes de tumulo. Elles guardaram apenas uma aversão profunda ao balde d'agua, porque para elles era um rio!

Amarraram um lenço nos olhos de Eduardo. Suas tias estavam envergonhadas porque isso lembrava a todo o mundo o vergonhoso acontecimento em que o sobrinho fôra ferido. A partir d'essa epo-

ca, Eduardo detestou essa má hora de sua vida, e nunca poudes se figurar o phrenesi dansante que se apoderara d'elle, nem explicar esse barbaro gosto que elle tomara de se transformar em sacrificador de gatos. Elle não dança mais á roda de



baldes, e evita por tal modo as inspirações brutaes, que, antes de agir, procura saber se as suas acções não poderão ser prejudiciaes a alguem.

Apenas curado dos arranhões de Paquita, o ex-dansarino foi perguntar á sua tia como elle poderia evitar de pular, como se elle não fosse senhor de suas pernas. Sua tia, depois de ter reflectido, disse-lhe alguma cousa no ouvido, á moda dos Arabes quando dão conselhos aos seus cavallos.

Os bons conselhos da tia se terminavam por estas palavras : « Que estejas só ou acompanhado, defende-te de ti mesmo. »

É sem duvida por isso que, desde então, Eduardo repete continuamente :

« Meu Deus! defendei-me de mim mesmo. »





## AS MÃOS LIMPAS

Adriano era um menino muito cuidadoso. Tudo



quanto lhe pertencia estava sempre na melhor ordem, e todos os dias escovava a sua roupa. Por

isso, constantemente lhe perguntavam : « Tua roupa é nova, Adriano? » Sua mãe mostrava-se orgulhosa de semelhante cousa, e era natural, porque uma criança que gosta de andar limpa é uma boa criança. Nunca ninguém o viu andar na lama; ninguém se lembra de ter visto Adriano com as mãos sujas ou com uma mancha na roupa. E elle tinha apenas quatro annos! Era pois com indisivel prazer que sua mãe o deixava abraçal-a e fazer-lhe essas mil caricias tão communs em um bom filho. Não havia nada de mais precioso para sua mãe do que um abraço de Adriano!

O azeite é o mais bello adereço de todas as idades.





## O CÃO ADVOGADO

Conheci um menino cujo nome não divulgarei. Este se reconhecerá talvez na historia que vou contar, mas fingirei não saber que se trata d'elle : nunca se deve dizer o nome das pessoas de quem se falla mal.

O menino em questão tinha um cachorro ; um bom cachorro que nunca pulava em cima da gente, nem mordia as crianças, como ha tantos cachorros. Apenas elle ladrava e preservava, com activa vigilancia, a casa do seu dono do assalto dos ladrões. Assim que o menino gritava : Vigilante ! Vigilante ! elle accorria e o acompanhava por toda parte. Todos os exercicios que os cachorros fazem nos circos, Vigilante os fazia com a maior graça e agilidade. E entretanto elle era tão maltratado pelo menino ! Um dia, elle chegou mesmo a amarrar uma pedra na cauda do bom animal, e chicoteou-o por tal modo para fazel-o correr com o doloroso peso, que Vigilante estava todo ensan-

guentado. O pobre cachorro, apesar de submisso, lançava-lhe olhares cheios de resentimento.

Um homem, vendo a crueldade da criança, agarrou-a, tirou-lhe o chicote da mão, e, com braço vigoroso e vingador, infligiu-lhe merecida correção. Isso, porém, não foi tudo : amarrando a pedra no pescoço do menino, o fez correr por sua vez á força de chicotadas.

— Então, senhor Tyrano, disse elle, o que pensa da brincadeira? Julga ser bom ser tratado como trata o seu cachorro?

O menino calou-se, pallido e vergonhoso; o ardente Vigilante, porém, latia lamentosamente, como pedindo graça. Seus olhos vermelhos pareciam cheios de lagrimas, e, tal como um advogado, estendia as suas patas dianteiras.

— Se o teu cachorro não te defendesse com tanta eloquencia, disse o homem, eu te teria feito atravessar toda a cidade d'este modo. Adora, pois, o teu cachorro; é elle que te livra de tal decepção. E retirou a pedra que estava amarrada no seu pescoço.

— Senhor, disse o menino arrependido e acariciando o cachorro que com tanta doçura olhava para elle, leve Vigilante comsigo; tornei-o muito infeliz para ousar conserval-o ainda em minha casa.

— Não acceito o offerecimento, replicou o ho-

mem; leve o cachorro para casa e trate de reparar a injustiça que commetteu. Separal-o de ti será para elle uma grande tristeza.

— Creio que Vigilante não quererá mais me



acompanhar, disse o menino muito humilhado e soltando um profundo suspiro.

— Pois façamos uma experiencia : vá andando e eu chamarei Vigilante para ver se elle fica comigo.

O menino, muito ansioso, poz-se a andar, enquanto o homem assobiava 'para ver se Vigilante vinha para seu lado.

Vigilante, porém, tinha mais que fazer!

— Eis-me aqui! parecia elle dizer ao menino, fazendo-lhe festa.

— Fazes muito bem, Vigilante! dizia o menino com os olhos cheios de lagrimas e abraçando o animal como a um amigo.

Não enervai o remorso; elle é como uma lanceta que fere para curar.





## O MENINO PERGUNTADOR

— Porque razão o sol não apparece de noite? perguntava o menino Alberto aos quatro annos de idade; a gente veria muito mais claro!

— É porque é o sol, respondeu a mãe, que faz o dia. Se elle viesse de noite, não haveria mais noite.

Alberto ficou muito admirado.

N'essa occasião elle atravessava a rua mais larga da capital, e, no horizonte, a lua subia, vermelha e magestosa.

— Nunca vi aquella lua! disse elle. Aonde está aquella de hontem?

— É sempre a mesma, com a differença que hoje o sol lhe bate mais em cheio.

— E quem fez estas duas bellas cousas?

— Deus! que te deu uma mãe e que me deu um filho.

— Como eu adoro esse Deus!... E após um lon-

go silencio, perguntou : Mas não ha senão um Deus no céo?

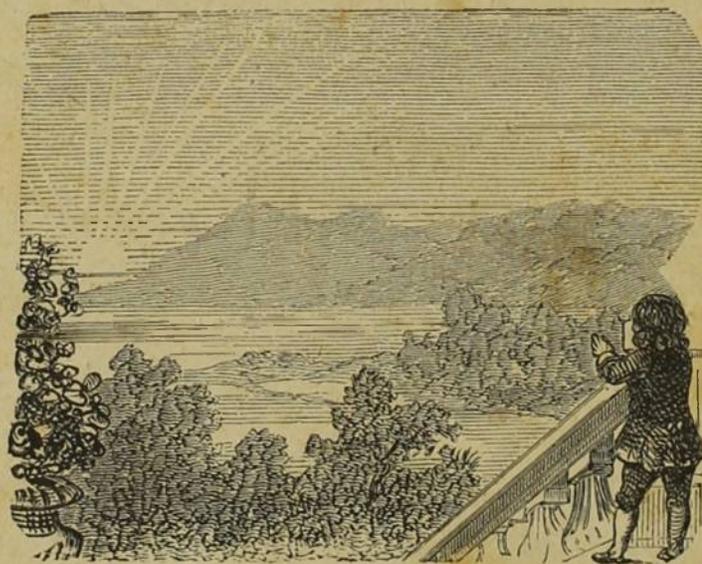
— Um só.

— Ah! Tanto melhor! replicou elle com alegria.

— E porque tanto melhor?

— Porque se fossem dois haveria certamente discordia entre elles, e... não haveria mais um Deus justo e bom!

Não se deve julgar Deus segundo os homens.





## A ESMOLA

Um domingo de verão tinha chovido todo o dia. As janellas estavam molhadas, as ruas enlameadas, e as crianças não podiam sahir.

De repente Jacintha, irmã de Margarida, que olhava através das vidraças d'uma larga janella, viu apparecer, entre duas nuvens, o primeiro circulo dourado da lua.

— Venha ver a lua, minha mãe! disse ella. Parece um relampago immovel!

— Poderiamos sahir agora, redarguiu seu irmão, porque a rua deve estar tão limpa como o céu.

— É muito tarde, disse a mãe.

— Como assim, mamãe? podemos ir, ao menos, até á confeitaria!

— Com effeito, respondeu ella sorrindo, a confeitaria está ali de frente, como que te estendendo

os braços. Toma, Margarida, vai lhe offerecer esta moeda, para ver o que ella diz.

— Um biscoito, mamã, grande como o meu braço; a senhora vai ver.



Em tres pulos ella desceu a escada, e atraz d'ella sua irmã, contente e timida, até á porta, aonde esperou como se espera um irmão... e um biscoito.

Jacintha voltou, mas com as mãos vazias; no primeiro degráo da escada, as duas puzeram-se a fallar no ouvido uma da outra; mas a mãi que, da janella, assistira a scena passada, as observava lá de cima.

Eis o motivo da confidencia :

Um pobre estava na porta da confeitaria impedindo a passagem. Era um velho e cego... Piedade! todos os biscoitos da terra desappareceram de diante dos olhos da menina caridosa. Parada diante do velho, sem ver a confeitaria, notando que o pobre homem não tinha mais olhos para comprehendel-a, Jacintha discretamente poz-lhe a moeda na mão, dizendo :

— Tome cuidado, senhor pobre! esta moeda vale muitos biscoitos!

O pobre estremeceu de alegria.

A mãi de Jacintha sentiu as lagrimas virem-lhe aos olhos. As filhas subiram a escada, a mãi abraçou-as e não fallou dos biscoitos.

Jacintha e Margarida foram para o quarto, se contentando de comer um pedaço de pão, que parece tanto melhor quando elle é comido depois de se ter praticado uma boa acção.

No dia seguinte, o sol inundava a cidade de luz e alegria.

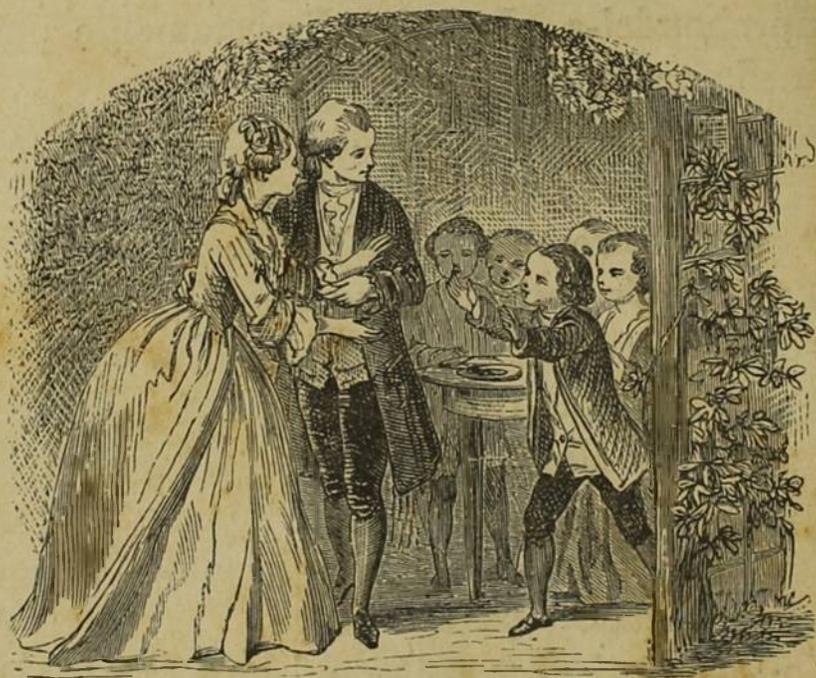
O almoço está servido e toda a familia apparece; tudo deve ser bom, todos estão com fome. Mas,

oh! dupla surpresa, um prato cheio de biscoitos lá está em cima da mesa.

— Oh! de onde vêm elles? de onde vêm elles, mamãe?

— É um presente que te envia o pobre de hontem, disse a mãe sorrindo. Vocês não sabem quanto os pobres são ricos nas suas preces. É Deus quem se encarrega de pagar por elles.

O que vale ouro é de ouro.





## O JOVEN CHINEZ

Um menino, que mais tarde tornou-se um dos homens mais eminentes do mundo, tinha, ainda muito criança, o gosto da reflexão e do ensino tão desenvolvido, que elle procurava sempre ensinar

às outras crianças o que ellas ignoravam, e o que elle acabava de aprender. O interesse e a doçura com que procurava inculcar aos outros o que elle sabia, permittia prever que um dia esse Chinez (era um Chinez), captivaria a attenção dos mais indifferentes e tornar-se-hia o guia dos cegos. Isso não quer dizer que elle se parecesse com esses horrendos monos que se vêm nos leques e nas mesas de madreperola que ornam os salões. Esse joven pensador possuia, no oval de seu rosto serio e pensador, toda essa graça attribuida ao joven Daniel da Biblia. Na idade de tres annos, tendo adivinhado a muda intelligencia do gato que tanto elle estimava, poz-se a desejar a sua emancipação.

O joven Chinez entrestecia-se por ver que elle não lhe respondia senão por confusos miados, intelligiveis, em vez de respostas claras e precisas que elle tanto desejava obter em agradecimento a tudo quanto fazia por elle. Muito benevolente, e muito mais do que seus camaradas mais velhos, jamais o odio e a censura puderam se aninhar em seu joven coração. Quantas vezes elle não foi visto sentado á porta de casa, com o animal no collo, que se mostrava docil, intelligente, para se prestar aos desejos de seu joven superior, passando delicadamente sua pata por cima de cada letra do alphabeto, e, em seguida dizia : « Basta por

hoje; recomeçaremos amanhã e procurarás aprender um pouco mais, porque eu levei muito tempo para saber o que te ensino », e o gato, livre, estirava as patas, e, allongando voluptuosamente o pescoco, punha-se a dormir ao lado do Chinez.

Mais d'uma vez, sem ser visto, o pae encontrara seu filho entregue á esse acto de dedicação singularmente persistente e cheio de ineffavel graça. Isso fez-lhe conceber a secreta esperança de que o filho seria mais paciente, caridoso, e mais digno d'estima do que muitos homens, e elle não se enganava.

Por um dos mais bellos dias do anno (o sol brilhava com todo seu esplendor) a criança, já um pouco mais velha, admirava os passaros descrevendo no ar as mais graciosas curvas, e um dos filhos do vizinho, que apenas podia estar de pé, engatinhava por cima da grama do jardim. O gato era a unica testemunha d'esta scena. Seu joven senhor não desesperava de ouvir um dia aquella voz que até então não se elevava acima do monotonno « miau! miau! » que o assemelhava a todos os gatos d'esse paiz que passa por ser tão lettrado.

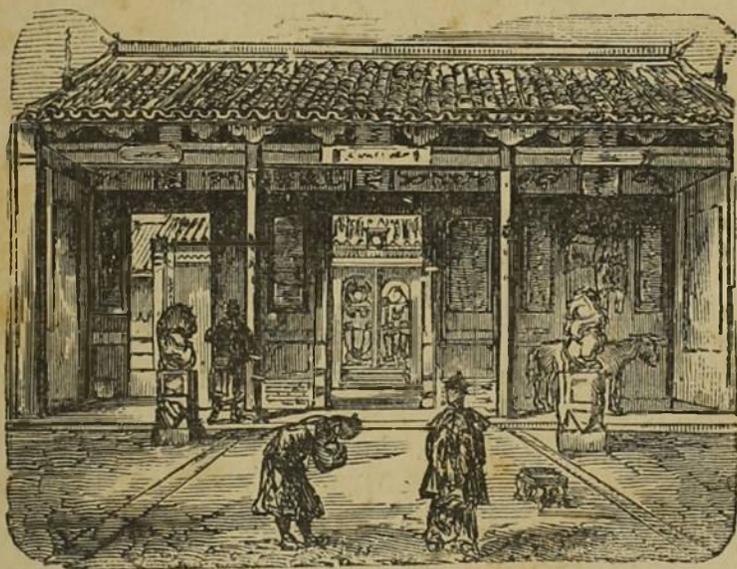
Emquanto os pais, tranquillamente, tomavam o chá e conversavam na sala de jantar, elles deixavam um pequeno ser, apenas desmamado, se di-

vertir no jardim, perto d'uma cuba cheia d'agua, que servia para regar as plantas e aonde os passaros vinham beber. A criança, sem que se saiba como, conseguiu trepar na cuba, e poz-se a admirar a agua, rindo-se por ver um lindo rosto que ali se reflectia. O pobre menino, transportado de alegria, quiz estender as mãos para acariciar esse menino que vivia no meio dos peixes. O brusco movimento fez-lhe perder o equilibrio, precipitou-se na cuba, cabeça para baixo, e em pouco tempo achou-se no meio dos peixes.

O bruido causado pela quédia do corpo dentro d'agua, chegou aos ouvidos do joven leitor, seu camarada, que, levantando os olhos, accorreu precipitadamente, soltando gritos de soccorro para salvar o vizinho que se afogava. A principio ninguem ouviu aquella voz infantil ferindo o ar, e o gato que andava á roda da immensa cuba. Apenas se via as pequeninas mãos inertes da criança. Era em vão que o outro menino pulava desesperadamente para alcançal-as. De repente, depois de ter levantado os braços para o céo, sentiu uma idéa atravessar-lhe o cerebro; elle apanhou uma pedra, e, com toda a força de que era capaz, quebrou a cuba de porcellana. A agua derramou-se por todos os lados, e a criança lá estava no fundo deitada e salva. A explicação que elle deu por ter quebrado a cuba, não lhe mereceu censura. O pai,

olhando para elle com piedosa commoção, disse :  
« E' de bem alto que te veio a ordem para quebrar  
a cuba, e eu te abenço. »

O menino chamava-se Confucius.





## O JOVEN PRINCIPE S... OF.

Um menino que não tivera tido tempo de se vestir inteiramente, tal era a sua preocupação, corria mais do que andava, por uma grande estrada que havia ao sahir d'uma das cidades da Italia. Os segadores, vendo aquelle menino sem jaqueta e sem chapéu, olharam uns para os outros como se elles se interrogassem, e disseram : « Aonde irá aquelle menino ? Que poderá ser aquella coisa encarnada que elle leva nas mãos ? E sem chapéu nem jaqueta ! elle vae apanhar uma insolação ! »

O menino, porém, absorvido pela idéa que o atormentava, surdo e cego, lá ia sempre correndo, com os olhos fixos no ponto que desejava attingir. Em pouco tempo elle já estava longe, e os cegadores puzeram-se de novo a trabalhar, mas muito intrigados : « Mas que diabo poderá ser aquella

coisa encarnada que elle levava nas mãos e que brilhava como se fosse de ouro. Fazia mal aos olhos... E como elle corre! parece ter pernas de veado! » E elles pensaram, pensaram e acabaram por esquecer. A colheita apressava, o sol batia em cheio e o trabalho absorvia os homens.



Não havia ainda uma hora quando elles viram ao longe um bando de criados com lindas librés acompanhando um fidalgo. Este, muito inquieto, olhava para todos os lados, ora fazendo o cavallo galopar, ora parando para interrogar aqui um camponez, mais adiante um pastor, sem receiar o suffocante calor. Ao se approximarem dos cegadores gritaram : « Cegadores! não viram por

acaso um menino passar por aqui, correndo e sem chapéu? »

Os cegadores levantaram a cabeça para ver todas aquellas lindas librés douradas, e disseram ter visto passar um menino, não correndo mas voando, levando nas mãos uma coisa vermelha e dourada como alguns santos que se vê nas igrejas.

O principal cavalleiro enxugou a fronte innudada de suor, e de novo dirigem sua anxiedade para o longo da estrada aonde, a força de informações, elle chegou a uma aldea que o menino acabava de atravessar. Foram enconral-o do outro lado, cheio de enthusiasmo, sem parecer fatigado do percurso que acabara de fazer, livre e serio como um passaro que procura um telhado conhecido. Elle não pareceu surpreso da presença do cavalleiro que era seu pai, por tal modo elle julgava necessaria e urgente a viagem que entendeu emprehender sem prevenir pessoa alguma, mas tambem sem occultal-a. Não abriu a bocca, porém. O pai, apesar de sua colera, não podia dissimular a alegria de ter encontrado o filho, e examinava o transfuga no costume em que partira.

O interrogatorio a que o joven principe foi submettido (era o principe S...of, então na Italia com sua familia) deu em resultado, sem resistencia e sem dissimulação a historia que se segue. Foi a

*Alma do trigo* quem nos contou e que lhe fôra contada pelo principe alguns momentos antes da morte d'este. Se o poeta que chamamos a *Alma do trigo* ler o nosso conto, reconhecerá a fidelidade de nossa memoria.

Antes que o menino quasi despido respondesse com candura ás perguntas de seu pai, este vira, não sem surpresa, que a linda cousa vermelha e dourada, mal descripta pelos segadores, era um grande polichinello, que sua mãe lhe tinha dado para augmentar a sua bella collecção de brinquedos.

— Quando minha boa mãe me deu este bello polichinello, disse elle, diverti-me com elle durante dois dias e fiquei muito contente. Depois pensei comigo mesmo : Toni, que teve tanto cuidado de mim em Tivoli quando fui atacado da *malaria*, Toni que tanto fez para me distrahir, Toni não tem um polichinello. Que posso eu dar a Toni de mais bello, e que o alegre tanto como a mim? Creio que nada! E decidi trazer-lhe o presente. Parti. Toni me teria reconduzido esta tarde, *signor padre*, accrescentou elle. D'esse modo procurava me desobrigar para com o bom Toni. O senhor não pensa assim, meu pai?

— Ah! disse severamente o pai, não lhe devemos obediencia, senhor. Trata-se de voltar o mais depressa possivel; então não pensa que sua mãe

está banhada em lagrimas, fazendo as mais dolorosas conjecturas e tudo isso por sua causa?

— Mas, respondeu o menino, eu disse a um criado que não me demoraria. Ah! eu ia voltar immediatamente para ver minha boa mãe!

— E volte já, sem perda de tempo, replicou o



principe pegando no filho que, mudo e sem resistencia, se deixou pôr em cima do cavallo, apertando tristemente o brinquedo nos seus braços cruzados. Elle pensava que ia ser punido, mas a unica idéa que o atormentava era de não ver rir seu amigo Toni, ao receber, como presente, o lindo polichinello.

— Que vão fazer de mim? perguntou elle coro-

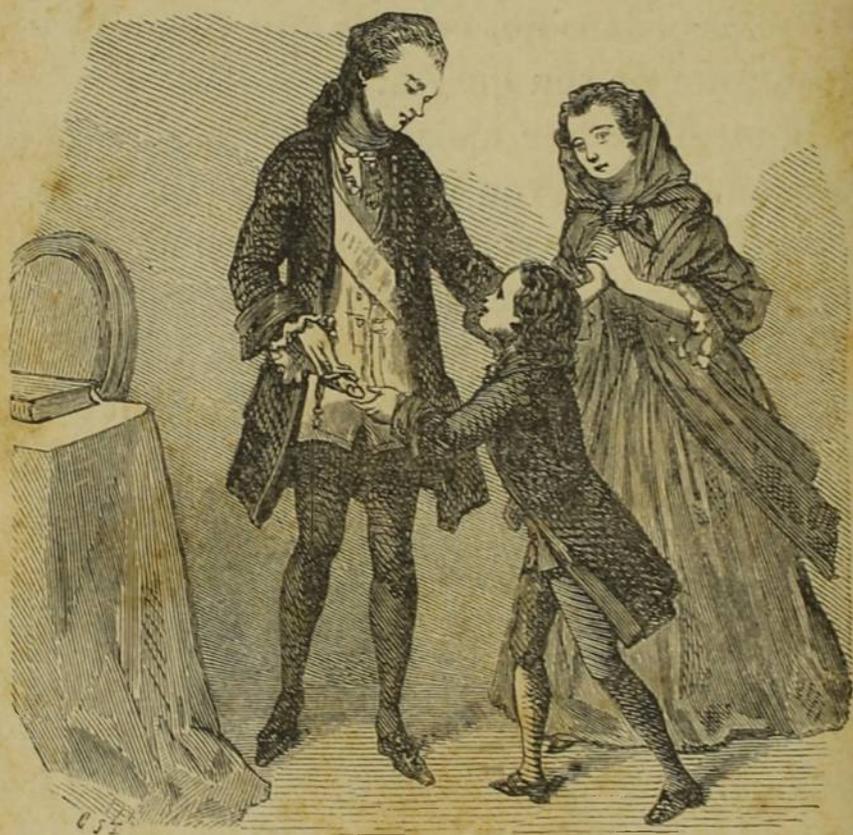
josamente a sua mãe, depois que ella, involuntariamente, apertou-o em seus braços.

— Ai de min! ignoro a tua condemnação, disse ella, mas é preciso que nos submettamos á justiça de teu pai. E docemente elle beijou-lhe as mãos, pondo-se ás ordens dos criados que o conduziram e o fecharam no seu quarto.

— Bom, disse elle após um longo silencio durante o qual conservou sempre os olhos fixos no polichinello, eis-me preso, como os condemnados. Pois bem? não direi uma palavra; comerei d'este pão — e elle o comia; comerei estas fructas; beberei esta limonada que minha mãe fazia tão bem. Aqui, desprezo tudo quanto é bom, mas não direi uma palavra; passarei toda a minha vida sem me queixar.

E' impossivel descrever o quanto elle se aborrecia n'aquelle quarto incessante e mysteriosamente visitado por não se sabe que mão invisivel que alli introduzia, como por milagre, uma laranja, uvas muscatel! até rosas, cravos, e tudo quanto os prisioneiros desejariam ver chover por entre as grades de sua horrivel prisão! E apezar de tudo isso, quanto elle se aborrecia fechado n'aquelle quarto, apezar das risonhas paizagens que ornavam as paredes. Todas as prisões são obscuras disse um prisioneiro, e para Luiz (era assim a nome do joven principe) bastava fecharem-lhe a porta de seu

quarto para que tudo quanto lhe rodeasse se revestisse d'essa sombria côr que faz chorar até a propria natureza. Luiz, porém, não chorou. Sua consciencia estava tão tranquillã como a do seu



companheiro em papel-cartão que lá estava em cima d'uma cadeira, com a bocca desmedidamente aberta. E como elle julgou no fim d'algumas horas, se ter submettido a um longo exilio, preparou-se para supportar todo o rigor da solidão. Retirou primeiramente a camisa cheia de poeira e

molhada de suor, e, em seguida, as calças e as meias. Depois, imitando os soldados que uma occasião elle vira atravez do portão do quartel, metteu tudo dentro da bacia cheia d'agua, e, completamente nú, como quando o bom Toni o fazia tomar banho, elle poz-se a lavar a sua roupa com um sangue frio digno d'um Spartiata. — Ao menos assim estarei limpo, pensou elle, e como não poderei mudar de roupa todas manhãs, eu a lavarei.

E assim fez elle, estendendo na janella toda a roupa molhada. E a mãe, sem ser vista, com o coração opprimido, sorria ao ver o filho entregando-se á expiação d'uma falta tão leve. Seu marido, que ella tinha chamado para servir de juiz, pareceu extremamente commovido ao ver esse bizarro cuidado que revelava um grande espirito de ordem.

O sol ainda brilhava na campina sobre a qual se abria a janella do quarto do prisioneiro, quando Luiz, deitado na cama e quasi adormecido, ouviu passos no corredor. A porta se abriu; Toni, com o seu sorriso tão influente sobre a joven alma, entrou no quarto e vestiu o menino que se tinha precipitado nos seus braços.

— Então, *signor padre*, me permette de lhe offerecer meu polichinello? disse elle beijando as mãos do pai.

— Sim, disse o pai. Elle acaba de chegar no carro, e iremos reconduzil-o assim que estiveres vestido. A gratidão te salvou. Meu bom Toni, eu tambem te provarei a minha.





## O BATEDOR DE PORTAS

EM CINCO PARTES

### O PORTEIRO



Não creio que ainda haja crianças tão destimidas como o Antonio. Elle era o terror dos porteiros, o diabrete dos criados, o peza-dello dos proprietarios. Esse pequeno corredor de ruas passava por ser o chefe de um bando audacioso, que, todas as tardes ao sahir da escola, era por elle conduzido. Não havia uma porta, uma campainha, que escapasse á sua investigação.

Pan! pan! batiam elles nas portas. E, fugindo, iam se esconder um pouco mais adiante; a porta se abria, e o bando punha-se a rir.

O porteiro, não vendo entrar pessoa alguma, punha a olhar para todos os lados e, muito contrariado, fechava a porta. Alguns minutos depois, recomeçavam o mesmo manejo.

Pan! pan! e os cinco meninos punham-se a correr de novo. O porteiro era obrigado a abrir a porta outra vez e a fechá-la, lamentando não poder torcer o braço insolente que vinha perturbar seu repouso. Era, porém, em vão!

Mas o proprio sentimento do repouso o arrancava da sua immovel profissão. Disfarçadamente elle se dirigia para o lado em que suppunha escondidos os malfeitores.

Mas, se por acaso, se approximava do lugar em que elles estavam, fugiam com tal agilidade que passavam por entre seus braços estendidos, fazendo voar o chapéu do pobre homem e soltando gritos tão agudos como os da coruja. Levavam mesmo a insolencia a cada um dar uma pancada na porta, gritando:

— Abre porteiro! abre porteiro!

A noite inteira não consolava o porteiro de ter tido tanto trabalho perdido e sem vingança. Os porteiros são vingativos.

---

## O SAPATEIRO

Quando Antonio sabia que havia campainha na porta d'uma casa, lá ia com seus amigos, e como



elle era mais corajoso do que os outros, muitas vezes affrontava o perigo.

Uma criada accorria chamada pelo terrivel toque da campainha, e, antes que ella abrisse a bocca, Antonio, levantando insolentemente a cabeça, perguntava :

— É aqui que mora o medico de meu tio?

— Quem é o medico de seu tio? perguntava a criada de mau humor.

— É o Dr... Não me lembro do nome; mas é um medico muito bom.

— Não é aqui. E outra vez não tão toque a campainha tão forte.

E lá ia o bando cheio de novo ardor. Nenhum d'elles pensava que é covardia insultar sem perigo.

Antonio, que já era bem instruido, e por quem seu pai gastava muito dinheiro para lhe dar uma educação completa, imitava cynicamente o menino cuja alegria é immensa quando sobressalta o humilde sapateiro apparecendo bruscamente junto d'elle e perguntando friamente:

— Que horas são?

E elle achava um prazer immenso em amedrontar o homem que trabalhava tranquillamente.

---

## O CORDÃO DA CAMPAINHA

Deus nunca pune com as duas mãos.

N'aquella noite, todo o bando se precipitou sobre o cordão da campainha d'um proprietario. O primeiro ataque foi inutil, porque o dono da casa estando ausente, os criados, na sala de jantar do amo, para não se encommoarem, fingiram não ouvir a campainha.

Antonio, muito contrariado porque não vinham abrir, disse: « Mas estão se divertindo comigo! » e pendurou-se no cordão da campainha, que não podendo supportar seu peso, ficou-lhe nas mãos. Um grito de victoria, muito lisongeiro para Antonio, foi soltado por todo o bando, o que impediu-os de ouvir a porta se abrir. E isso foi feito tão rapidamente que elle nem teve tempo de deixar cahir o corpo de delicto que tinha na mão, testemunha irrecusavel de seu crime. Seus companheiros fugiram espavoridos e, quando livres do perigo, disseram :

— Mas tambem porque Antonio nos dá semelhantes idéas? Sem elle eu não pensaria n'isso!

— Nem eu!

— Nem eu!

Nem eu! quatro vezes repetido, foi tudo quanto acharam para salvar o chefe do bando que elles teriam evitado. N'aquella noite, porém, elles não ceiam muito bem, e alguns d'elles até sonharam com a policia!

Antonio não sonhava. Toda sua intelligencia estava despertada pelo ar frio e vindicativo dos dois criados, seus verdadeiros senhores n'aquella occasião, resolvidos a submettel-o a rude prova. Começaram por amarrar-lhe os braços e as pernas, e dispunham-se a ir fechal-o no sotão, sob terribes ameaças. O arrogante Antonio não proferia uma palavra. Olhando para os braços e para as pernas que tanto mal lhe faziam, elle pensava quanto sua mãe devia estar inquieta... Triste posição! e se elle não chorava, seu coração ao menos palpitava por sua mãe.

— Acabemos com isso, disse um dos homens, fazendo signal ao outro para carregar o menino que apesar de empallidecer, não abaixou os olhos cheios de coragem.

N'esse momento, ouviu-se tres pancadas na porta da rua.

— É o patrão, disseram elles, porque ordinariamente toca tres vezes a campainha. Espera um pouco, joven bandido, teu negocio está liquidado. Recommenda tua alma a Deus...

Antonio pensou que ia apparecer um tigre.

Sentiu um terrível calafrio passar-lhe por todo o corpo e seus cabellos se eriçarem; mas nem uma lagrima veio turvar seu curioso olhar.

O proprietario, que era o menos terrível dos homens, não achou na perda do cordão da campainha motivo sufficiente para pôr no sotão e deixar morrer talvez o imprudente que commettera tal crime; mas depois de ter pensado nas contrariedades que tal acção pode causar ás familias tranquillias, elle ordenou que fossem buscar um carro.

Emquanto os criados tinham sahido, Antonio, na immobilidade em que se achava, sentiu que lhe velavam os olhos com se fossem jogar a cebra-cega.

O carro chegou. O proprietario, tomando em consideração a idade do menino e a sua attitude, poz-se a interrogal-o.

— Como te chamas? como se chama teu pai? aonde moras?

Antonio respondeu a tudo com voz commovida, e de modo preciso.

— És corajoso?

— Paraprehender, tenho. Para soffrer, ignoro: é a primeira vez que me deixo apanhar.

— Dás a tua palavra de honra de que não te revoltarás se te desamarrarem?

— Dou a minha palavra de honra.

— Desamarrem o prisioneiro!

As cordas foram retiradas.

— Agora vaes ser submettido a uma grande prova. Não te sentes fraco para supportal-a?

— Tratarei de ser forte, respondeu simplesmente o batedor de portas.

O juiz collocou-se diante d'elle, com um tapete cheio de horrendas caveiras, e disse aos criados:

— Retirem o lenço.

— Antonio viu todos aquelles horrendos desenhos sem o menor movimento de terror.

— Como achas isto?

— Que está muito mal desenhado, respondeu o menino que attentamente tinha olhado para tudo. Velaram-lhe de novo os olhos.

— Tens cúmplices?

— Tenho amigos, senhor. Elles fugiram... e fizeram muito bem.

— Tens uma mãe?

Antonio não respondeu, mas abaixou a cabeça; e o proprietario, que o examinava com attenção, viu duas lagrimas rolarem-lhe ao longo das faces.

— Partamos! disse o juiz, com voz grave e dominadora.

---

## VIAGEM DE ANTONIO

Antonio foi levado silenciosamente para o carro, que rodou por tanto tempo que elle se suppunha a umas vinte leguas de distancia.

De repente, uma das duas pessoas que o acompanhavam mandou parar o carro.

O proprietario, que não tinha pronunciado uma palavra durante todo o trajecto, desceu em primeiro lugar, e em seguida o outro, carregando o menino, o collocou no meio d'uma rua deserta, e depois de lhe retirar o lenço dos olhos, disse :

— Agora saia d'ahi. Voltaram para o carro que Antonio viu desaparecer na noite profunda.

Durante alguns instantes elle ficou immovel e inconsciente. Aquella nova cidade lhe parecia cheia de casas, cujo aspecto elle achava bizarro. E agora que era para elle uma imperiosa necessidade bater n'alguma porta para evitar uma noite terrivel, não havia uma campainha que despertasse sua paixão. Sentou-se, suspirando, n'um banco, que elle acceitou como cama, não sem dizer tristemente :

— Ah! como os bancos são mais largos do que na minha cidade! e os bicos de gaz, meu Deus! como illuminam pouco... Haverá por acaso alguem

que habite estas humidas casas?... Mamã! minha querida mãe! se a senhora soubesse aonde estou, como não correrias para me vir buscar! É verdade que sou bem culpado; mas apesar d'isso a senhora não teria coragem de me punir tão cruelmente, porque enfim estou perdido!... E as lagrimas de Antonio corriam abundantemente.

— Meu Deus! exclamou elle, por acaso me terás abandonado?

---

### O ANJO BOM

De repente, appareceu um homem. Antonio levantou-se.

— Não tenhas medo, meu joven amigo, disse elle.

— Não tenho medo, respondeu o menino; que mal me poderias fazer?

— Nenhum, se me disseres a verdade. Quem és?

— Sou um menino perdido.

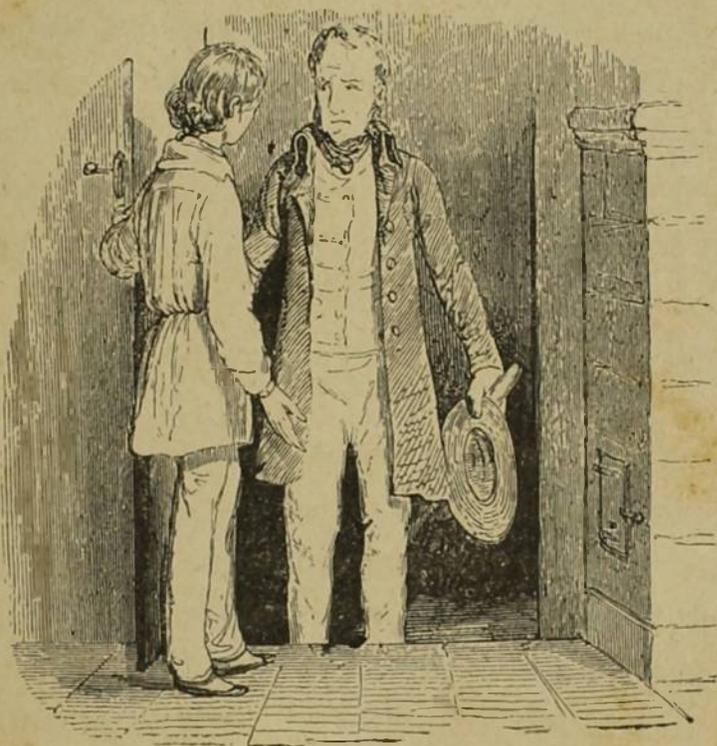
— De onde vens?

— De Pariz, aonde nasci. Não tenho dinheiro; não conheço o lugar em que me acho e foi para me punir que me deixaram aqui.

— Qual foi a tua falta?

— Bater nas portas.

- Como se chamam seus companheiros?  
— Isso não direi.  
— E teu nome?  
— Antonio Derbei; mas por minha causa meu pai vai ser encommoado?



— Esteja tranquillo, meu filho, respondeu o homem; podes me considerar como o Anjo bom, e acompanha-me... mas depois que me disseres aonde moras, porque estou resolvido a ir te conduzir.

— Como assim! o senhor faria essa viagem, exclamou Antonio, cheio de gratidão.

E então elle disse o nome de seu pai, a rua em que moravam, e, submisso deixou-se conduzir por esse guia tão differente dos que o tinham transportado para tão longe.

Depois de ter andado por algum tempo e quando elle pensava que não estavam senão no começo da penosa viagem, o homem, que o tinha envolvido no seu capote, parou e disse :

— Chegamos.

— Aonde? perguntou Antonio muito admirado e sem reconhecer o lugar em que se achava.

— Á tua casa!

E elle bateu de modo que não tardaram em abrir a porta.

Quaes não foram a surpresa e a alegria de Antonio achando-se, como por encanto, á porta de sua casa! como cahiu nos braços de sua mãe, tão inquieta por não tel-o visto voltar! Como elle inundou-a de lagrimas pedindo perdão pela falta commettida e mostrando-lhe seu salvador que julgava ser o proprio Jesus-Christo, por ter feito um milagre.

— Oh! quem é o senhor? disse a mãe virando-se para o homem.

— O proprietario, minha senhora, que se julgára muito feliz se tiver corrigido o menino e consolado a mãe.

Devo confessar que Antonio depois de abraçar

o proprietario e ter manifestado seu sincero arrependimento, disse, depois de ter enxugado as lagrimas que lhe corriam ao longo das faces :

— Senhor, eu nunca mais baterei nas portas!

— Não, disse sorrindo o proprietario, que tornou-se o melhor amigo de Antonio; faço-te presente da corda da campainha que será uma vara magica que te fará entrar em minha casa a qualquer hora.





## O JOVEN MENDIGO

Um menino seguia obstinadamente um velho que estava passeando, e a cada momento dizia :

— Uma esmola, senhor, não é para mim ! é para a minha pobre mãe... Ah ! minha pobre mãe ! Se eu tivesse com que comprar-lhe um pedaço de pão !...

O velho, muito commovido, parou e olhou para as faces rosadas do menino, que era um falso mendigo, e seu olhar avido e brilhante parecia penetrar até o fundo da bolsa prestes a se abrir diante d'elle.

— Então tu gostas muito de tua mãe ?

— Gosto, sim senhor ! respondeu o menino lançando um olhar inquieto para todos os lados.

— Aonde mora ella ?

— Ella morreu, meu caro senhor, respondeu o mentiroso.

— Se ella morreu não precisa de pão! disse o velho remettendo a bolsa na algibeira e deixando muito vermelho e envergonhado o impostor a quem a simples verdade teria aproveitado muito mais.

A mentira é odiosa, e causa grandes dissabores.





## A PERNA DE DAMIS (1)

Um joven caboclo aborrecia-se muito. E o caboclo é terrivel quando se aborrece, e elle se aborrece muitas vezes.

— Mamã, quero um ovo! dizia a criança que fingia ter fome.

— Não tenho, meu filho! respondia a mãe muito triste.

— Pois bem! justamente por isso quero dois! gritava elle batendo com o pé.

Seu pai, muito zangado, virava-se para elle e dizia :

— Queres uma bofetada, meu amigo?

— Não quero! replicava a criança com ar arrogante.

— Pois bem! justamente por isso dou-te duas...

(1) Facto historico.

respondia o pai friamente applicando-lhe duas vigorosas bofetadas, e pondo-se de novo a trabalhar.

Quando elle suppunha que seu pai não podia ouvil-o, recomeçava :

— Mamã! quero atirar Damis pela janella fóra!

Damis era um negrinho que dormia no canto da sala.

— Pois atira, meu filho, dizia a indolente mãe olhando para elle.

E Damis sahiu pela janella e não despertou senão quando cahiu na rua e quebrou a perna.

Mas o terrivel pai entrou pela sala como um raio, e, agarrando o filho pelos dois braços : « Vae buscar teu escravo! » disse o singular philanthropo, atirando o filho pelo mesmo caminho, e indo ver sua mulher que estava desmaiada. Mulher culpada, com effeito! A surpresa e o medo tinham como que retido o caboclo no ar, e elle cahiu sem se fazer mal ao lado de Damis, que elle contemplou com estúpido terror. Uma negra inundava silenciosamente Damis com as suas lagrimas.

— A perna quebrada! disse ella emfim com voz de mãe, e occultando o rosto em cima do corpo da stoica criança. Ella não tinha soltado um grito.

— Não quero que Damis tenha a perna quebrada! disse o caboclo com voz surda. Não quero que Damis tenha a perna quebrada!

— A que lhe resta pelo menos será boa, disse por detraz o pai, que um movimento de humanidade tinha feito vir até alli. Tu pagarás a outra quarenta piastras por anno, accrescentou elle pegando no filho que murmurava : Não quero que Damis tenha a perna quebrada.

— E eu quero que vocês dois sigam para a capital. Educados juntos, veremos o que farão.

E eis o que foram mais tarde :

Damis, curado e crescido, chamou-se um dia o Salvador dos brancos. O joven agricultor, preservado da influencia fatal d'uma mãe muito fraca e d'um pai violento, foi depois muito estimado sob o nome d'um philanthropo cujo nome não ousamos escrever.





## O JOVEN INCENDIARIO

Um dia viu-se um menino sentado no banco dos accusados.

Creio que foi em França.

Elle lembrava-se d'um fogo de artificio que lhe causara uma viva impressão, e todas as noites esse espectaculo se representava na sua imaginação. Elle daria tudo para rever mais uma vez aquelles lindos foguetes de lagrimas e aquelle castello ardendo no meio de chammas das mais variadas cores; como, porém, não tinha dinheiro para comprar um fogo de artificio, sentava-se á porta de casa fazendo os mais bellos sonhos.

Cabeça pendida e olhos fixos no chão, elle procurava o meio de assistir ainda á essa festa que tanta emoção e surpresa lhe causara.

Uma idéa simples, mas fatal, atravessou seu pequeno cerebro, como um relampago atravessa a obscuridade. Tendo ficado sósinho em casa, por seu pai e sua mãe terem sido obrigados a sahir, elle



metteu fogo em tudo quanto era susceptivel de se inflamar. O celleiro estava cheio de palha secca; o fogo propagou-se com tal rapidez, que as chammas em fórma de linguas ardentes ameaçavam o céu, consumindo o celleiro e a casa. Pouco tempo depois tudo estava reduzido a cinzas fume-

gantes e tristes como a terrivel acção do joven insensato.

E era com profunda e muda admiração que elle olhava para tudo aquillo, sem se lembrar que a sua estúpida acção acabava de reduzir seus paes á mendicidade.

Ah! Quão triste não foi o espectaculo quando a mãe, no meio das chammas, se precipitou chamando o velho pai, imagem de Deus sobre a terra! Esse velho ancião paralytico não tinha deixado escapar um só grito de dôr. A fumaça o tinha suffocado na cama; encontraram-n'o carbonizado, victima do monstruoso desejo do neto, que elle tanto amava, e que tinha abençoado antes de adormecer... Ah! isso foi e é ainda uma grande dôr, e não se sabe como a mãe não morreu quando o filho, assustado pelos gritos e pelas lagrimas de todos os que assistiam ao horrendo espectaculo, poz-se tambem a gritar: « Fiz o fogo de artificio! fiz o fogo de artificio!... » Horror e piedade!...

No dia seguinte, quando elle atravessou a aldeia, com os braços amarrados, no meio de homens armados como para guardar um grande criminoso, todo mundo gritava: « Venham ver o incendiario! Venham ver o incendiario!... »

Sua mãe, pallida e arruinada, que com pena o acompanhava por não poder se resignar a abandonal-o, estava de mãos postas como supplicando

silencio a todas as vozes... por caridade por ella; a pobre mulher sem abrigo, tendo perdido seu velho pai, e vendo seu filho preso por um crime tão horrendo!

Eis ahi como elle compareceu, acompanhado



por grande multidão, á barra do tribunal, que nunca tinha visto um malfeitor tão joven, e que ficou por longo tempo em silencio quando o menino, interrogado, respondeu, com os olhos cheios de lagrimas e a voz cortada pelos soluços :

— Quiz ver um fogo de artificio.

Foi condemnado a viver trezentos e sessenta e cinco dias em profunda obscuridade, aonde sómente a idéa de sua mãe o illuminava e consolava... Roguemos por elle!

O arrependimento abre as portas do céu.





## O MATADOR DE MOSCAS

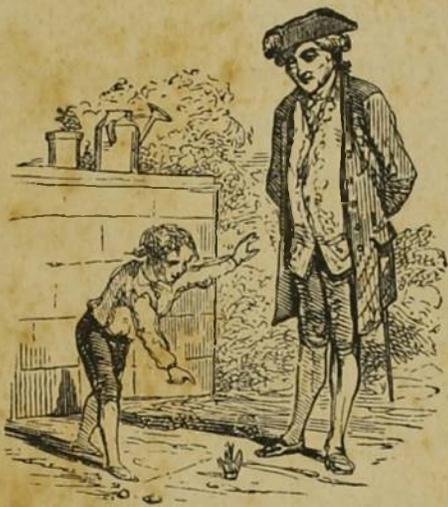
Matar uma mosca é affligir a Deus, é destruir uma das suas obras mais caras.

Um homem muito infeliz, que tinha perdido tudo sobre a terra, excepto a lembrança e a resignação, sonhava horas inteiras, occupado a ver esses animaes passeando nas vidraças, aonde ellas andavam como se estivessem no chão. Um dia elle viu o menino Paulo, que eu conheci muito, apanhar quatro d'esses animaes, arrancar-lhes as azas, para transformal-os, dizia, em cachorros que elle atrellava a um carrinho de papel ou a uma casca de avellã.

O homem conteve-se para não protestar, mas soltou um suspiro; uma doce crença se ligava para elle ao vôo imprevisto de suas azas : elle estava

persuadido de que a alma d'algum amigo, d'um de seus caros filhos, vinha beijar-lhe quando alguma mosca pousava sobre suas mãos ou sobre sua cabeça, e a acção de Paulo o indignava.

Paulo, porém, cançava-se depressa de tal divertimento, e, fingindo-se generoso, dava liberdade



aos animaes. Os pequenos invalidos, lá iam se arrastando pelo chão, e morriam.

— Eis ahí uma historia! gritou Paulo com um riso avido de victimas: que farei d'ellas?... Uma, duas, tres, cinco, seis vestaes! condemnadas a serem enterradas vivas, como lí na minha *Historia de Roma*. Vamos! não ha perdão, minhas senhoras! vosso fogo apagou-se; não ha mais luz para vós. No buraco! no buraco!

E com effeito, elle fez um buraco em um dos

canteiros do jardim, e para que nenhuma das moscas escapasse á condemnação, metteu-as dentro d'um cartucho de papel, e enterrou-as na eterna noite. Em seguida, percorreu todo o jardim na ponta d'um pé, muito satisfeito de ter imitado os Romanos.

Apenas elle se afastou do lugar em que tinha commettido tão má acção, a testemunha d'essa triste scena correu á sepultura das moscas, e deu-lhes liberdade. E elle sentiu um momento de profunda alegria quando viu aquelles pequenos sopros do céo, fugirem como que admirados de seu captiveiro.

Se bem que o olhar fixo d'aquelle homem não impedisse o acto barbaro de Paulo, nem por isso deixava de perseguil-o por toda parte. Elle exprovara-o no meio de seu triumpho e das flôres do jardim. Dir-se-hia sua consciencia! Voltou pois para traz para lisongear e acalmar essa consciencia rigida que o impedia de brincar, e andou á roda do homem immovel.

— Bom dia, caro senhor, bom dia, repetiu elle com voz acariciadora e obstinada. O senhor quer conversar comigo como hontem?

— Não converso com carrascos! replicou a testemunha, afastando-se de Paulo.

Alguns minutos depois, elle sentiu Paulo que o puxava pelo paletó.

— Senhor, disse elle, eu queria desenterrar as minhas vestaes; eu não sou o carrasco, não, senhor, eu sou Paulo, que mora ali defronte. Eu queria desenterral-as... mas não estão mais no buraco!

— Estão salvas! disse o juiz; salvei-as todas seis...

— Obrigado! oh! obrigado, meu caro senhor! exclamou o menino banhado em lagrimas, e procurando abraçar o homem. Paulo! chame-me Paulo, disse elle; um dia serei tão bom como o senhor.

— Adeus, Paulo! tu te lembrarás de mim como de um corajoso amigo, respondeu o homem passando as mãos pelo rosto de Paulo.

— O senhor verá! disse a criança.

A partir d'esse dia, nunca mais Paulo matou uma mosca.

No mundo tudo representa uma bondade do Creador.





## MARICOTA

Ah! que triste cousa vi eu! Custa-me a contal-a, mas se o faço é porque ella pôde servir de lição a algumas crianças, se, por infelicidade, ainda existem algumas como Maricota.

Todos os annos, Maricota ia passar uma parte das ferias em casa d'uma amiga de sua mãe. É preciso confessar que Maricota aos sete annos revelava um character tão absoluto, tão despotico, que era preciso impedir que ella dominasse as outras crianças. Jacintha era da sua idade, e, com quanto fosse boa como um cordeiro, Maricota era obrigada a passar certas cousas, porque Jacintha era calma e forte. A doce simplicidade de seu character se realçava ainda mais por dois lindos olhos que exerciam uma amavel e poderosa in-

fluencia sobre Maricota, que raras vezes ousava dizer : Eu quero! mas por quantos artificios a orgulhosa ambição de sua amizade não conseguia ella se apoderar de tudo quanto tinha a infelicidade de lhe agradar! Digo infelicidade, porque ha poucas cousas que fatiguem mais um coração do que uma amizade tyranica.

Não, não temos o direito de opprimir nossos amigos.

Por isso, com quanto a complacencia de Jacintha fosse encantadora para as moveis phantasias de Maricota, não se temia que ella soffresse com isso, porque era sempre com o sorriso nos labios que cedia.

Ninguem notava os mil pequenos sacrificios que ella fazia á tenaz perseverança de sua *boa amiga*: ella mesmo nem tinha notado isso, por tal modo ella sentia esse tranquillo prazer de que se possui um bom coração pela felicidade dos outros. Jacintha era verdadeiramente uma boa menina!

Um dia estavam brincando no jardim; Maricota tinha arrancado muitas flôres para plantal-as de novo segundo o capricho de seu gosto, sem utilidade, sem reflexão, apenas pela idéa fixa : « *Eu quero!* » Maricota era inflexivel, rapida e rigida como uma borboleta de ferro. Que felicidade, com tal organização (que ella não pensava corrigir, por achal-a perfeita), que felicidade de não se

apoiar senão sobre doces relações, sobre a inextinguível condescendencia da bella Jacintha, que não oppunha ao estrago de suas flôres senão um sorriso um tanto triste, um olhar aonde transparecia uma melancholica censura, e que Maricota



não notava por tal modo estava entregue ao seu trabalho, ao seu systema de reinar em toda parte, mesmo estragando flôres. O jardineiro, porém, a tinha visto, e, como era natural e merecido, não podia supportar a Maricota. Um dia que esse homem lhe tinha pedido delicadamente que ella

deixasse as flôres e as plantas tranquilladas, Maricota mediu-o de alto a baixo, e em tom breve disse :

— Quem é esse homem?

— É Francisco, o jardineiro, respondeu Jacintha com voz amena.

— Pois bem, jardineiro, eu me divirto!

— Pois bem! murmurou o jardineiro lançando um olhar de desprezo, é muito bonito o que está fazendo!

Maricota ficou vermelha como uma peonia que ella acabava de colher, e torceu-a nas suas mãos. Esse furioso movimento de orgulho fez sorrir Jacintha, que não sabia o quanto isso faz soffrer; o orgulho não satisfeito mortifica como uma agulha.

— Então estás rindo, disse Maricota furiosa e empurrando Jacintha.

— Tu me empurraste? perguntou a boa menina muito admirada.

— Não! eu não te empurrei, replicou Maricota com violencia.

— Sim! tu me empurraste!

E duas lagrimas cahiram sobre suas mãos que Maricota apertava impacientemente e gritando :

— Diz que eu não te empurrei! Diz que eu não te empurrei!

— Eu o suppunha, disse ingenuamente Jacintha; do contrario, não teria inventado.

— Além d'isso, tu não gostas de mim! replicou Maricota zangando-se.

— Sim! eu gosto de ti.

— Não! não gostas, pois tu ris quando ralham comigo.

— Não era d'isso que eu ria; era porque gesticulavas por tal modo que parecias estar tocando harpa!

— Certamente, disse Maricota levantando o dedo.

— Sim, certamente!... e abraçaram-se.

— Se gostas de mim, farás tudo quanto eu quiser, não é? replicou Maricota acariciando a outra.

— Tudo quanto puder sem fazer mal aos outros.

— Naturalmente, tola; pois então eu sou má?

E Maricota sentiu o ardente desejo d'obter uma grande prova de amizade, de obediencia talvez, da amiga que tinha visto rir-se d'ella.

— Toma, disse apanhando uma herba leitosa, se gostas de mim esfrega isto no rosto: queima um pouco, mas será uma prova de tua amizade.

— Que idéa, se isto queima.

— Esfrega, eu te peço! isso me fará ter confiança em ti!

Jacintha, sem mais se fazer rogar, esfregou a herba no rosto. Maricota pulou de contente! Era a herba conhecida pelo nome de thymolo, cujo succo violento e corrosivo causa muito mal. A fres-

cura da tarde impediu que o effeito se produzisse immediatamente; alguma cousa porém inquietava a criança que a cada instante passava a mão pelo rosto. A luz, porém, que empallidece tudo, attenuava o brilho d'essa nuança febril que a principio a tornava mais bella dando-lhe mais vivacidade aos olhos.

Ella começava a soffrer; sem comprehender exactamente o que se passava, sem se queixar, mas pensando:

— Isso não é nada, d'aqui a pouco terá desaparecido. Maricota é uma boa amiga, e certamente não quiz me fazer mal.

Maricota estava comendo morangos. Jacintha diversas vezes virou o rosto para coçar-se e uma vez para chorar.

Passou uma noite terrivel. Sonhou com cousas que mettiam medo, com gatos que arranhavam-lhe o rosto, emfim com umas tantas cousas que a febre inventa e atira nos sonhos das mais innocentes creaturas. Maricota dormia o somno dos justos: ella não ouviu nem um só dos suffocados gemidos da sua pobre victima, cuja mãe foi despertada por uma terrivel anciedade.

A principio, ella prestou attenção apoiada sobre seu coração que batia fortemente; depois aquella voz cara encheu-a de apprehensão. Levantou-se, foi ao quarto vizinho e direito á cama da filha.

Jacintha estava sentada na cama, dormindo e chorando ao mesmo tempo. A força de coçar, seu rosto estava cheio de sangue, e ella gemia. Jacintha estava com o rosto tão inchado, tão inchado... que não sei a que comparal-o.

— Meu Deus! disse a mãe quasi desfallecendo, minha filha, que tem você? Fernando! disse ella ao filho mais velho que tinha accorrido, tua irmã está com bexigas; vê em que estado ella se acha.

O irmão, que era um bom irmão, não poud suffocar um grito e despertou inteiramente a irmã, de quem elle estava pegando nas mãos.

— Deixa-me! deixa-me! meu bom Fernando, disse ella, deixa-me enxotar as moscas que me estão picando o rosto!... Meu Deus! meu Deus! como estou doente! Aonde está mamãe? No meu sonho parecia-me ouvir a sua voz.

Sua mãe ficou muito assustada, porque estava diante d'ella, e não poud reter este grito :

— Minha filha está cega!

Como é facil imaginar, toda a gente da casa passou o resto da noite na maior agitação. Jacintha não podia abrir os olhos senão com grande difficuldade, e tudo quanto ella dizia magoava cada vez mais o coração da pobre mãe. Quando o dia appareceu, Fernando pediu á sua mãe que fosse descançar um pouco enquanto elle ia buscar um medico para tratar sua irmã.

Jacintha, chamando-o para junto d'ella, poz a cabeça nos hombros do irmão, e disse-lhe no ouvido :

— Não chames um medico; sómente Maricota poderá me curar. Vae dizer a ella que venha me ver.

Fernando mandou chamar immediatamente a Maricota e esperou com impaciencia que ella chegasse.

— Venha, Maricota! venha! disse elle um tanto perturbado, venha ver minha irmã.

Apenas Jacintha ouviu a voz de sua amiga, que um tanto desconcertada perguntava : « Precisa de mim? Ah!... para que?... » ella saltou da cama, e indo ao encontro de Maricota, dizia tristemente : « Vê como eu estou! »

Um grito de horror respondeu ás palavras de Jacintha. Maricota fugiu sem querer abraçar a outra, e desceu as escadas quatro a quatro, repetindo :

— Não! tenho medo!... tenho medo.

Sua má acção tinha tomado com effeito um terrivel aspecto para punil-a! Mas ir-se embora! Fugir! ah! isso é horrendo! é covarde! é ainda a dureza do orgulho! O orgulho é sem piedade! Quem, no mundo, excepção feita de Maricota, não teria cahido de joelhos, e deixado correr ardentes lagrimas ao ver o horrendo estado de sua innocente

companheira? Dizem que as lagrimas não curam. É verdade; mas ellas desarmam; e não se teria visto o que se viu, se Maricota não tivesse sido, por esse horror sem razão, julgada sem piedade.



Fernando, com a promptidão d'um rapaz de quatorze annos que se sente irritado nas suas amizades (sua mãe e sua irmã era tudo quanto elle mais amava n'este mundo), correu atraz da fugitiva e agarrou-a no fundo do jardim, aonde Roque estava plantando novamente o que Maricota tinha estragado na vespera. Fernando queria esclarecer

a suspeita que tinha tido contra a menina cruel, já muito conhecida pelos seus máos sentimentos. As reputações começam cedo.

— É então você, disse Fernando que tinha agarrado a menina, é então você que póde curar minha irmã? Vejamos, é você?

— Eu não posso cural-a, não! deixe-me, dizia



ella torcendo o corpo. Ai! deixe-me! quero ir embora!

— Não te deixarei senão quando me tiveres dito o que fizeste á minha irmã!

— Não fiz nada! respondeu ella empallidecendo. É culpa minha se ella esfregou de mais! Quero ir embora...

— Fernando! Fernando! gritou sua mãe da janella, deixa essa indigna menina. Vae chamar o medico, meu filho!

E Roque, apoiado na sua pá, esperava com sangue-frio a hora da justiça, que emfim ia soar. Nos jardins e nas janellas das casas vizinhas estava muita gente para assistir ao merecido castigo.

— O medico, minha mãe, respondeu Fernando em alta voz, eil-o aqui! e suspendeu no ar a furiosa Maricota, que batia com os pés, procurando fugir de Fernando.

— A senhora sabe muito bem, que se cura uma mordedura de vibora esmagando-se ella sobre a ferida.

E então, inflexivel e forte, interroga de novo a perigosa creatura. Ella confessa o crime, entre-meando sua confissão de : Quero ir embora! vou dizer a mamãe! ella virá te dar pancada!

O que passo agora a contar, faz-me perder a respiração. Maricota, no meio do jardim rodeado de janellas cheias de espectadores, deante de Roque, que plantava suas flôres com mais coragem, Maricota foi chicoteada! chicoteada por um irmão que vingava sua irmã, ao ruido dos applausos dos curiosos indignados : e tudo n'ella, tudo! até seu vestido, estava immovel, petrificado de vergonha! — É preciso abaixar o panno sobre esta scena. Reconduziram-n'a para casa de sua mãe e a partir

d'esse dia foram cortadas todas as relações entre duas familias que se estimavam tanto antes do nascimento de Maricota.

Após um longo tratamento Jacintha se restabeleceu completamente. Ella foi a unica que chorou a humilhação de Maricota.





## O PASSARINHO SEM AZAS

— O que é que tens na mão, Jorge? perguntou Maria a seu irmão que vinha correndo.

— Toma, Maria; é um pobre passarinho quasi morto de frio.

— Aonde o achaste, Jorge?

— Cahido na neve, Maria.

— Pobre passarinho! disse ella; foi talvez um máo menino que te cortou as azas, cahiste d'um telhado e não podeste mais voar. Vou te fazer um ninho d'algodão e todos os dias te darei de comer, até que tuas azas tenham crescido. Por isso fica tranquillo, pobre passarinho.

E todos os dias ella tratou do passaro até que elle pudesse voar. Isso causou tal satisfação a Jorge que um dia elle abraçou a irmã, dizendo :

— Como és boa!

Um bello dia do começo da primavera, Maria

olhava para o ceo através da vidraça, e disse consigo mesmo : — É portanto lá a verdadeira morada dos passarinhos; o nosso já tem azas; como elle se sentirá feliz de voar até áquellas lindas nuvens douradas, n'esse fundo azul, sua primeira morada !

E, corajosamente, fazendo estalar os dedos, ella



chamou o passaro que veio pousar em cima do seu hombro.

— Adeus! disse Maria deixando correr uma lagrima que foi cahir sobre a aza do passaro, e abrindo precipitadamente a janella. Já tens azas e seria cruel prender-te n'uma gaiola.

O passaro, a principio deslumbrado e um tanto hesitante ao ar livre, fixou ousadamente essa vivificante luz do ceo, bateu trez vezes as azas e desapareceu no espaço inundado de sol.

Maria voltou sósinha para junto da gaiola, que ella apertou contra o coração, e, vendo-a triste como o quarto d'um amigo perdido, disse baixinho : — Fiz uma boa acção; chorar é uma fraqueza!

N'esse instante Jorge entrou.

— Bom dia, Maria; aonde está o nosso passarinho, perguntou elle olhando para todos os lados, por não tel-o visto como sempre na sua bonita gaiola.

— Vê como o tempo é bello! respondeu Maria conduzindo o irmão para o lado da janella. Regosija-te, Jorge. Nosso amigo está mais perto do céu do que nós! O céu é d'elle, entendes?... e, ha cinco minutos, dei-lhe liberdade. Olha para mim... não choro mais.

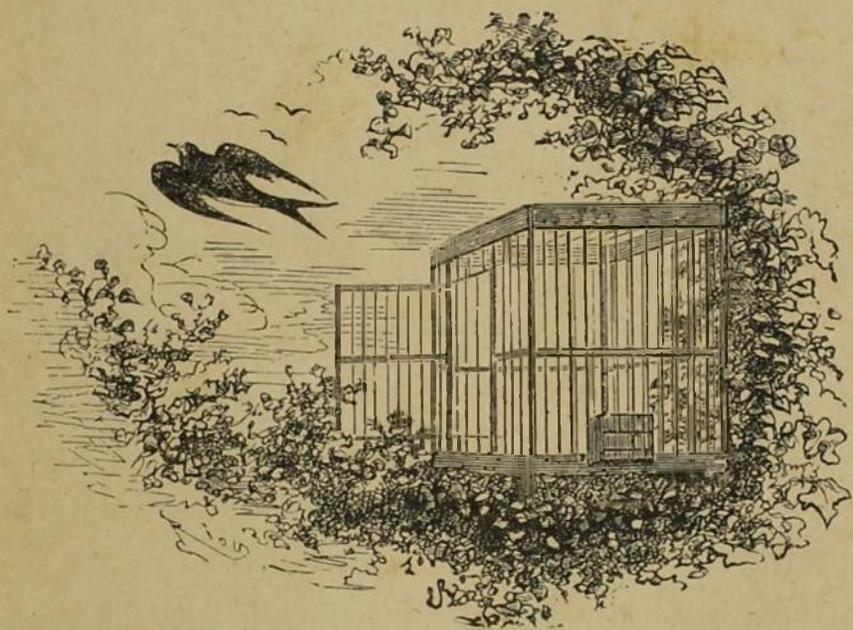
Jorge occultou o rosto e ficou como que petrificado de dôr.

— Ah! Maria! disse elle enfim, roubaste meu amigo! Tu não gostas de mim, nem do passarinho, porque lhe déste liberdade!

— *Liberdade!* tu mesmo sentes que é uma redempção. Cala-te, meu irmão, e pensa que elle não nos pertencia senão para cural-o, como um

perigrino cahido. Elle está talvez cantando nossos nomes á porta do ceu! Cala-te, pois! disse ella dando um beijo na testa de Jorge, que tambem deu um beijo em sua irmã, porque elle sentia que o coração de Maria batia fortemente contra o seu.

— Sim! fizeste bem! disse elle com os olhos cheios de lagrimas mas com coragem.



Lá pela tarde, quando todos dois sonhavam olhando para a silenciosa gaiola, ouviram : Tac! tac! contra os vidros da janella. Ó alegria! era o passarinho que batia com as azas procurando abrir a janella para entrar... Não o fizeram esperar, como é facil suppôr. Jorge soltando um grito de alegria, foi á janella; Maria, que era mais alta do que elle,

abriu-a lançando um olhar de felicidade para o sol poente, enquanto que Jorge beijava ardentemente o fiel passarinho. A partir d'esse dia gozou de plena liberdade.

Ha duas azas por meio das quaes o homem se eleva da terra ao ceu : a pureza e a simplicidade.





## A PREGUIÇA

— Oh! mamã! que felicidade de passar um dia inteiro sem trabalhar! gritou de repente a menina Maria.

— Como assim! sem fazer absolutamente nada, minha filha!

— Nada, mamã, nada!

— Não sei porque, mas supponho que acabarias por te aborrecer.

— O brinquedo não aborrece, mamã. Eu seria mais feliz do que uma rainha.

— Mas as rainhas trabalham, minha filha.

— Pois é possível?

— Como te estou dizendo.

— Pois também ellas são dignas de lastima? disse Maria soltando um longo suspiro.

— Pelo contrario, o trabalho as distrae das contrariedades que lhes são procuradas pelas suas funcções.

Maria ficou confundida, porém suspirando mais do que nunca por um longo espaço de tempo sem estudo, de um dia de cem leguas para correr atraz das borboletas, dansar, pular, etc. Eis ahi o sonho de Maria : a agua vinha-lhe á bocca, e, risonha, agitada, graciosa, e supplicante, recomeçou :

— Oh! mamã! que felicidade de passar um dia inteiro sem trabalhar!

— Pois eu concedo o que pedes, disse a mãe abraçando-a.

Maria quasi suffocou. Ella reuniu todos os seus brinquedos, contando e pulando como uma doida, e desse modo preparou o seu universo para ella sósinha, porque suas irmãs estudavam com os professores.

Durante uma hora inteira ella gozou da sua liberdade com a mais perfeita constancia; correndo ligeira como um sonho, ou como uma realidade que tem azas. Nunca um passaro, nascido para voar, sem apprender a ler, nem a escrever, nem coser, atravessou mas rapidamente o seu ceu do que Maria a sua ociosa felicidade.

Todavia, pouco a pouco, sua imaginação começou a tornar-se pesada; depois os instantes que passavam, pareciam roubar-lhe os seus prazeres.

Ella já se tinha divertido com todos os seus brinquedos, cuja attracção desapparecia pouco a pouco; finalmente tornou-se muda diante d'elles,

olhos fixos e braços cahidos; tinha atirado a boneca n'um canto sem temer que ella se ferisse; ao contrario, ella apanhou-a com maos modos, dizendo : *Porcalhona!* A submissão d'essa boneca, mais muda do que ordinariamente, não causou-lhe a menor impressão. Ella disse mesmo que a



boneca era de cartão : o aborrecimento desencanta tudo.

Por felicidade, a gata Muffete mostrou n'esse momento o seu lindo nariz rosado por entre a janella entreaberta, e Muffete pareceu illuminar o quarto, aonde tudo estava tranquillo, aonde nada mais fallava a Maria. Muffete povoou o deserto.

A principio, ella foi acariciada. Contente do acolho recebido, ella poz-se a fazer essas mil cousas proprias dos animaes da sua raça, o que veio dar um pouco de vida á solidão de Maria.

Maria, porém, como para se vingar de se ter aborrecido tanto, desenvolvia um tal ardor que desagradou a Muffete. Pouco apaixonada pela dança, ella excusou-se a tal distracção; Maria perseguiu-a obstinadamente, procurando agarrar-lhe pela cauda. Esse modo de proceder pareceu tão inconveniente a Muffete, que esta, com uma das patas, arranhou o rosto de Maria e fugiu por onde tinha entrado.

— Ingrata! gritou Maria coçando o rosto, é d'este modo que me recompensas por te dar leite todos os dias! Está direito! vou dizer á mamãe.

Muffete pareceu não ouvir. Então Maria foi procurar sua mãe para que esta lhe inventasse um novo divertimento, ou, em ultimo caso, brincasse com ella; sua mãe, porém, que sabia o preço das horas, tinha ensinado isso a seus filhos, e Maria não encontrou-a. Ella poz-se deante do espelho a fazer caretas; depois sentou-se silenciosamente no canto do quarto, aonde, bocejando, pedio a Deus que suas irmãs chegassem. E bocejando, rezando, sem ver mais nada, deitou-se em cima dos brinquedos e alli adormeceu.

Foi d'esse modo que suas irmãs vieram encon-

tral-a. Ellas tinham sabido suas lições, e pulavam e cantavam. A hora de jantar approximava.

Maria olhou para ellas, quiz levantar-se, mas sentia o corpo pesado.



— Estás doente, Maria? perguntaram-lhe suas irmãs que a amavam muito.

Maria respondeu que se sentia muito infeliz.

E todas as suas irmãs apanharam os brinquedos que estavam atirados no chão; mas como tudo aquillo lhe aborrecia, ella virou o rosto dizendo que todo mundo procurava lhe contrariar.

N'esse momento, sua mãe, que conhecia a causa do somno e da desordem da joven preguiçosa, entrou no quarto.

— Olha á roda de ti, Maria, disse ella pegando-lhe na mão, procura, olhando para nós todas, aquella que deseja te contrariar.

Por mais que Maria olhasse para todos os rostos, não conseguia descobrir a sua inimiga. E então com voz vergonhosa respondeu :

— Não sei!

— Pois eu vou te ajudar a reconhecê-la, disse a mãe collocando a filha diante d'um espelho : eis a tua inimiga!

Maria ficou horrorisada diante d'aquelle rosto sem graça que o aborrecimento já começava a enrugar. Ella ouviu as boas palavras que se gravaram no seu coração tão profundamente como a humilhante recordação d'esse dia inteiro de bocejos, de arranhaduras e de languidez : antes a morte do que cahir duas vezes no mesmo erro! Por isso, como ella estudou as suas lições depois d'esse facto! como ella adora o estudo! creio mesmo que é o seu mais agradavel passamento.

E vós?

A mãe sabe castigar e fazer tudo para satisfazer o filho.



## O JOVEN PASTOR

Eu adoro o campo; estou certa que todos são como eu. O campo é um vasto jardim sem cousa alguma que nos occulte os esplendores da natureza. Não ha nada alli que nos impeça de admirar o romper da aurora nem o magestoso panorama do sol poente, cujos ultimos raios parecem nos dizer : — Até amanhã!

A noite tambem é animada por alguma cousa que alegra a alma adormecida. Ora é um grillo occulto n'um canto, que faz rir a criança que o ouve, porque sua mãe lhe dissera que elle é um bom presagio. Por toda parte amigos que se movem, que respiram.

O gallo canta tres vezes : é o relógio da noite. Quanta alegria quando se sente palpitar a natureza, ainda mesmo nas trevas; de ouvir o estremecer das gallinhas, de comprehender o que dizem os pintinhos que se escondem sob suas azas!

Como é bello de ver, durante o dia, tão lindas flôres n'uma encruzilhada deserta, mais lindas ainda do que os bordados nos magnificos tapetes do rei e da rainha. Á noite, quando não se pode mais distinguil-as sob os pallidos raios da lua, sob



o ceu muito sombrio, que felicidade de poder respiral-as! de sorver-lhes o halito, que parece murmurar : « Bebe a vida! » e nos atira de joelhos, de mãos postas, para dizer : — Meu Deus!

Um joven pastor, apesar de ter apenas seis annos de idade, sabe ler tudo isso no campo. Esse menino, descalço, com um chapêu de palha na cabeça, cabellos côr de palha, dois lindos olhos, os mais bellos da localidade, tinha arranjado no seu cerebro uma especie de quarto escuro, aonde

elle reunia silenciosamente côres, formas, ao quadro que via.

Quando o encontravam á beira do caminho, de pé e immovel como a arvore debaixo da qual elle se abrigava dos ardores do sol, emquanto cinco ou seis carneiros, de cabeça baixa, escolhiam as melhores hervas do solo, não se podia deixar de lhe perguntar :

— Que procuras ver lá d'aquelle lado, Hilarrio?... Ah! mas... respondia a creança sem poder exprimir seu pensamento... Ah! mas...

Os velhos pastores continuavam a andar e punham-se a sorrir. Nunca elles tinham visto um joven pastor tão pouco conversador.

Mas não era a mesma cousa quando elle voltava á aldea; dir-se-hia que, de accordo com o sol, elle tinha fechado a sua caixa de pintura. O joven Hilarrio apenas voltava do seu trabalho, punha-se a brincar como todas as creanças, e entre estas elle era o mais famoso.

Á noite, elle deixava de brincar, e punha-se a desenhar. Um dia elle fez o retrato do vigario.

Todos reconheceram o vigario, o proprio vigario se reconhecendo, passou a mão por debaixo do queixo do joven aldeão surpreso, que sentiu, pela primeira vez, que elle não seria sempre pastor; porque no olhar d'esse bom vigario de aldea, havia uma promessa e ella se realisou.

— E que estás fazendo ahi no chão? perguntou elle alguns dias depois a Hilario, que estava deitado de barriga para baixo em cima d'um monte de pedras.

E ao mesmo elle se abaixou para ver, porque elle era velho e seus olhos tambem.



— Tudo isto! e mais isto! respondeu a criança, haverá um para Vossa Reverendissima!

Nunca se tinha visto tão lindos carneiros pintados. Tudo aquillo está bem feito e modelado com tal ingenua sagacidade, que mais uma vez fez o vigario dizer : — É preciso ajudar a esse joven guardador de carneiros!

E elle ajudou-o, instruiu-o, habituou-o a andar calçado. Depois, quando julgou chegado o mo-

mento opportuno, levou a criança ao castello em que ia algumas vezes dizer missa.

Hilario passou horas inteiras diante dos quadros d'uma enorme galeria, aonde o castellão se admirava de vel-o tão absorvido.

— Qual é a tua opinião a respeito do que viste? perguntou-lhe o vigario no momento de partir.

— Eu tambem farei tão bellos como esses! respondeu elle com orgulho, porque elle já via seus quadros no futuro. E muito contente voltou a trabalhar seu barro.

Um dia, porém, elle disse adeus áquellas admiraveis scenas; mas adeus, como o sol diz: « Eu voltarei. » E voltou doze annos depois, instruido, experiente, cheio de luz e de gloria. Todos os habitantes da aldêa foram ao encontro de Hilario, o joven pastor!

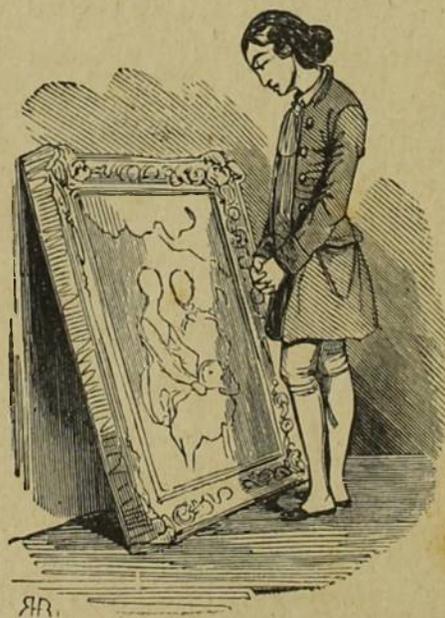
Elle foi recebido com a maior satisfação em todas as choupanas, aonde elle chorou por ter encontrado ainda nas paredes os desenhos que outr'ora fizera. N'uma aldeia, nem todos são pintores, mas todos são bons. Durante sua ausencia, quando chegava uma carta de Hilario, todos vinham se pôr á roda do vigario, e no fim da leitura da carta, via-se uma lagrima rolar ao longo das faces d'aquelles bons aldeãos, porque Hilario sempre terminava assim:

« Abraço a minha aldêa, e tratarei de honral-a! »

O vigario, então, abraçava a todos os seus parochianos. Podia-se dizer que, depois de Deus, elle tinha transformado um simples pastor em um celebre pintor, dando-lhe bons conselhos.

É com orgulho que o vigario mostra um quarto cheio das corôas de Hilario; o pastor-pintor deu-lh'as todas, com um quadro em que elle é representado descalço recebendo das mãos do santo homem o seu primeiro livro e os seus primeiros sapatos! (1)

(1) O pastor-pintor era Hilario Ledru, autor dos *Tristes adeuses* de Luiz XVI no Templo.





## O JOVEN DESERTOR

---

I

### A DESERÇÃO

— Oito annos, franzino, rosado, bem vestido; um relógio de chumbo n'um bolso, e no outro uma moeda e algumas bolas de vidro.

— Taes eram os signaes que passavam de bocca em bocca, em Pariz, desde a rua Poissonnière até á porta do Temple, signaes d'um menino, sem

chapeu, que n'aquelle dia havia desaparecido da casa de seu pai. Ninguem queria acreditar em semelhante factu, e dizia-se :

— É impossivel! uma criança nunca abandona seu pai.

Mas alguem respondia :

— É exacto! viram-n'o passar sem chapeu, como um vagabundo, dizendo confidencialmente a um collega que o tinha chamado para brincar :

— Não tenho tempo : estou gazeando. Não digas que vou á casa da minha tia, a Dommartin. Ah! ah! tomei uma resolução! não digas nada.

Havia muita gente na porta das casas commentando o factu d'essa partida, e todos consideravam isso como um máo presagio. Uma velha, em quem acreditavam como no Evangelho, dizia :

— Isto annuncia uma revolução. Criança que deserta a casa do pai, andorinhas que fogem d'um telhado : não me fallem nunca n'estas cousas, é prenuncio de desgraça!

Todos estavam horrorisados.

— Quer dizer que ellas são a causa da desgraça das andorinhas e das creanças, replicou o homem do armazem de seccos, que combatia por sua conta um agouro tão tremendo. É preciso não acreditar que os bons devam pagar pelos máos.

— Agora, procura! interrompeu aquelle a quem tinham mandado no encalço do fugitivo; e elle

poz-se a correr, gritando os signaes do menino, empurrando todo mundo que encontrava, e que, surpresos, perguntavam :

— Mas o que é que ha?

— Procuero um menino, replicava o homem, meio triste e meio colerico : um garoto, que se eu o apanhasse! — Oito annos, franzino, rosado; n'um bolso um relógio de chumbo, e no outro uma moeda e algumas bolas de vidro!

Emfim todos os signaes. Que escandalo! Que surpresa para os curiosos a quem esse homem contava que o menino, que apenas elle ousava chamar Oscar, evitando de accrescentar o nome do pai, fugia da casa da familia porque sua mãe lhe tinha corrigido! Os curiosos estavam confusos.

Mas, entre essas pessoas surpresas, havia uma que procurava seriamente desculpar esse estranho esquecimento do dever n'uma criança de boa familia, e essa pessoa pensou que a propria mãe não estava isempta de culpa. Pois a mãe não tinha corrigido severamente o filho, e com um chicote, correção essa que retira antes a dignidade de quem a inflinge do que d'aquelle que a supporta? Pois esta mãe não sabia que essa corajosa atrocidade, graças a Deus! ha muito tempo que é uma legenda? N'aquelle dia tinha havido uma longa discussão, que não foi sem fructos para as familias; porque muitas mãis, ousando confessar que

um castigo tão vergonhoso é muitas vezes a fonte de grandes defeitos e doenças nos seres fracos e adorados que ellas procuram submetter por tal modo, não entram em suas casas senão libertadas d'esse penoso dever. Ellas juraram a Deus e a si-mesmas de abdicar esse direito absurdo e perigoso, que ellas se envergonhavam de ter exercido. — Não ha razão para duvidar que Deus não os approva.

Durante esse tempo, o Sñr. Oscar corria como um doido, pensando não alcançar a felicidade senão depois de transpôr a porta do Temple. Elle atravessou-a com passo rapido e prompto, sem chapéu, sem passaporte, o que é uma audacia extraordinaria. Elle tinha tomado uma tal resolução de transpôr o espaço, que o teriam tomado por Christovam Colombo correndo á conquista do novo-mundo.

Elle fugia da escola, dirigia-se para a casa de sua tia, e tinha alguns vintens no bolso! O espaço, o tempo, a fadiga, tudo desapparecia diante de suas temerarias esperanças.

— Minha tia, dizia elle comsigo mesmo cortando o vento que lhe agitava os cabellos, minha tia me dará um chapéu. Ella me dará mesmo muitos chapéus: é minha tia! uma tia é sempre rica! e todas as tias não chicoteiam os sobrinhos! Terei tudo quanto tinha em casa de minha mãe; doces,

confeitos, papagaios... (quero doze papagaios) e não irei mais ao collegio, aonde a gente se embrutece. Todos os dias farei uma gazeta; brincarei com o Francisco; luctarei com o Pedro; irei tomar banho no rio e passeiarei a cavallo. E' muito melhor! D'aqui até lá encontrarei o necessario para matar a fome; quando passar diante das confeitarias, elles me darão doces. Com dinheiro a gente tem tudo; meu pai me disse isso muitas vezes, e tenho dinheiro no bolso! Dizem que minha tia é avara; mas eu prefiro mais minha tia do que o collegio; minha tia não tem livros. Viva minha tia!

E elle corre! e elle corre!

As arvores passavam diante d'elle, fugiam atraz d'elle; carneiros, bois, campos aonde o vento agitava o trigo e as flores brilhavam, tudo, tudo parecia voar diante de seus olhos, tal era a rapidez da corrida. Mas não havia casas, não havia confeitarias! sómente nuvens de poeira que elle levantava, e elle sentia a garganta seccar-se.

E elle corria! e elle corria!

Finalmente, elle viu ao longe algumas choupanas. Seus olhos procuraram as taboletas. Não havia! A força de olhar, elle acabou por descobrir, no meio de tamancos, de bacalhau e de sabão um resto de pão da roça um pouco duro e muito cheio de poeira. Elle pagou o preço exigido por essa pessima mercadoria e depois, como o Judeu Errante

de que nos falla as Escripturas, elle metteu no bolso o que lhe restava : cinco vintens ! Elle pensa como o Judeu maldicto, que o seu dinheiro vae se multiplicar. E' o que vamos ver.

Bem ou mal, elle come a mercadoria que comprou, toma folego um momento diante d'uma mulher muito espantada por vel-o alagado de suor e cheio de poeira, sem mesmo se inquietar de onde vinha nem para aonde ia esse medidor de terras.

— Sabe me dizer se ainda estou muito longe da casa de minha tia, perguntou elle.

— Quem é sua tia ?

— Minha tia, pois então ? minha tia Dorothea Carbonel.

— Não conheço esse nome, replicou a mulher pondo-se de novo a trabalhar.

— Como não conhece ? Pois então não conhece minha tia Dorothea Carbonel ? replicou Oscar que não admittia que houvesse alguém no mundo que desconhecesse sua tia. Ella mora em Dommartin, e é minha tia.

— Ah ! pois então é preciso voltar pelo mesmo caminho em que veio, tomar a primeira encruzilhada á direita e ha de ser por lá. No caminho encontrará alguém que lhe informará melhor.

Oscar, perdido e sentindo-se ainda mais cansado, teve que voltar. Mas agora o sol bate-lhe em cheio, e elle sem chapéu !

Elle sente alguma cousa que não sabe definir; tantas cousas já lhe têm passado pela cabeça que elle não sabe mais explicar o que sente. É a sede! elle recorda-se que não bebeu agua depois de ter comido aquelle malfadado pão. Ah! é o começo



do desespero. Oscar daria bem os cinco vintens que possuia por um copo d'aquella boa agua fresca da casa de sua tia. E elle não encontrava ninguem na estrada. Estava no meio d'um deserto! Oh! como os padres hespanhoes poderiam dizer d'elle o que disseram de Montezuma : *Os deuses tambem têm sede!...*

Entretanto, com a perseverança digna d'um outro fim, elle faz o signal da cruz para saber aonde está a sua mão direita, e entra n'uma estrada menos arida. Elle tinha avistado ao longe um carro vindo do lado de Pariz, e preferia antes morrer do que encontrar qualquer cousa vindo de Pariz, porque certamente não podia ser senão uma escola, livros ou chicote!

Penetrou, pois, n'uma encruzilhada, aonde um vallado dava-lhe esperança de encontrar um ribeiro: mas isto não foi senão uma idéa, e elle teria morrido no meio do caminho, fulminado pelos ardentes raios do sol, si seu anjo da guarda, que portanto devia estar zangado com elle, não tivesse vindo regar seu rosto com um diluvio de lagrimas. Por mais coragem que se tenha, não se póde supportar ao mesmo tempo uma má acção, a solidão e a sêde. Esse menino sentia a profunda desolação que se encontra sempre no fundo de todos os actos movidos pela ingratidão. Elle parou, e lavou o rosto com suas lagrimas; este banho natural, desafogando o coração, fez de novo apparecer a sua linda linda tez rosada. N'esse momento, elle chegou mesmo a confessar que sua mãe não lhe fazia muito mal quando o corrigia, que sua tia morava muito longe, e que a sua posição era triste. Elle estava pois alli diante da sua consciencia: a verdade brilha como o sol.

Creio que não ficareis contrariados de deixal-o alli um momento e sósinho, tanto mais que a força de andar elle se approxima d'um moinho.

---

## II

## O BEBEDOURO

A pessoa de confiança enviada á procura de Oscar ia sempre gritando os seus signaes, porém d'um modo mais commodo. Elle tinha pedido a um carroceiro que o deixasse ir na boleia do seu vehiculo, e lá de cima, sem se cançar, gritava aos raros transeuntes que atravessavam aquella estrada na hora mais quente do dia :

« Não encontraram por ahi, um garoto sem chapéu? Oito annos, franzino, rosado, bem vestido; um relógio de chumbo n'um bolso, e no outro alguns vintens e umas bolas de vidro? »

Todos respondiam : *Não!* e continuavam o seu caminho.

Era essa carroça que o joven desertor tinha visto ao longe. Ella passou justamente diante da encruzilhada em que Oscar estava escondido e perdido.

Não foi senão na casa da tal mulher a quem Os-

car pedira informações a respeito de sua tia que o enviado obteve algumas informações, por causa dos signaes que elle repetiu pelo menos tres vezes áquella especie de mulher selvagem que nem mais se lembrava do menino.

Elle acabou por dizer o que sabia e o pobre enviado, dizendo adeus ao carroceiro, poz-se de novo á pé a procura de Oscar.

Nós o tínhamos deixado n'uma posição tão calma que seria bom irmos encontral-o alli, porque o bruido da agua durante o forte calor parece ser um dos melhores beneficios da natureza.

Ha uma cousa, porém, que agradava mais a Oscar, depois da gazeta bem entendido, era um cavallo.

Parece tambem que depois de se ter saturado de frescura e de agua, ainda mesmo bebida na mão (aproveita-se tudo nos momentos de desespero), Oscar notou a presença d'um cavallo que a principio lhe tinha passado desapercibido. Esse cavallo, ventas abertas, resfolegava como Oscar a deliciosa humidade, e saboreava, completamente livre, o encanto d'um passeio em plena liberdade que sentia a gazeta a mais d'uma legua de distancia. A semelhança de situação estabeleceu uma sympathia tão poderosa entre elles, pelo menos do lado do gazeteiro, que este, cheio de audacia, trepou em cima do seu grande camarada, que

com tranquilla indulgencia deixou-se conduzir. Tudo quanto é verdadeiramente forte protege a fraqueza.

Todavia, quando elle sentiu o peso d'esse extracto de cavalleiro, que se agitava em todos sentidos para fazel-o correr um pouco, a brincar amigavelmente, comtanto que não lhe dêsse pontapés, o gigante da estrebaria indignou-se, ou por amor d'um bom passeio, e tomou as suas botas de sete leguas. Poz-se a correr pelos campos e dando taes corcovos que assustou singularmente o picador de oito annos. Por cumulo, a força de correr com a velocidade do vento, lá appareceu diante d'elles um rio que parecia abrir os braços á immensa sêde do cavallo, que, sem se preoccupar se Oscar tinha medo d'agua, precipitou-se lá dentro. Oscar soltava gritos de pavão, agarrando-se com força na crina do cavallo alterado, e no meio d'esses gritos elle soltou um que é muito natural, mesmo nas creanças ingratas como Oscar :

— Minha mãe! minha mãe!

O cavallo não se mexeu mais do que um cavallo de estatua. Tomava o seu banho e fazia bem : tanto peor para Oscar! que devia elle a Oscar?

Esses gritos : « Minha mãe! minha mãe! » foram immediatamente seguidos d'outros mais rudes e mais terriveis : « Pega ladrão! pega ladrão! pega ladrão!... »

Julgai como a solidão dos campos foi desagradavelmente perturbada por esse tumulto deshonoroso para Oscar! Com que olhos o ceu não assistiu a tal scena! Camponezes, que não brincam com os direitos de propriedade, accorriam, esbaforidos, armados de pás e foices, promptos a pôr o ladrão em mil pedaços.

Serriamente, havia de que tremer! Oscar os sentiu de repente tão perto d'elle, que o insensato foi como que arrastado a se precipitar no rio, para evitar o terrivel castigo que lhe esperava.

Mas o anjo da guarda, oh! como eu acredito no anjo da guarda! parece ter vindo elle mesmo fazer o cavallo sahir do rio que ia servir de tumulo á criança!

Sim! o anjo da guarda teve piedade da mãe de Oscar; o cavallo, docemente puxado por uma mão invisivel, já um tanto refrescado pelo banho salutar, poz-se de novo a galopar para os lados d'uma pequena aldeia, carregando Oscar quasi desmaiado, mais salvo do rio.

Ao chegar á aldeia, o menino cahiu do cavallo. Despertado pelo terror, rodeado por todos os lados por um grande numero de inimigos promptos a cahirem-lhe em cima, elle atirou-se de braços abertos para a egreja da aldeia, que o recebeu cansado, atormentado pelo remorso e cheio de esperança! Sim! porque apezar de criança como

era, elle pensava que se está sempre bem protegido quando nos joelhos da Virgem que tem seu Filho nos braços; ella lembrava a Oscar que elle tambem tinha uma mãe, e parecia dizer-lhe lá de cima do seu altar : Fica conosco.

— Oito annos, franzino, rosado; um relógio de chumbo n'um bolso, etc., gritava na entrada da aldeia, o homem que ganhava tão laboriosamente o seu dia.

Elle foi rodeado, ouvido por todos os habitantes da aldeia, que tinham sahido de suas choupanas, enquanto que o dono do cavallo se acalmava um pouco trepando, como se diz, em cima do seu animal. Tudo isto foi um verdadeiro espectáculo para a aldeia. O asylo aonde Oscar foi esconder a sua vergonha, foi invadido; encontraram-n'o de cocarras n'um canto do coro, a cabeça escondida nos pés da virgem, aonde elle desejaria ficar para sempre! Ninguem ao vel-o se virar tão pallido, prostrado, os olhos cheios de lagrimas, as mais amargas da vida de Oscar, ninguem, nem mesmo aquelle que o perseguia, nem o proprietario montado no seu cavallo á porta da egreja, teve coragem de insultar o infeliz desertor! Respeitaram o asylo inviolavel que, por inspiração divina, elle tinha escolhido : todos se descobriram diante do altar, tomaram agua benta, e fizeram sahir o menino Oscar, que se deixou conduzir com humildade

diante da multidão reunida para vel-o passar. Os velhos disseram :

— Todo peccado merece misericordia.

As mulheres, ao ver esse pallido viajante, cabeça curvada pela humilhação, apertaram seus filhos contra o seio, e de algumas rolaram-lhes lagrimas ao longo das faces. As crianças, sempre boas quando vêm esses olhos de mulher brilhantes de piedade, disseram :

— Minha mãe, é preciso dar-lhe um pouco de leite.

Elle bebeu o mais que poudo, em quanto seu guia restabelecia as forças com alguns copos de vinho, pelos quaes, é preciso dizel-o, Oscar offereceu os ultimos vintens que lhe restavam, e o fez com tal insistencia que todos disseram : « Elle tem bom coração! » e que o homem encarregado de reconduzir o menino, desarmado por essa bella acção, deu-lhe a mão delicadamente, comprimontou á direita e á esquerda, dizendo : « Obrigado! Deus os ajude! » palavras essas que ficaram gravadas para sempre na memoria de Oscar.

---

## III

## AS BOLAS DE VIDRO PERDIDAS

Uma profunda tristeza reinava na casa paterna quando elle entrou. Tudo parecia estar na mudez da morte. A noite começava a cair; tudo era sombrio. O pai de Oscar durante todo o dia tinha andado á procura do filho. Sua mãe, como uma doida, tambem tinha sahido para descobrir seu cruel filho!

A rua era larga, deserta, ironica. Ella parecia dizer friamente :

— Entrae, caro senhor; tenho a honra de o cumprimentar.

O homem do armazem de seccos, na porta, examinando todos os escandalos ao alcance de sua investigação, retirou o seu barrete com a terrivel derisão d'esta apostrophe :

— Ah! ah! meu estimavel vizinho, encantado de vos rever! Se precisar de alguns excellentes figos, de boas passas para vos restabelecer de vos-

sa viagem, póde dizer a vosso pai que eu vendo isso muito barato. Elle deve estar muito contente comvosco!

As pernas de Oscar tremiam como varas verdes.

A velha Leonor, que fazia crochet no fundo da loja, ficou muito admirada ao ver seu joven burquez.

— Creia-me, disse ella preparando uma boa ceia para o guia, creia-me, Oscar, ide para vosso quarto e deitai-vos. Por hoje, vosso pai estará bem zangado, e vossa mãe não ousará vos perdoar deante de vosso pai. Vinde comigo; a ceia que vos offereço a comereis na cama.

Oscar foi para o quarto sem proferir uma palavra.

N'aquella noite elle achou tudo amargo, até o pão que Leonor lhe dera para comer.

Meio despido e deitado na sua cama, entregue aos mil pensamentos que passavam-lhe pela cabeça, temendo o *amanhã!* contando com a clemencia de sua mãe, de seu pai offendido, e na do bom Salvador, seu Deus, uma idéa risonha se introduziu na memoria de Oscar: suas bolas de vidro! todo o futuro se arranjou na memoria de Oscar: o dinheiro estava gasto, o chapéu tinha desaparecido na lucta: mas suas bolas de vidro! tão bellas, tão transparentes, que se podia ver o sol através!

— Oh! minhas bolas de vidro! vamos contal-as!  
E, soltando um profundo suspiro, sentou-se na  
beira da cama.

Todo mundo sabia que, antes d'esse terrivel dia,



as horas mais agradaveis para Oscar eram aquellas que elle passava examinando a sua distracção favorita. Aquellas bolas de vidro eram a sua fortuna, os seus rendimentos; elle as contava cem vezes por dia.

Julgae como elle ficou triste quando não encontrou senão duas, depois de ter examinado o seu bolso, um bolso enorme que podia passar por

sacco, porque era um armazem que Oscar levava por toda parte, e infelizmente tambem n'essa viagem. É de presumir que os solavancos do cavallo errante tivessem feito cahir aquella pequena riqueza... Oscar escondeu o rosto no travesseiro, que elle inundou de lagrimas, e, desencantado d'este mundo, acabou por adormecer. Elle tinha dito: « Nada mais tenho que esperar! » e cahiu em profundo somno.

Foi assim que sua mãe o encontrou, quando foi ao seu quarto, não para punir um crime que ella nunca tinha previsto, que não estava comprehendido nos artigos do seu codigo penal de mãe, mas porque ella não pode resistir ao desejo de ir verificar se era bem seu filho! o filho que ella tinha perdido durante um dia inteiro... Era elle! Como elle estava mudado! com que tristeza sua mãe não o reconheceu, quando, depois de ter approximado cautelosamente uma luz, ella o viu banhado em lagrimas, cheio de poeira e os cabellos desgrehados!

Essa mãe não pode resistir : ella chorou como ella tinha chorado na vespera, com mais doçura talvez, porque ella tinha encontrado seu filho! Por isso depoz ella, antes de sahir, o beijo do perdão sobre a fronte de Oscar. Em seguida foi ver seu marido que, passeando d'um lado para outro na sua loja, pensava no castigo que seu filho me-

recera, castigo que para sempre lhe ficasse gravado na memoria.

Ella fallou tanto, tanto! sua voz era tão supplicante, que seu marido acabou por lhe dizer :

— Vá se deitar; não me torne tão fraco como a senhora.

Ella rogou a Deus, e deitou-se tranquilla.

---

IV

ESCOLA E PERDÃO

No dia seguinte, Leonor conduziu o menino Oscar ao collegio, muito antes que todos se levantassem. Um almoço *de filho prodigo*, preparado por sua mãe, que ainda não lhe tinha apparecido, restabeleceu suas forças e tornou suas faces um pouco mais rosadas. Excepção feita das bolas de vidro que outr'ora eram o seu padrão de gloria, tudo parecia estar novamente collocado no seu lugar, e elle pensou recommear a sua antiga existencia.

Lá estava elle na escola, sentado no meio de seus

camaradas, quando o professor entrou, e, no meio do mais profundo silencio, disse :

— Meus caros discipulos. Ha, entre vós, um menino sobre o qual obtive tão más informações que é de meu dever vos assignalar como podendo dar um funesto exemplo á minha classe. É um gazeteiro que não teme deixar seu pai e sua mãe na mais terrivel das afflicções; sua mãe, sua boa mãe, que o alimentou com o seu leite, que o veste, que lhe paga as despezas do collegio! Esse ingrato menino desertou hontem a casa paterna! É inutil pronunciar seu nome. A vermelhidão de suas faces vos indicará quem elle é, apezar de procurar esconder o rosto no seu livro. Desejo, meus caros discipulos, que a vergonha de que elle está possuido possa corrigil-o para sempre afim de que jamais elle mereça o titulo antisocial de desertor!!!

Um longo murmurio augmentou ainda mais o vigor d'essa publica denunciação. Oscar suppoz girar n'um turbilhão de fogo, quando viu os olhos de seus camaradas fixados sobre elle, como um centro de curiosidade, porque não havia meio de negar, e ninguem exitava em reconhecel-o : era elle!

Os innocentes d'esse dia olharam-se com altivez uns para os outros, como se dissessem :

— Vejam se os desertores levantam a cabeça d'esse modo!

A cabeça de Oscar, como uma folha morta, cahia-lhe sobre o peito. Mas o murmúrio, a principio decente e suffocado, tornou-se por tal modo *tumulto*, que o professor teve necessidade de empregar uma energia pouco commum para restabelecer o silencio, porque todos os alumnos gritavam:

— Desertor! desertor!

Todos os camaradas de Oscar deram-lhe as costas.

Esse modo de proceder não indica certamente uma alta charidade; mas taes são os costumes nas escolas e no mundo inteiro. Foi com grande difficuldade que Oscar conseguiu fazer com que o não chamassem mais por esse vergonhoso nome.

Seu pai, quando voltou para a casa, viu que Oscar estava por tal modo abatido que quasi nem podia andar. Segundo a promessa da vespera, elle estendeu-lhe generosamente a mão.

— Oscar, eu te perdôo, disse elle, tu soffreste; *quem soffreu, venceu.*

Pobre Oscar! elle achou-se sem saber como, nos braços de sua mãe, que o apertava contra seu seio.

Elle fez economias para poder comprar bolas de vidro.

Elle jurou nunca mais desertar.





## AS FESTAS DE GUSTAVO

Apezar de não haver aqui creança alguma que me ouça, tenho vontade de contar uma historia, ou antes escrevel-a, afim de que depois de ter alegrado minha memoria, ella vá cahir nos ouvidos d'algum d'esses pequenos seres, ou sob os olhos d'uma criança que a lirá como uma carta dirigida aos que eu amo tanto.

Se fôr 'a ti, meu caro sobrinho Henrique, que ella chegar no meio dos brinquedos que receberes por occasião do Anno Bom, eu te peço não esquecer o que um menino de oito annos fez no dia de suas festas. Tu me dirás o que pensas a esse respeito quando eu tiver o prazer de te encontrar e conversar contigo sobre as impressões que a leitura te deixou. Desejava te enviar sómente cousas uteis para te provar a affeição que me inspiras.

Na vespera do dia de Anno Bom, Gustavo, mais rico do que jamais estivera, deitou-se o mais tarde que foi possivel, a fim de pensar durante mais tempo no emprego do seu dinheiro. Lembra-te que elle tinha apenas oito annos. Elle tinha no bolso quatro moedas de cinco francos, isto é, uma fortuna colossal. N'aquelle mesmo dia, elle se tinha levantado pobre, aborrecido de ver sempre os mesmos brinquedos, e ia se deitar possuidor de vinte francos, que seu avô lhe fizera presente.

Comprehenderás, meu caro Henrique, a impaciencia com que Gustavo sentiu, durante o resto do dia, aquellas quatro moedas no fundo do bolso. Lá pelas dez horas da noite, as quatro moedas dormiam na sua cama, e Gustavo parecia ver sahir d'ellas uma multidão de esperanças, risonha legião do trinta e um de Dezembro.

Mas a reflexão atravessava algumas vezes aquelle agil exercito, porque o avô tinha dito :

— Estou muito contente, meu neto, de poder te dar essa quantia; ella é o producto de minhas economias; procura, pois, empregar-a de modo util.

Gustavo promettera a seu avô; depois de dar-lhe um apertado abraço, elle foi procurar sua mãe, e confiou-lhe seu rico segredo. « Tenho vinte francos! » disse elle no ouvido de sua mãe, que ficou muito surpresa com tão grande generosidade.

— Como deves ser reconhecido, disse ella a Gustavo, de ver teu avô se privar de tantas cousas para te fazer tal presente! É preciso que elle tenha muita confiança em ti para não temer te dar tanto dinheiro. Trata de provar que elle não se enganou.

Gustavo olhou mais seriamente para sua mãe, e disse pela segunda vez que não se arrependeria do emprego do seu dinheiro; em seguida poz-se a pular por toda a casa cantando: «Tenho vinte francos!»

Errou toda tarde no meio dos preparativos para o dia seguinte, procurando reflectir, porque seu avô o havia aconselhado. Apesar da ascendencia que seu avo tinha sobre elle, Gustavo não pensava senão em brinquedos; por isso estava como encerrado n'um circulo de desejos muito seductores para não fascinar sua razão.

Ernesto, o mais velho da familia, alumno da Escola Polytechnica, entrou repentinamente, fazendo muito barulho, para abraçar a seus pais. Assim que Gustavo achou-se só com seu irmão Ernesto, que se tinha sentado, elle pulou-lhe em cima dos joelhos, e fez tenir suas quatro moedas de cinco francos. «Adivinha, diz elle; tenho vinte francos : adivinhaste?»

— Sem duvida, porque o disseste. É preciso que tenhas cumprido muito bem teus deveres para que te tenham dado tão boas festas!

— Queres ellés para ti? perguntou francamente Gustavo.

Ernesto o abraçou.

— Tenho as minhas, respondeu; meu pai não se esqueceu de mim. Que vais tu fazer de todo esse dinheiro?

— Oh! Amanhã farei muita cousa; vou ao bazar, e no bazar ha de tudo. Irei contigo.

— Impossivel. Amanhã tenho que fazer muitas visitas.

— Pois então, disse Gustavo, tomando uma resolução, irei com a criada.

Emquanto elle atormentava de novo o espirito para se lembrar das bellas cousas que se deseja quando se tem uma grande fortuna, todos se foram deitar.

Antes de adormecer, teve a idéa de comprar um cavallo, mas um cavallo de carne e osso; a difficuldade, porém, de guardal-o no seu quarto, que, pela primeira vez, elle achava muito pequeno, o fez abandonar essa idéa. Além d'isso, elle tinha ouvido dizer que um cavallo custava muito caro. Resolveu, pois, adiar essa compra para o anno seguinte.

Finalmente todos os objectos que queria escolher fizeram-lhe uma tal confusão na sua cabeça que ella cahiu em cima do travesseiro. Durante toda a noite elle sonhou com brinquedos : elle via

cavalllos de pau correndo á roda da cama, soldados de chumbo que elle commandava com o ardor d'um perito general, faziam entre elles um tumulto a causar insomnia ao mais dorminhoco dos meninos : ordinariamente, Gustavo dormia muito bem.

Os sonhos se succediam. O joven capitalista luc-



tou corajosamente contra um soldado de chumbo revoltado, que deu-lhe uma espadeirada com força tão brutal, que Gustavo despertou soltando um grito.

— Ah! trahidor, espera um pouco!... disse elle abrindo os olhos.

A dôr que elle sentia provinha das moedas de cinco francos, incrustadas na carne pelos esforços

que elle empregara para se defender contra o seu adversario metallico.

Gustavo, descontente com os soldados de chumbo, prometteu não comprar semelhante cousa.

Emfim Janeiro soava a sua oitava hora. Durante todo o dia foi uma procissão de visitas. Faustina, a criada de Gustavo, tinha muito que fazer em casa. A campainha era continuamente agitada, e ella não fazia outra cousa senão ir da cosinha á porta da escada. Pariz (esta historia passou-se em Pariz) no dia do Anno Bom, parece uma cidade tomada de assalto. Gustavo andava sempre adiante da Faustina, como se fosse seu guia, sua bussola. Como elle desejava que Faustina estivesse unicamente a seu serviço! mas não foi senão á tarde d'um dia tão longo, já passado portanto! que Faustina foi deixada ao serviço de Gustavo. É preciso dizer que Faustina tambem tinha vontade de ir dar um passeio. Pela rua em que Gustavo morava, podia-se andar sem receio de ser esmagado pelos carros. Gustavo, acompanhado pela criada, dirigia-se ao bazar.

— Se meu avô não morasse tão longe, disse elle, talvez lhe tizesse prazer de dar um passeio comigo.

De repente, Gustavo soltou um grande suspiro. Leonor, que o tinha posto no collo para que elle não se lançasse, perguntou :

— E o que temos ainda mais? pois isso não vai acabar?

— Escuta, Faustina, faço mal em me deixar carregar; põe-me no chão.

Quando elle entrou no bazar, quasi teve uma vertigem. Um grande numero de bonecos de engonço pareciam gritar : « Compre-me ! Leve para sua casa ! » e Gustavo suppunha-se bastante rico para compral-os todos; o embaraço, porém, era grande, e elle não se decidia. Passou uma hora nas delicias do millionario que se diz : Se eu quizesse!...

Faustina divertia-se com essa indicisão. Elle olhava para o avô de Gustavo que, um pouco mais distante, ria-se do embaraço de seu neto. Elle, que não contava senão com as festas dos olhos, não pedia mais do que prolongar o passeio, e divertia-se tanto como se estivesse assistindo a uma representação no melhor theatro.

De repente, a attenção de Gustavo se fixou sobre um grupo de tres crianças conduzidas por uma senhora que parecia ser sua mãe. Elles lá estavam, mudos de admiração, deante dos cavallos de rodas e dos carneiros articulados! Aquellas pobres creanças nunca tinham visto nada de tão bello. A extrema magreza attestava a intelligencia dos pobres meninos, e o modo por que sua mãe estava vestida confirmava essa opinião.

— Nem os cavallos nem os carneiros não me agradam, disse Gustavo a Faustina. Tive tantos no anno passado! É preciso puxal-os e algumas horas depois isso aborrece.

— Essa é boa! nunca a gente se diverte sem ter um pouco de trabalho, respondeu Faustina.

— É verdade, mas tudo isso é de papelão, não comprehende o que se diz!

— Naturalmente! mas é preciso não olhar de tão perto, isso sempre imita!

O melancholico olhar dos jovens proletarios diziam, como a sua roupa, que elles nada comprariam; e, como elles occupavam lugar, um dos caixeiros do bazar, mostrando-lhes uma bengala, obrigou-os a se afastar. Tal proceder não fez senão entristecer ainda mais a pobre mãe.

— Eu quero que elles olhem, disse Gustavo collocando-os diante dos cavallos e dos carneiros. Quero que elles comprem as suas festas, e que fiquem contentes!

— Queira me desculpar, disse o caixeiro olhando para Gustavo, estes senhores podem escolher. Se o senhor os conhece e responde pelo pagamento, estamos de accordo.

— Elles podem pagar, respondeu Gustavo, mas o que elles comprarem será por minha conta. Quanto custa estes carneiros? Quanto estes cavallos? E dizendo isto, mettia a mão no bolso.

O caixeiro, ainda mais admirado, olhou para a criada, que não fez a menor objecção. Por ordem do avô de Gustavo, ella devia deixal-o empregar o dinheiro como elle bem entendesse; e isso inquietava-lhe tão pouco que o avô de Gustavo, a dez passos d'alli, estava vendo o que o neto fazia.



Desde então, o caixeiro, prestando muita attenção ao freguez, procurou animar aos jovens indigentes que não ousavam ser felizes.

Ainda nada viste, meu caro Henrique, porque não viste a innocente alegria das trez crianças. A pobre mãe, admirada de tanta generosidade, arregalava seus olhos azues, que se assemelhavam a

essas flôres que desabrocham sem ver o sol. Para ella, n'aquelle momento, o sol era a encantadora physionomia de seus caros filhos, e seus olhos encovados resplandeciam de alegria.

A sua honesta miseria, porém, queria oppôr-se á prodigalidade de Gustavo; mas Faustina, fazendo-lhe um signal, disse: « Não vos inquieteis; se elle deseja empregar o seu dinheiro d'esse modo, não será um motivo para ser menos bem recebido por seus pais. Esse negocio é com elle, e ninguem lhe fará a menor observação.

O caixeiro soltou um suspiro, e disse que tudo custaria doze francos.

Gustavo deu a quantia pedida, e, muito satisfeito, poz-se a esfregar as mãos. Mas Faustina, para se dar um pouco de autoridade, entendeu dizer-lhe no ouvido:

— Mas tudo isto não enche o estomago. Esse presente é bom para os ricos. Elles prefereriam talvez um chapéu.

Gustavo, muito consternado, poz-se a olhar para elles, e as creanças, por timidez, hesitavam receber o presente.

— Pois então elles não teriam suas festas? replicou Gustavo quasi chorando. Pois chapéus são festas? Todo mundo tem chapéu! Faustina disse: é verdade, mas elles não têm.

— Ainda tenho oito francos, replicou Gustavo,

e justamente aqui se vende chapéus. Quanto custam aquelles chapéus?

A mãe dos pobres meninos tremia de surpresa e de esperança.

— Estes chapéus, respondeu o empregado escolhendo os melhores, vendidos vinte por cento mais barato do que o seu valor, valem os tres oito francos.

O empregado sabia que Gustavo não possuía senão aquella somma.

— Muito bem! disse Gustavo retirando o dinheiro do bolso e entregando-o ao empregado.

Tanto a mãe como as crianças não podiam pronunciar uma palavra, taes eram a surpresa e a satisfação que lhes invadiam a alma. Mas quanta gratidão se manifestava no olhar daquella pobre gente!

— Pois então vai voltar para casa sem levar cousa alguma? perguntou Justina a Gustavo que, com o olhar, seguia os pobres meninos.

— Estou no meu direito; tive um grande prazer, e meu pai nunca se zangou quando se é generoso.

— Muito bem, disse o avô apertando as mãos de Gustavo.

— Não é verdade, avôsinho, que no anno que vem eu terei um cavallo, mas um cavallo vivo? Por este anno prefiro guardar os brinquedos

quebrados e elles ainda me divertirão. Como sinto-me satisfeito de ter concorrido com as minhas festas d'este anno para fazer rir trez pallidos meninos.

Eis ahi, meu bom Henrique, o que Gustavo fez de suas festas.





## O MENINO DOS CAMPOS ELYSEOS

Ha annos, o facto de ter apparecido um carrinho verde puxado por quatro cabras pretas produziu uma grande sensação nos Campos Elyseos, em Pariz. Os meninos que sahiam das escolas rodearam a equipagem soltando gritos de alegria que attingiram o auge da expansão quando as abras excitadas pelas acclamações puzeram-se

a correr. Pareciam procurar fugir á admiração que causavam : as bellas cousas d'este mundo augmentam o seu encanto quando evitam as ruidosas manifestações. Os meninos, encantados, confessaram que, depois do carro de Cendrillon, sobre o qual elles tinham ouvido fallar, nenhum outro devia supplantar esse. Contaram o facto a seus pais, e o carrinho verde tornou-se assim objecto de curiosidade de um grande numero de meninos e de muitos mães. O brilho do verniz dava-lhe, ao sol, o aspecto d'um topazio rodante; ella corria como o vento.

A delicada physionomia de quem conduzia a carruagem denotava um atrazo no desenvolvimento de suas forças phisicas. Se todos os dias elle percorria os Campos Elyseos em todos os sentidos, era ainda, é preciso dizel-o, graças á agili-  
dade das cabras, das quaes uma d'ellas, chamada Ninina, o alimentava com seu leite.

O mez de Junho, bello mez que dá cerejas, acabava de se passar em salutaes passeios para a saude de Miguel. Elle não gaguejava mais, pronunciava distinctamente o nome de Rosa, sua irmã, o de Zolg, seu criado allemão e o de : mãi !

Todos os dias, na hora do sol poente, um grande numero de meninos iam aos Campos Elyseos ver o carrinho verde e quando partiam, gritavam :

— Adeus! Adeus!

Ai de mim! sim, porque um dia seguinte a esse bellos dias foi triste. Elle fez pensar a muitos que aquelles que possuem as brilhantes surperfluidades da vida nem por isso são os mais felizes; que não se deve invejar essas ephemeras doçuras, e que cada um de nós tem suas dores.

Como acontecia sempre na mesma epoca, a mãe de Miguel foi obrigada a se ausentar durante dois dias. Por esta vez, como sempre, sua mãe sentia o coração apertado por ter de abandonar seu filho. Depois de dar as necessarias instrucções para a direcção da casa, ella disse a Rosa em particular:

— Escuta, disse ella, é com o coração bem apertado que vou vos deixar, mas, mesmo por vocês, isso é preciso, meus queridos filhos, de quem eu sou ao mesmo tempo, por vontade de Deus o pai e a mãe. Consola-me, não abandones teu irmão um só instante, a menos que elle esteja com Zolg; não saias com elle senão em companhia d'esse bravo servidor.

Rosa depois de ter ouvido o que sua mãe lhe dizia beijou-lhe cem vezes as mãos. Ella arriscou um « mas, mamãe!... » que foi interrompido com doce firmeza :

— Tu me prometteste esquecer esse terrivel *mas* que apparece continuamente nas tuas respostas. Isso não é cousa permittida ás crianças;

minha filha, lembra-te que minhas ordens não indicam senão o amor que me inspiras.

— Está direito! replicou Rosa apertando as mãos de sua mãe com irresistível graça.

Ella partiu.

Miguel, que não a viu á mesa na hora de jantar, procurou-a por toda parte, e como a não encontrasse se disse consigo mesmo : « Amanhã! Amanhã! » Era a palavra que todos os dias elle dizia aos seus amigos. E elle ficou muito triste até o outro *amanhã*, do qual temos tanto que dizer.

N'aquelle dia Zolg, obrigado a ir a Vincennes ao encontro da dona da casa, não preparou o carrinho azul; teve o cuidado, porém, de recomendar humildemente a Rosa de não sahir de casa e de ficar, até a volta de sua mãe, junto da governante que estava paralytica.

Rosa, um tanto triste, olhou para Zolg, e, como não era a sua mãe a quem ella respondia, não se absteve de dizer: *Mas*, meu bom Zolg, eu sei como você o que tenho que fazer. Terei muito mais cuidado de Miguel do que mim mesmo.

Zolg, tirou o chapéu, e foi se embora respeitoso e confiante na D. Rosinha.

Essa menina tinha pensado que sendo ella a unica dona da casa durante a ausencia de sua mãe, não era obrigada a obedecer aos criados.

Rosa, apesar de suas boas qualidades, mostrava algumas vezes uma tal autoridade no fallar que se approximava do dominação. A velha Margarida nada ganhou em recordar-lhes as ordens de sua mãe.

« *Mas*, Margarida, disse Rosa, dando sempre honestamente razões para justificar sua resistencia, mamãe não gosta mais de Miguel do que eu, todos os dias me occupo d'elle. O pobre Miguel precisa de ar livre, e estou vendo como elle olha para mim; vou sahir um pouco com elle, não irei muito longe. »

Margarida, zangada, mas subjugada pelo ar da pequena rainha absoluta que transparecia na attitude de Rosa, continuou a coser e calou-se.

A partiu d'esse momento, Rosa, muito atarefada, foi preparar o carrinho; depois foi buscar seu irmão e sahiram. Este facto foi para ella um momento de inexplicavel prazer; os cabritos, o carro e Miguel não obedeciam senão á sua providencia e ao seu amor, e o seu desejo era justamente de mostrar que ella possuia estas duas cousas! Tudo ia muito bem. Por um instincto de que não se suppunha os cabritos susceptiveis, por não ouvirem a prudente voz de Zolg reprimir-lhes o fugor, elles iam de vagar. N'aquelle dia não encontraram nenhum dos camaradas. Quando chegaram ao Arco de Triumpho encontraram o rei que

passava seguido por um grande numero de soldados de cavallaria cujos brilhantes uniformes causavam grande admiração. Por toda parte havia muita gente para ver de perto o que é um rei.

Entre os transeuntes disseminados em pequeno numero por entre as arvores da Avenida em que Rosa se achava, um pobre se approximou das crianças que todos olhavam com interesse. Rosa deu uma esmola, dizendo :

— Tome isto, senhor, para comprar pão.

— E biscoitos ! accrescentou Miguel com ar encantador e como serio conselho. Isso fez sorrir um velho que tambem deu uma esmola, e o pobre muito satisfeito seguia o seu caminho, depois de olhar para elle e para as crianças. Tal graça innocente o teria commovido ? Quem o não seria ao vel-os tão confiantes e sósinhos !

Rosa não percorreu uma grande distancia, é verdade, mas demorou-se mais do que de costume. Esse passeio não era animado por nenhum dos meninos que ordinariamente o tornava mais agradável. O rei, sua escolta, os meninos de collegio, os professores, tudo tinha successivamente desaparecido. Miguel dormia. O vasto jardim estava silencioso ; o coração de Rosa começava a bater e, muito grave e orgulhosa da responsabilidade assumida de guardar seu irmão

Miguel, ella voltou para casa, anciosa de provar a sua mãe que as cousas nunca se passaram tão bem como n'aquelle dia. Na sua preocupação, obrigada a atravessar um cercado aonde estava o porteiro, ella deixou na porta da rua o carrinho em que seu irmão dormia profundamente.

Quando Rosa voltou, pulando de alegria atraz de uma senhora, que parecia chegar de viagem, e em cuja physionomia se podia ver a falta de coragem para reprehender a menina Rosa pelo acto de independencia que ousara commetter. A impetuosa menina acabava de abraçal-a, e Miguel estava salvo, pois que Rosa ria.

Bastava ver essa senhora que ia ao encontro de Miguel, para adivinhar que era sua mãe. Seus braços já se abriam para serral-o contra seu seio. Rosa dizia: « Elle dorme, a senhora vai ver! a senhora vai ver! »

Sim, o carrinho lá estava na porta, mas o menino tinha desaparecido.

Porque? como o fraco menino poderia elle ter sahido d'alli? depois d'uma terrivel queda elle não podia andar. Teria elle querido descer? Teria elle cahido? Não; não se ouviu um grito e quando as crianças cahem, ellas choram. E aquella muito menos do que as outras. Apezar do indizivel calafrio que percorre todo o corpo da pobre mãe, elle articula fracamente o nome de Miguel, e como

não recebesse resposta, começou a elevar a voz, repetindo com vezes o nome de Miguel. Ninguém respondia. Tudo estava mudo! Rosa estava como doida, Zolg accorreu suppondo... sem saber o que o elle suppunha, senão que havia um grande perigo. O carrinho vazio contou-lhe a historia: Miguel tinha desaparecido. Pediram socorro; criados, vizinhos, todo mundo corre em diferentes direcções, interrogando os transmutes que encontravam: elles nada tinham visto, nada tinham ouvido, a não ser os gritos da pobre mãe.

As horas são devoradas em inuteis pesquisas, em mortal expectativa, em ardentes preces, em toda sorte de esforços para descobrir o pequeno adorado. Tudo era em vão! Que noite para a mãe desesperada, para Rosa immovel, atacada por momentos de violentas convulsões, apertando os joelhos da mãe, gritando aos que se approximavam d'ella: « Fiz uma desgraça! Matem-me! oh! matem-me! » como ninguém encontra palavras para consolal-a e que ella se atira aos pés de sua mãe, gritando sempre: « Matem-me! » sua mãe lhe diz:

— Eu que estou morta, minha filha, como poderei te matar?

Durante alguns dias a vida d'essa joven imprudente esteve em perigo. As crianças não faziam mais bruido quando passavam deante da casa. A

pobre mãe estava ao lado de sua filha, quando vieram, em nome do primeiro magistrado, pedir novas instrucções sobre essa fatal aventura. É impossivel descrever o combate que se elevou no duplo desespero da mãe. Primeiramente ella correu á escada suppondo que sómente ella podia esclarecer a justiça e dar os signaes de seu filho; depois, agarrando-se ao corrimão da escada, ella disse a Zolg que a acompanhava: « Não me deixe sahir; se eu encontrar morta minha filha Rosa, poderei suppor me ter vingado d'ella, abandonando-a por sua vez; prefiro antes morrer de dôr do que de remorso. »

Zolg, que conhecia todas as particularidades e desejava agir, foi immediatamente ver o prefeito, que, felizmente, tinha bom coração e tinha filhos. O honesto servidor foi introduzido no gabinete do magistrado que o ouviu com muita attenção. O depoimento de Zolg corroborando o da mãe de Rosa foi transcripto pelo secretario do prefeito.

— Que idade tem a criança?

— Ah! meu caro senhor, a idade dos anjos, quatro annos apenas.

— Seu nome e prenomes?

— Miguel de Senne, filho d'um official superior da marinha, morto a Navarin.

— Aonde morava a criança?

— Nos Campos-Elyseos, numero 7, de onde

voou para Deus, se ella não foi raptada por alguém.

— A mãe da criança julga ter inimigos?

— Ella é uma santa viuva. Não conhece em Pariz senão seus dois servidores; que dariam seu sangue para defendel-a...

— De que modo estava vestida a criança no dia em que desapareceu?

— O menino estava vestido com um bonito costume azul-marinho.

— Elle já sabe fallar?

— Já sabe dizer *Adeus, amanhã, Rosa*, é o nome de sua irmã: diz *mamãe*, Margarida, meu nome e muitas palavras de sua invenção.

A velha voz de Zolg cessou subitamente. Havia alguma cousa de solemne na doçura do velho servidor como em todas as verdadeiras dôres. Por isso foi provado a Zolg que elle não era ouvido com indifferença.

Rosa graças aos cuidados que lhe dispensaram, sahiu do estado de torpor. A natureza foi mais forte do que sua tristeza. Durante a convalescença ella rogou a Deus, dizendo que elle sabia que ella não era má.

Após tres mezes de terrivel anxiedade, após todos os sacrificios feitos para encontrar o joven Miguel, um dos homens mais habeis para descobrir certos crimes, foi fazer uma visita á mãe de

Rosa, e disse-lhe que a justiça tinha feito tudo para descobrir seu filho e que sómente Deus podia restituir-lhe.

A mãe de Rosa cahiu sem sentidos.

O desaparecimento de Miguel tornou-se, pois, um impenetravel mysterio. A policia de Pariz, activa como um exercito invisivel, tinha inutilmente empregado a sua vigilancia. O desespero da pobre mãe tornou-se mudo como a sorte. Seus labios nunca se abriram para dirigir a mais insignificante censura a sua filha; mas tambem jamais um sorriso se notou no seu pallido rosto. Era em vão que Rosa dizia nas suas preces: « Meu Deus, eu não era má. Meu Deus, eu devo ser a unica punida por semelhante desgraça! »

Ella não era má! póde-se fazer mal e não se ser má.

A innocente imagem de Miguel passava noite e dia diante dos olhos de sua mãe e consumia tudo quanto tinha um pouco de vida. O silencio, o caridoso silencio era o que ella podia conceder a indocil creança que a tinha privado de Miguel. A pobre senhora afflicta suppunha que Deus não lhe podia exigir mais. Rosa o suppunha tambem, porque beijava timidamente a mão de sua mãe, que emmagrecia a vista d'olhos, e dizia-lhe baixinho como para obter um olhar:

— Vou estudar bem minhas lições, mamã!

Então, sósinha, o rosto entre as mãos, a pobre mãe suffocava os soluços: Rosa não a ouvia gritar: « E tu, Miguel, quaes são as lições que recebes? Qual é, lá aonde estás, o anjo da guarda que te instrue e preserva do mal, meu pobre filho?



Zolg era a unica pessoa que lhe respondia por um soluço, quando ella o via a seu lado, infatigavel como a piedade. A presença d'esse humilde amigo causava-lhe sempre uma convulsiva esperança. Suppondo-o sempre enviado pela Providencia, ella lançava-lhe um olhar que se animava,

como uma luz. Ella sabia que Zolg tinha andado por todos os cantos de Pariz, e que, como ella, elle perdia inutilmente suas forças. Esse bom servidor tinha tomado por costume ir todos os dias á igreja vizinha offerecer uma vela de cera a Nossa Senhora. Era o seu modo de rogar a Deus, á Virgem e a todos os santos. Um dia em que lá foi a igreja esta estava cheia e difficilmente se podia passar; não foi sem pena que elle conseguiu accender a sua vela de cera.

Quando chegou em casa, a velha Margarida disse-lhe: Parece que ragaste o paletot.

— É possível, respondeu Zolg com muito sangue-frio, elles se empurram na casa de Deus como as almas no purgatorio... mas como foi que rasguei o paletot.

Margarida, que tinha a vista muito curta, aproximou-se e viu então que o que ella tomara por um rasgão, era um pedaço de papel que lhe tinham pregado com um alfinete.

A surpresa foi grande quando, conseguiram ler com difficuldade: o seguinte endereço:

*A' senhora que tem quatro cabritos.*

Maravilhados, olharam um para o outro, e resolveram não obrir a carta senão deante d'aquella que elles tanto amavam. A principio a senhora de Senne não sabia o que significava a

emoção de Zolg nem o interesse que elle parecia ligar áquelle pedaço de papel.

— Minha senhora, disse elle, tenha a bondade de ler ; veja o que está ahi escripto : « Á senhora que tem quatro cabritos. »

E a senhora de Senne deixando-se ganhar pela emoção de Zolg, abriu a carta tremendo como uma folha. Depois de tel-a percorrido e comprehendido, talvez por milagre, por causa da orthographia, as linhas que se seguem, um grande grito partiu do fundo d'alma, e seus olhos se fecharam. Ella acabava de entrever a voz de Deus n'aquellas palavras. Eis a traducção :

« O pequeno não está morto ; esteja tranquilla, ninguem lhe faz mal, eu não o deixo. É tudo quanto posso dizer. Console-se. »

Esse raio de luz, n'uma noite tão longa, augmentou ainda mais a fé da pobre mãe. Ella parecia ter sentido a mão do filho acariciar-lhe o rosto. E cheia de esperança, deixou correr as lagrimas que a suffocavam ! era sufficiente para não morrer. Emfim o grande mysterio pareceu menos funebre, e, durante alguns dias elle tornou-se mais supportavel : seu filho vivia !

O maior segredo foi guardado a respeito d'esta carta, porque ella parecia ser o precioso fio que podia guiar até ao labyrintho em que Miguel estava perdido.

Rosa não fallava mais de seu irmão; seu silencio não significava esquecimento. Quando ella passava deante dos cabritos que não sahiam mais, sentia um terrivel calafrio. Um dia, de volta de seu passeio quotidiano com o fiel servidor, ella viu deante da porta de sua casa um grande ajuntamento. Todas as pessoas presentes, tiraram o chapéu e a deixaram passar sem proferir uma palavra.

Reconhecendo-as (eram os meninos que vinham saber noticias de Miguel) Rosa tornou-se muito pallida, e correndo foi se esconder por detraz da sua cama.

Ella já tinha chorado muito quando sua mãe entrou, e suppondo-se sósinha, releu attentamente o pedaço do mysterioso papel em que ella esperava sempre adivinhar alguma palavra mal comprehendida, algum indício occulto no sentido d'aquellas vulgares palavras, emfim ella procurava Miguel.

Havia justamente um anno que o facto se passara e para ella parecia ter sido na vespera. Sentada deante d'uma gaveta aberta, ella acabava de contemplar a roupa do caro ser ausente.

Rosa, que estava presente, sentiu sua alma se perturbar profundamente. Este transporte d'uma ternura como divina, concedida á imagem de Miguel, revelou-lhe tantas causas ao mesmo

tempo, tanta generosidade, soffrimento, amor constrangido na infeliz mãe, que a menina apoderando-se da roupa do irmão poz-se a beijal-a, e depois atirando-se aos pés de sua mãe, disse: « Mamã, beije-me tambem como estava beijando a roupa de meu irmão! Tal mãe poderia ella não comprehender tal filha? Palavra alguma poderia responder á Rosa ».

Foi um momento de intelligencia eterna. O bello rosto d'essa menina tornada feliz durante um momento, pareceu a sua mãe uma brilhante prophesia; ella ousou contemplal-a e se satisfazer de consolação. Rosa com certo ar de ternura e reflectido, disse:

— Porque razão a senhora me occultava que ainda chorava?

— Porque eu desejava te deixar crescer sem te suffocar. A dôr de todos os dias não é para tua idade.

— Oh! tenho sua idade, mamã, pois que tenho a idade em que se soffre. E eu tenho soffrido. Quanto não tenho soffrido desde o dia fatal até hoje! Deixe-me dizer-lhe emquanto tenho coragem para isso. Um dia que cheguei em casa cansada, com fome, e que a senhora muito contente de me ver com fome, teve a bondade de escolher, como para elle, aquillo que eu mais gostava, senti o appetite augmentar consideravelmente. Depois, não sei

bem explicar, senti como uma faca atravessar-me o coração. Adivinha... era por estar comendo sósinha aquellas fructas que a senhora me tinha dado; molhei-as com as minhas lagrimas, fiquei envergonhada, corri e fui dar tudo aos cabritos. A partir d'aquelle dia não tenho satisfação em comer.

— E é por isso que tens as fructas em horror?

— É verdade; tenho rogado muitas vezes ao meu anjo da guarda de levar a meu irmão todas essas cousas de que não sou mais digna.

— Chega, minha filha, interrompeu a pobre mãe que já não tinha mais coragem para ouvir.

— Não, continuou ardentemente Rosa, é preciso que a senhora me perdoe e para sempre. Como poderia a senhora fazel-o, se não soubesse que os nossos soffrimentos são iguaes? Póde perguntar a Zolg, elle conhece todas as minhas penas; vendo-a tão pallida, tão mudada, minha mãe, a senhora tão boa, mas tão muda diante de mim, confiei-lhe um dia que eu desejava tambem me perder, afim de ser perdoada e... lastimada como meu irmão.

A senhora de Senne não poude mais se conter e agarrou na filha.

— Oh! Rosa, eu não sabia então pensar tudo quanto penso hoje. E ella curvou a cabeça diante d'estas duas lições de desgraça. Sentiu que Rosa

já podia saber e guardar um segredo, porque ella tinha reflectido muito: contou-lhe o segredo da carta.

Rosa, doida de esperança, ouviu esta confidencia rindo-se convulsivamente; depois de ter lido a carta com muita attenção, disse: « Ah! disse ella de mãos postas, se elle ainda se lembra da sua prece e a recita de manhã e de noite, a santa Virgem não poderá resistir, minha mãe!

— Minha filha, eu te amo!... e a ambos abençoção com igual amor, disse a mãe.

Tal é o resumo d'essa memoravel conversação.

A senhora de Senne tornou-se fervente mais do que nunca no seu paciente supplicio. Mais ella soffria, mais sua fé tornava-se ardente. Se seus pensamentos não eram menos amargos, podia-se dizer que eram menos dolorosos. Lembrando-se de que todas as felicidades fogem como um bando de passaros, ella se convencia de que n'esta vida, por mais solitaria que ella seja, não ha nada inutil na appreciação de Deus. Ella chegou mesmo a confessar que, no fundo, a dor mais intensa não é nada, pois que ella cessa com a morte! o que, porém, jamais desaparece, é o respeito e o consentimento com que se a supportou. Suas lagrimas corriam na submissão, e sómente ellas contam, porque não cahem na arida areia da revolta.

A mãe e a filha conservaram-se, pois, unidas como duas preces vivas que o silencio e o abandono não fazem perder coragem.

É quasi inutil insistir sobre um facto do qual acabamos de ter a prova : é que a turbulencia de Rosa achava-se subjugada por um verdadeiro arrependimento.

Isto se passava na epoca em que todos os jardins estão floridos e os caminhos verdes ; os dias se levantavam e se deitavam, mudando o colorido das arvores, das ruas, do ceu, e nada mudava na devoradora immobilidade da ausencia de Miguel.

Foi no meio d'esse esplendor da natureza e d'essa tristeza, que ellas se prepararam para fazer a pequena viagem que a viuva fazia annualmente um pouco além de Vincennes. O fim d'essa viagem era ir pessoalmente ajustar contas com os administradores de suas terras. Essa partida recordava dolorosamente o desapparecimento de Miguel. Segundo sua mãe, deixar Pariz era deixar o lugar que prendia seu coração.

Com grande difficuldade se podia ir do boulevard da Bastilha á praça do Throno. O grande numero de carros, o conflicto de tropas entrando pela mesma porta da cidade, não permittiam mesmo aos transeuntes de atravessar os obstaculos que, de minuto em minuto, obstruiam o caminho. O calor era excessivo. O carro de praça

que a senhora de Senna e a menina Rosa occupava foi obrigado a parar perto da calçada do populoso boulevard, e, immediatamente, como todos os carros que estavam parados, um certo numero de vendedoras de fructas e de flores puzeram-se diante da portinhola. A senhora de Senne, usando por toda parte do seu direito de fazer bem, encheu o collo de Rosa de flores e de fructas. A nobre e pallida physionomia fez accorrer um menino que não tendo vendido a sua mercadoria foi de novo se sentar em cima d'uma pedra. A mãe e a filha acompanhavam com a vista aquelle pequeno, quando, de repente, Rosa, pegando no braço de sua mãe, a surpreendeu pela extranha expressão de seus olhos.

— Que tens, Rosa?

— Nada, respondeu ella em tom breve, absolutamente nada... Os raios do sol me fazem mal aos olhos; mas aquelle menino, a senhora viu?

A senhora de Senne o via. Havia com effeito alguma cousa de singular n'aquelle menino cujas pernas cambaleavam.

A mãe de Rosa que tantas vezes tinha sentido seu coração bater inutilmente, sacudio tristemente a cabeça, mas observando fixamente aquella criança que lá estava aos ardores do sol e que parecia se deixar conduzir por piedade. Levada por um movimento tão prompto quão impossivel

de ser reprimido, a portinhola do carro cedeu á violenta impressão de suas mãos.

« É a senhora que dá esmolas » disse o menino a um outro infeliz que a pobre senhora devorava com os olhos. A creança que se deixava conduzir, mostrando-lhe algumas violetas disse :

— Compre-me, não me recuse...

Rosa soltou um grito, e a creança já estava no carro. A senhora de Senne não podia articular uma palavra. No fim d'alguns instantes, a principio baixinho mas depois elevando a voz, disse :

« Mas, meu Deus! é meu filho! é Miguel! »

O menino abaixou a cabeça.

— Já me chamei Miguel... hoje me chamo João, disse elle.

— E tua irmã?

— Chamava-se Rosa...

— E tua mãe?

— Minha mãe! Ah! ella morreu... Minha irmã, e Zolg... Tudo mundo morreu, minha senhora, e eu vendo flores... Não deixe de me comprar!

— Senhor, ponho-me sob sua protecção com meus dois filhos, disse a senhora de Senne a um agente de policia, que alli tinha vindo por ter ouvido os gritos de Rosa.

O agente de policia olhava com emoção para essa commovedora scena, sem saber ainda se a mãe de Rosa gozava de todas as faculdades. E' ver-

dade que ella parecia ter perdido os conselhos da reflexão e agir auxiliada pelo instincto natural : ella não dizia nem que o menino era seu filho, nem que ella era sua mãe; ella o provava, porém, com a força das entranhas que agitava também os das mulheres presentes e que ella tomara por testemunhas.

— Sim, mulheres! sim, mãis! é meu filho, eu vos digo!

— Sim, sim, é sua mãe, com certeza é sua mãe!

— Naturalmente, esta-se vendo...

— Levai vosso filho, pobre senhora, levai vosso filho, gritaram todas ao mesmo tempo, batendo palmas, os olhos cheios de lagrimas.

O outro menino, porém, enterrando o chapéu na cabeça e batendo com os pés, queria tomar o outro á força, jurando que o tinham dado para guardar. O agente de policia fel-o sahir da portinhola do carro e levou-o para um pouco mais longe afim de interrogal-o. Rosa aproveitou d'esse momento para retirar Miguel do collo de sua mãe. Rosa, supplicante, disse a sua mãe :

— Deixe-me carregal-o um pouco; afinal de contas sou sua irmã! Deixe elle me reconhecer também!...

Miguel virou-se para ella, mas parecia não vel-a. Elle estendia-lhe sua mão indecisa, quando Rosa, soltando um grito, disse :

— Elle não nos vê, mamãe; olhe para elle... parece estar cego!

A senhora de Senne pensou morrer porque era verdade. O olhar que ella lançou para seu, filho



foi o mais triste, foi tambem o mais triste que Deus vira até então.

O agente de policia resolveu levar toda a gente ao posto mais proximo para lá se decidir a questão.

Apenas chegados, a autoridade começou por interrogar o menino que não deixou a menor duvida sobre sua identidade com aquelle que, havia um anno, era procurado. Elle foi legalmente restituído a sua mãe.

A justiça humana seguiu o seu curso.

Os detalhes que se deve ás creanças que se entristeceram com a sorte de Miguel, são longos de mais para serem relatados. Nós o seguiremos sómente até aos Campos Elyseos, afim de reconduzilo ao lugar em que o vimos pela primeira vez.



Chegada á porta de sua casa, a viuva, que não tinha succumbido ás commoções d'esse dia, quiz evitar a primeira violencia ao velho Zolg e a Margarida. Rosa encarregou-se corajosamente de preparal-os para essa grande emoção, e foi adiante.

Assim que Zolg abriu a porta, e mostrou-se surpreso de vel-a sósinha, Rosa disse-lhe que não se encommodasse por que sua tinha mãi ficado um

pouco mais atraz, e como Margarida chegasse n'esse momento, ella, sem poder continuar a phrase, atirou-se nos seus braços e poz-se a chorar.

Tudo passou-se pois como Deus quiz; isso, porém, não impediu que Zolg, reconhecendo Miguel que subia a escada guiado por sua mãe, ficasse muito pallido e escapasse de cahir.

— Sou eu! disse a criança reconhecendo a sua voz. Eu voltei!

Ao ouvir a voz de Miguel, Margarida, esquecendo a sua paralytia, deu alguns passos para se approximar da porta.

Eil-os reunidos! Com que santo tremor a pobre mãe despiu o filho e o lavou com agua morna e perfumada! Como elle olha para tudo! Alternativamente inquieto, silencioso, e pensativo, como sua memoria entra feliz e rapida no circulo de suas primeiras impressões!

Quem poderá contar a dolorosa solemnidade da primeira refeição feita por toda familia? Quem dirá a coragem que foi preciso a todos para soffocar os soluços quando Miguel olhava para os pratos esperando que lhe déssem a comida?

Depois do jantar, Zolg disse a Miguel :

— Agora vamos ver os cabritos.

— Você os verá, eu os apalparei.

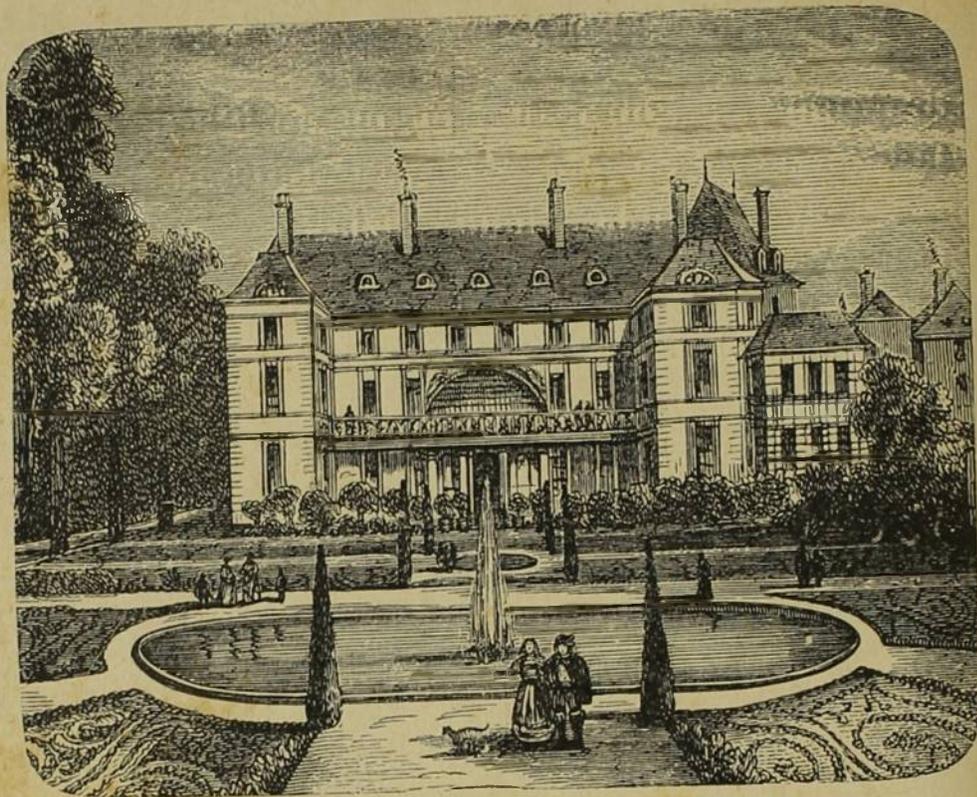
É impossivel descrever a profunda tristeza que invadiu o coração de todos ao ouvir as palavras

de Miguel, a pobre mãe pegou no filho e, apertando-o contra o seio, beijava-o doidamente.

E Miguel a cada instante dizia :

— Ah! meu Deus! como sinto-me bem!





## AS FERIAS

OU OS MENINOS POLITICOS

Era em 1830.

Septembro, mez abundante em ferias, mez abençoado pelos meninos de escola, reunia seis rapazes n'uma boa casa que acabava de abrir suas portas de par em par. Elles entravam alli como pombos no pombal, alliviados do latim e da philosophia;

nenhum d'elles ainda tinha doze annos, e seus pais não exigiam d'elles senão um bom coração.

Esse paraizo de creanças estava situado no fim da rua mais longa de Passy (esta historia se passou em Pariz) perto das margens do Sena, rua que se chama Baixa, apezar das suas extremidades se acharem em cima d'uma collina mal calçada. Os nomes d'estas ruas eternisam muitas vezes bizarras distracções; as crianças porém, têm azas, e aquella rua não era nem mais alta nem baixa do que qualquer outra; ella conduzia directamente ao prazer.

As grandes arvores, fluctuando por cima dos muros, exhalavam ainda, na epoca em que fallamos, um pouco de perfume de sua seiva.

Enormes ramos, que tornavam-se vermelhos antes de morrer, faziam o sonhador dizer: « O sol passou por alli! » como se diz d'um outro sol quando se vê alguns bellos rostos que sentiram o sopro d'um outro outomno.

Uma nuvem de passaros abatia-se algumas vezes sobre aquella rua, como um aguaceiro de folhas transportadas pelo vento.

A casa em questão achava-se no meio d'um magnifico jardim, rodeado por uma linda grade dourada. Durante oito dias, os preparativos das ferias occupavam a dona da casa e os criados, e uma menina de seis annos, que, com um gato nos braços, andava tanto quanto sua mãe e os criados.

Tudo estava arranjado na melhor ordem possível. Deus sabe como Jorge, Horacio e Luciano, os primeiros chegados na vespera, saudaram o sol, esse ardente visitante de sua liberdade. A mãe estava transportada de alegria.

Esse bello dia era tambem o do anniversario de Angelina, quem podia ignoral-o. Descuidosa ainda de si, ella dormia profundamente quando a voz de seus irmãos e os latidos de Mahomet lhe fizeram abrir os olhos. Por esta vez, ella não precisou de ninguem para se vestir, e foi poucos instantes depois que Luciano, Jorge e Horacio a encontraram no patamar da escada.

Horacio, o mais velho dos rapazes, mostrando-lhe o lenço, perguntou se ella queria jogar á cabra-cega.

— Aqui na escada, meu irmão?

— E porque não?

E elle apostou que se lhe amarrasse o lenço nos olhos, ella não encontraria sua mãe no quarto.

— Eu aposto que sim, respondeu Angelina : dez degraus a descer, um corredor a atravessar, um canto a virar do lado em que faço o signal da cruz, tres portas a contar para bater na de mamãe, e entra-se; amarra o lenço, e chegarei lá mais depressa do que vocês.

Seus irmãos, que tinham razão para assim proceder, amarraram o lenço nos olhos de Angelina,

que, arrastando os pés e as mãos pelas paredes seguiu o caminho que o habito tornava visivel. Todos tres a seguiam sem respirar, rindo e empurrando-se uns aos outros. Era evidente que se passava alguma cousa de extraordinario n'aquellas pequeninas cabeças. A irmansinha que não via absolutamente mas ouviã muito bem, pensou que elles riam porque ella imitava os cegos.

— Cheguei, gritou ella abrindo a porta do quarto.

— Eu ganhei! Bom dia, mamã!

— Sim, tu ganhaste, disse-lhe sua mãe, e tudo isto é teu.

Que seria? Uma cousa incrivel e difficil a ver a principio, mesmo sem o lenço nos olhos, porque seus irmãos puzeram-se a dansar a roda de Angelina estupefacta de ver accesa a grande lampada em cima d'uma mesa cheia não sei de quantas maravilhas. As janellas estando fechadas, a luz da lampada dava um brilho singular a tudo aquillo. Seria uma fada abrindo a muralha para mostrar ás creanças a illuminação de seu palacio? Era o que Angelina tinha pressa de saber e era por isso que no meio da roda gyrando com extrema agilidade, ella empregava todos os esforços para desunir as mãos que a encadeavam. Finalmente, os dansarinos pararam, fingindo ceder á pressão de seus pequenos dedos, mas curiosos tambem de tomar parte no exame da mesa luminosa.

O que mais os surpreendeu foi ver uma fabrica de tres andares, illuminada no interior, e tendo todas as janellas abertas, de modo a deixar ver os tece-lões trabalhando. Um enorme cachorro, quasi vivo, guardava a porta da fabrica.

— Como é bello! como é bello! como é bello! gosto muito d'aquelles homens! gosto muito d'aquellas luzes que são verdadeiras luzes! Parece que tudo tem movimento e tudo muda de lugar! Como é bello! como é bello! mamã, como é bello!

A mãi também estava contente.

— Agora, olha para este lado, disse Jorge apressado de lhe offerecer uma prova de seu talento no desenho.

— É muito bonito, disse Angelina admirando uma casa pintada com lapis encarnado.

— Isso foi feito por mim, confessou Jorge, que se sentia suffocado por ter guardado segredo durante tanto tempo.

Por que razão, escreveste em cima : « O anniversario? » não se vê ninguem em parte alguma.

— Estão dansando lá dentro, replicou Jorge; tu não adivinhas isso porque ainda não sabes desenhar.

— Ah! respondeu Angelina sorrindo á felicidade d'aquelles que ella não via.

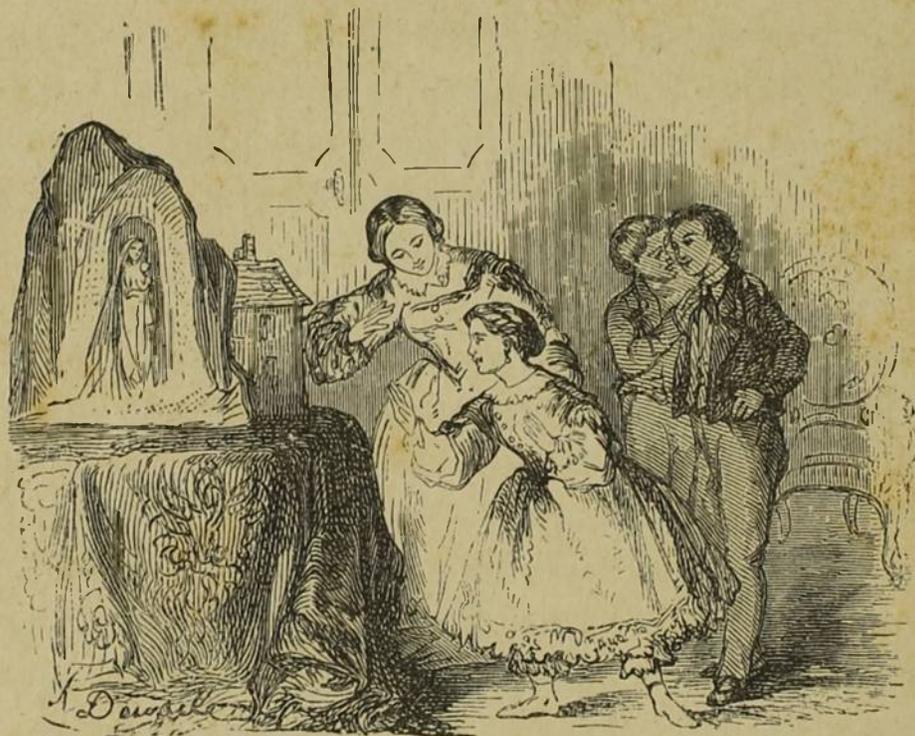
Ainda havia outra cousa a ver n'essa especie de Natal á moda allemã. A senhora Gastines nutria

uma terna predileção pelas mãis allemãs, tão pacientemente preocupadas da felicidade moral de seus filhos; essas mulheres, semelhantes a Flamengas, que Fénelon compara a parietarias vivas, tão fortemente enlaçadas á roda de sua casa, que, para arrancal-as, seria preciso demolir as muralhas. Por isso, nos innocentes prazeres com que ella procurava tornar sua casa eternamente cara á memoria da familia, via-se transparecer as crenças divinas que tanto a sustentaram toda sua vida no meio de muitas penas, procurando d'esse modo preparar o soccorro d'aquellas almas que ella estava encarregada de reconduzir ao ceu pelo caminho que ella atravessara sem jamais se perder; feliz mulher!

Em vez de destruir em sua filha essa encantadora credulidade, que, dizia ella, é a submissão dos anjos, a recompensava por meio de doces surpresas, as mais raras que uma mãe possa inventar, diante das quaes os tres meninos se conservavam muito attentos.

Resta-nos dizer que por detraz da fabrica de tecidos se elevava não se sabia o que de ainda mais luminoso. Horacio, após um expressivo olhar de sua mãe, poz a fabrica d'um lado e descobriu aos olhos de todos um grande rochedo! Elle era de granito, e por entre as fendas e rugosidades se via o verde musgo. N'uma cavidade, formada no

antro do rochedo, estava incrustada uma Virgem de cera, bella e graciosa, de pé, com o filho nos braços, como se vê, não se sabe por que milagre, nos flancos perpendiculares dos Alpes. Angelina



soltou um grito ao ver o menino divino. Um phanal em forma de reverbero illuminava aquella scena. Esse espectáculo explicava muito naturalmente a surpresa de Angelina, sobretudo quando seus irmãos, que conheciam o segredo, disseram ruidosamente que tudo aquillo lhe pertencia por ser o dia de seu anniversario.

— Ah! mamã! disse Angelina quando poudo

pronunciar uma palavra, como todas estas cousas me causam prazer; mas gosto muito mais da senhora!

— Agora, disse a senhora Gastines, vamos ler as cartas de Mauricio e de Luiz; porque não comprehendi bem porque razão elles vão chegar vinte e quatro horas depois de vocês tres.

Como nem Jorge, nem Luciano, nem Horacio, não respondem á questão, ainda temos tempo de retrogradar um pouco para nos assegurar exactamente dos nomes, dos caracteres, da idade, e do numero de habitantes da risonha casa de Passy, na qual passeamos como pessoas convidadas para assistir ás ferias.

A senhora de Gastines era a dona dessa casa que, como vimos, ella tornava o Paraiso de seus cinco filhos. Horacio, o mais velho de todos, não tinha doze annos; elle é bravo, exaltado e bom; destinado ao exercito como seu pai que fez a campanha da Africa, seu lugar já estava marcado na Escola Militar; é na sua cabeça de ferro que este plano está traçado, irrevogavel como sua certidão de baptismo; este acto publico data da ascensão de Bonaparte ao rochedo de Santa Helena. Diz-se-hia que, ao nascer, este nome entrou-lhe no coração; elle será bonapartista.

Jorge, o segundo filho do colonel Gastines, não pensou na nuança que já separa seu futuro do de

seu irmão; elle estima muito seu irmão, e tem dez annos. Pronuncia palavras que ouviu, as repete como se fosse o inventor, e n'isto consiste ainda toda sua convicção. No collegio, elle passa por ser um monarchista absoluto. O acaso nos tendo tornado testemunha da fonte d'esse boato, iremos um pouco até lá como historiador d'essa feliz familia.

Aconteceu (isto é historico) que no primeiro do anno 1826, o padre Mailla, que ireis conhecer como o melhor dos padres e dos tios, fez entrar pela pequena porta do jardim um cavallo automatico no qual Horacio e Jorge quizeram montar. Este debate, que se passava no fundo do corredor, ameaçava perturbar uma enorme reunião de creanças que se preparavam para um baile; o padre Mailla, terno e persuasivo como o padre Jocelyn, puxou Horacio pelo braço e deu-lhe uma bonita espada que estava escondida n'um canto. Horacio, qual Achilles, saltou em cima da espada; sua segunda alegria foi para o padre, que abraçou dizendo-lhe no ouvido :

— Encontrarei Jorge a pé!

Jorge atravessou pois tranquillamente o quarto, fingindo metter as esporas no cavallo de pau. A um momento dado, elle quasi perdeu o equilibrio; sua razão andava a roda; elle estava embriagado pela gloria; elle era rei.

De todos os lados pediam-lhe para fallar ao povo; ouvia vozes confusas gritar :

— Fallai a vossos subditos! vossos subditos vos supplicam!

Jorge estava immovel e tinha as faces muito vermelhas. Uma pessoa presente vendo-o embaraçado, assoprou-lhe uma longa phrase oratoria, da qual elle não pode ouvir senão estas palavras, que elle balbuciou com muita dignidade :

— Eu sou sempre... o rei!

Estas palavras foram cobertas por uma salva de applausos. Foi a partir d'esse dia que, de tempos em tempos, apparece sempre nos seus gestos alguma cousa de realeza, porque elle se lembra que teve subditos. Mil idéas vagas do poder zumbem, como moscas douradas. Não podendo viver como um rei, elle quer viver sob a dominação d'um rei, e assigna : *Saint-Georges de Gastines*. Sua saude é boa. Elle é gordo, louro e fresco como uma rosa; gosta de dormir e adora os doces; quando briga vae até o sangue.

Luciano é Horacio, menos dez mezes; falla menos do que elle; não respira, póde-se dizer, senão quando Horacio respira. Se Horacio anda, elle anda; se sonha, elle o admira e o ouve viver para viver. Quando Horacio diz : « Tenho vontade de dar pancada no Max que me chama o pequeno caporal com ar de zombaria ». Luciano responde

resolutamente : « Vamos dar pancada no Max. » Quando, depois de ter reflectido, Horacio accrescenta : « Esperemos que elle se restabeleça da quéda que deu », Luciano senta-se dizendo : « Pois sim ! »

Um dia elle declarou a esse irmão que não passeia senão com elle, e não dorme senão no quarto em que elle dorme : Se tu fores imperador, eu serei Bertrand : gosto tanto de um como do outro. »

Quanto a Max, é o querido filho d'um creoulo da Martinica em relações de commercio com a familia Gastines, que foi confiado a esta para seguir a sua educação no collegio. Todos os seus collegas o admiravam pela abundancia da sua palavra. Se as *Mil e Uma Noites* não estivessem escriptas, elle as teria inventado em favor do seu paiz. Republicano como Toussaint Louverture, elle não escreve seus themas senão com luvas amarellas.

Luiz é o orphão d'um bravo official morto na Grecia, ao lado do colonel Gastines. A pobre creança, sem mãe, seguia o exercito carregando uma espada mais pesada do que elle ; quando elle viu seu pai morto, pegou na sua espada e quiz matar todos os Turcos. O senhor Gastines teve tanta piedade que, na primeira occasião, mandou-o para a companhia de sua mulher, uma excellente senhora.

Tal era, ha tres annos, o pequeno Luiz que vamos ver d'aqui a pouco entrar na casa abençoada, com seu joven amigo Mauricio : Mauricio que vai se apresentar por uma carta que a Madama Gastines vae ler. Essa carta dá a idéa mais exacta de sua profunda innocencia.

— Creio, repetiu Madama Gastines, que meus filhos não ouviram o que acabei de ler.

E todos tres, muito embaraçados, levantaram a cabeça.

— É porque ainda não comprehendi bem porque vieram antes de Mauricio e de Luiz. Os vizinhos podem suppôr que estão privados de sahida.

Jorge tomou a palavra e repetiu que apenas tinham encontrado tres lugares no omnibus.

Esta desculpa não foi acceita, e sua mãe disse que por mais um dia elles podiam esperar para virem todos juntos, e Max não podia deixar de obedecer a sua familia.

Luciano, que ordinariamente não fallava muito, ao ouvir-o nome de Max disse que era precisamente por causa d'elle que não tinham esperado.

Jorge accrescentou que Martinica era bastante razoavel para conduzir os pequenos, elle que se suppunha destinado a reger o universo.

— Então não é inteiramente por falta de lugar

que chegam separadamente? Ahi ha alguma cousa, meus filhos.

— A senhora quer saber? confessou Horacio com muito sangue-frio: é porque não somos da opinião de Martinica, emquanto que Luiz e Mauricio estão sempre esbabacados deante de seus discursos.

Madama Gastines poz em cima da meza a chicara de café que estava bebendo, e, muito admirada, olhou para o filho.

— Pois então tens uma opinião, meu amigo?

— Nós temos uma, minha mãe, replicou gravemente Horacio tomando-lhe a mão.

— Isso me surprehende! Pois então no seu collegio se falla de politica.

— Falla-se! gritou Jorge; nas horas de recreio, compomos um jornal; cada opinião tem o seu, e lá no collegio ha tres opiniões differentes.

— Meu Deus!

— Horacio sósinho redige um; seis columnas por semana, para apparecer no domingo de manhã.

Depois do almoço, reune-se a camara n'um terrasso que ha no fundo ao jardim; lê-se, discute-se e vota-se.

— Isso é muito bonito, meus filhos! bem cedo procuram os meios mais promptos para morrer de pena.

— Um homem não morre de pena, disse Horacio com calma.

— E Bonaparte morreu talvez de prazer?

— Morreu suffocado, minha mãe, e dentro de quatro annos, irei pedir explicações á Inglaterra.

A conversação estava n'este ponto, quando Margarida, criada da casa, dirigindo-se a Horacio disse :

— Então pensa que elle morreu?

— Como se penso! replicou Horacio.

— É um erro profundo, meu rapaz. Nós sabemos a esse respeito mais do que posso dizer; elle não morreu.

— Estás doida, Margarida! disse Madama Gastines impaciente de conhecer o estado moral em que voltavam seus filhos.

— Quanto a ti, Jorge, continuou ella, não me parece provavel que tenhas escolhido tua religião politica.

— Tenho a fé sem o raciocinio, diz Jorge acabando uma fatia de pão. Sinto-me monarchista, como quero um rei absoluto, não me entendo muito com meus irmãos sobre o imperador preferido.

— Não sabes o que dizes, interrompeu Horacio. Elle tinha o poder magnetico, estás ouvindo? Tudo vinha ao encontro de sua vontade, como milhares de agulhas attrahidas pelo iman.

Jorge não respondeu :

— Não pergunto a tua opinião, disse Madama Gastines olhando para Luciano, vejo que serás militar. Mas já tínhamos esquecido a carta dos ausentes; encontraremos talvez ahí algum algum indício do que tu pensas contra elles. Jorge.

— Sobre elles, mamã, é-lhes preciso tambem uma crença; só os irracionaes podem viver sem crenças.

— Sem paixão, queres dizer. Tens espirito, meu Jorge; tu me lembras nosso pobre primo Benel: elle fallou tanto sem pensar, que não conseguiu senão a ser dentista.

— Eu não fallo muito, mamã, replicou Jorge muito vermelho.

— Não; mas tens o espirito tão leve que acreditadas nas cousas mais oppostas.

Vejamos as cartas que ella tira do bolso, não tendo tido tempo senão de lel-as por alto. A calligraphia de Luiz, comquanto ainda pouco bonita, não era má e a carta éra exactamente o que transcrevemos.

« Minha boa mãe,

« Como estou triste, mamã! mostro-lhe as mãos vazias, não obtive premio; como é terrivel ver meus irmãos voltarem com premios! Elles vão ser

abraçados, beijados por sua mãe, que é também a minha. Não ousei ir para casa, não obtive premio. Vou trabalhar este anno para não ter mais vergonha. Todo mundo e Angelina me perguntarão como passei os exames... Nada terei que responder, nada absolutamente. Quero ganhar premios, os ganharei no anno proximo. A minha distracção é a cousa de tudo isso. Que será de mim se andar para traz. Não diga nada a Angelina.

« Seu respeitoso adoptivo e servidor.

« LUIZ HORIANO. »

— Não vejo n'esta carta o menor traço de opinião politica, disse Madama Gastines muito seria... Virando-se para Angelina disse: « Eis uma carta que te é dirigida por Mauricio. Lê alto ».

Angelina tirou os braços de cima do rochedo, e com uma voz cuja impressão somente sua mãe comprehendia, leu o seguinte:

« Minha cara Angelina,

« Apresenta os meus melhores cumprimentos a mamãe, a meu tio o padre Mailla e a Margarida.

« Venho dizer-te que obtive quatro premios e duas menções honrosas.

« Fui punido muitas vezes ; dizia sempre que sabia minhas lições, e quando me puniam, eu fugia e passava o resto do dia a brincar debaixo das arvores. Vi uma vibora e não tive medo. Quando voltavam as horas da noite, era ainda punido para o dia seguinte, minha cara Angelina ; todos os dias era punido. Tratarei, depois das ferias, de contentar meu irmão Horacio, o Reitor, o Inspector, emfim todos, para que todas as semanas eu tenha satisfações e premios em 1831. Eu te abraço e prometto a mamãi ter uma conducta melhor do que a que tive até hoje. Tomo sempre boas resoluções, mas não as ponho em pratica. Abraça por mim não sómente mamãi, como meu tio o padre Mailla e a boa Margarida.

« Adeus. Abraça teu irmão,

« MAURICIO GASTINES ».

*Post-Scriptum.* — « L'Huillier morreu de bexigas. Isso causou-me muita pena : e a ti, Angelina ? Adeus ».

Madama Gastines attestou que ella não encontrava n'esta carta, como na outra, nada que justificasse a censura feita pelos filhos persentes aos que ainda não tinham chegado.

— É porque o estylo não é o homem, como se pretende, minha mãe, replicou Horacio ; é pre-

ciso nos ver discutindo para nos conhecer ; é batendo na pedra que se faz fogo ; o fogo é a alma !

Margarida estava extasiada...

— Tu me esmagas, diz Madama Gastines abraçando o filho ; prefiro te abraçar que bater pedras umas contra as outras : com fogo não se brinca.

— Agora, continuou ella, podem ir ao jardim, parece-me que terão apenas o tempo necessario para ir á porta receber seus amigos.

Angelina foi a primeira a ir olhar através da grade, emquanto que os rapazes tomaram direcções differentes.

A chegada de Max desorganizou a harmonia que reinava n'aquelle terceto. Como sempre, Max foi o primeiro que appareceu.

— É bem elle ! disse Jorge a seus irmãos que o olhavam atravessar o jardim a passos largos ; elle anda sempre como um elemento.

Immediatamente atraz vinham Luiz e Mauricio.

— Tenho um rochedo ! gritou de longe Angelina a Luiz assim que o avistou.

— Ah !... respondeu elle acompanhando-a, emquanto Mauricio entrava no circulo dos conversadores.

— Fica ahi para te instruir com a discussão, diz Max retendo Luiz.

Angelina olhou lastimosamente para o creoulo e foi procurar sua mãe.

N'esse momento a voz aguda de Margarida mandou servir o jantar, porque tinha visto a bagagem dos recém-chegados, o que fazia suppor que deviam estar no jardim. Todos então se dirigiram tumultuosamente para casa, aonde ternos abraços dissiparam as nuvens que annunciavam a tempestade.

Este momento de tregua pareceu encantar a Madama Gastines. No meio dos sete filhos que a rodeavam e que a amavam profundamente, ella parecia pedir-lhes de não alterar essa completa felicidade, que ella tinha pago com dez mezes de corajosa ausencia.

Mauricio, sem pensar que ia humilhar o pobre Luiz, foi mostrar a sua mãe os premios recebidos. Emquanto Madama Gastines abraçava o joven laureado, Angelina olhava para Luiz com uma anciosidade que ia quasi aos soluços.

— Não ganhei premios, disse Luiz muito triste, pondo-se de joelhos deante de sua mãe adoptiva.

— Ganharás no anno proximo, respondeu ella enxugando suas lagrimas.

— Vem ver meu rochedo, diz Angelina que procurava disfarçar a vergonha de Luiz.

— Tu és o unico, meu Horacio, que não me mostraste tua corôa, observou Madama Gastines contando as outras.

— Para que, mamãe? louros de papel! prefiro outros.

Durante este tempo, Max, sentado n'uma cadeira de braços, lançava um olhar altivo sobre o ambicioso philosopho.

Terminado o jantar foram todos para o jardim. Madama Gastines tinha ficado com Margarida para ajudal-a nos intimos preparativos da ceia.

Durante este tempo a agitação tinha recommençado no jardim a respeito dos premios obtidos: Max cortou a questão dizendo que elle não tinha recebido senão um, mas que elle valia mil, pois que era o primeiro de versificação e prosodia latinas.

— Então gostas muito dos Latinos? perguntou Jorge passavelmente atrozado sobre esse assumpto.

— Naturalmente! são os primeiros do mundo!

É verdade, no tempo dos Latinos; mais nós somos muito maiores do que elles, replicou Horacio.

— Estás brincando? Elles tiveram Cesar por chefe!

— Nós tivemos Bonaparte, replicou Luciano, fanatisado por seu irmão.

— Já não o tens mais, respondeu Max em tom ironico, batendo com a luva no nariz de Mahomet, que poz-se a latir.

— Iremos buscal-o em Santa Helena, accrescentou Luciano rugindo de colera.

— Desejo-te muita satisfação.

— Terei a minha parte, disse Horacio, cruzando os braços e pondo-se diante de Max.

— Que tenho eu com isto? não irei contigo; não gosto d'elle, elle matou a republica e eu sou republicano.

-- Elle o era mais do que você, poisque elle a chamava sua mãe.

— É ainda muito peor do que se elle a tivesse odeado; elle lhe teria posto menos europeis e uma corôa na cabeça, para obrigar-a ao despotismo.

— Roubaste tudo isso nos velhos jornaes.

— E tu, tu finges repousar sob teus louros, replicou Max em tom mordaz.

— Brinquemos! brinquemos! gritaram Luiz e Mauricio; toda essa historia é summamente aborrecida.

Os quatro contendores olharam e viraram as costas. Os pobres innocentes não sabiam a que partido estavam filiados.

— São uns tolos, diz Max atacando Jorge; pôde-se fazer crer a elles tudo quanto se quizer: ora Carlos X, que está no exilio; ora Luiz XVIII, enterrado em Saint-Denis.

— Eu quero que sejas honesto, replicou Jorge saltando-lhe em cima. Tu és mais alto do que eu,

mas eu sei subir, quando tenho na cabeça que devo fazer alguém descer.

E agarrando Martinica pela cintura, elle o atirou em cima do cascalho do jardim.

Mahomet, que estava acorrentado, fazia esforços incriveis para ir em auxilio de seu joven senhor. Max, subtil como uma serpente, levantou-se um tanto pallido.

Angelina accorria triumphante com a sua Virgem, no momento em que o imprudente Luiz, seguindo o impulso de seu coração, collocava-se entre os dois adversarios. Sua eloquencia limitava-se a este grito :

— Amizade! Amizade!

Max, colerico, apoderou-se de Luiz, como se toma uma barricada importuna.

— Ah!... tu me interceptas! procurou articular Luiz meio suffocado.

A pobre Angelina, no seu joven instincto de mulher, para lisonjear Max e salvar Luiz, poz-se a gritar desesperadamente :

— Viva a republica!

— Cala-te, Angelina! diz Jorge tapando a boca da irmã.

Angelina, tremendo por Luiz, perguntou o que queria isso dizer.

— Não te posso dizer! Tenho alguma cousa nos olhos, respondeu Luiz.

Então Angelina, chorando, foi procurar sua mãe. O sangue corria pelo nariz da pobre menina.

Madama Gastines fez um grande esforço para occultar á menina a sua tristeza, mas não se poudo conter de confessar a Margarida que todas aquellas contusões lhe sangravam o coração.

Margarida procurou consolar a Madama Gastines dizendo :

— Tudo isso não é nada, é uma gymnastica necessaria ás creanças. Nariz inchado, gallos na testa... meu Deus! Todas as creanças passam por estas cousas!

— Meu Deus! como chegas a proposito, meu irmão! disse Madama Gastines ao padre Mailla que entrava n'essa occasião :

— Mas o que é que ha, minha irmã, perguntou o padre Mailla, um rapaz de vinte e oito annos, que parecia levar a conciliação em toda parte em que apparecia a sua physionomia doce e calma.

— Saiba, meu pobre padre, que temos uma revolução em casa, e que os revolucionarios estão lá no jardim promptos para a lucta, por nuanças de opiniões que elles mesmos não comprehendem.

— Luctar? Bater-se? Quem é que quer se bater, minha irmã? Quaes são esses espiritos doentes que querem recommear o choque?

— Como, doentes? disse Margarida mettendosse em tudo; são seus sobrinhos, que comem como

lobos e crescem como cedros! O peor d'elles é o tigre da America. Elle quer tudo conhecer, esse embryão de republicano.

— É a idade ingrata, observou o padre com indulgencia.

— Você diz isso de todas as idades, meu irmão, para poder desculpá-las. Va depressa, vá vê-los, e procura chamá-los á razão. Eu tambem trabalho n'esse intuito, porque é preciso fallar-lhes como a homens, e tratá-los como creanças.

O padre Mailla, dirigido por Angelina, apressou o passo para chegar ao lugar em que se agitava a pequena assembléa constituinte.

— Tu, tu serás o tribunal, disse Hcracio indo ao encontro do tio.

— Nada de tribunaes! replicou Martinica, gritando como um possesso.

— Quero me bater em duelo, e não saio d'isso. Sus! aos bonapartistas! viva Sparta e Haiti!

— Venho brincar com vocês, meus filhos, disse o padre, comprimentando-os com o seu mais grave sorriso.

— Não somos creanças, responderam os quatro mais velhos, agitando as mãos como para obter silencio.

— Tanto melhor, meus senhores! Se não tratamos com creanças, as cousas irão mais direitas e mais rapidamente. Respondam com moderação.

Não se trata de eloquencia, mas de razão e de justiça. Max Martinica, como estrangeiro e como alliado, tem o direito de fallar em primeiro lugar. Martinica, de que te queixas?

Max, influenciado por essa moderação, levantou a cabeça com menos colera para se justificar :

— Foi Jorge que sujou a minha roupa de areia e me chama Robespierre.

— É falso! não se disse isso senão uma vez e no collegio. Foi elle que me chamou Vandeano.

— Pesando bem estas palavras, vocês estarão facilmente de accordo.

— Nada de accordo! nada de accordo! responderam todos juntos.

E os quatro oradores querendo contar a sua historia, e os dois neutros pondo-se a gritar por imitação, o tumulto attingiu o auge. O padre Mailla encostou-se ao muro, fechou os olhos em signal de protesto e de santa paciencia. Essa muda reprovação não deixou de produzir um bom resultado sobre os revolucionarios que calaram-se e não olharam mais senão para o padre. Foi durante esta tregua que elle pronunciou algumas palavras vindas mais do coração do que de seu grande talento :

— A ti primeiramente, Horacio, como chefe d'uma honesta familia, eu ensino, se o ignoras, que teu pai bateu-se sempre pela França e jamais por um partido. Ainda ha muitos povos com os

quaes não podemos nos entender, para desalterar essa sêde de guerra que devora nossos filhos quando elles ainda precisam dos cuidados d'uma mãe. Isto se dirige ao mesmo tempo a teus irmãos : se elles não o comprehendem, encarrega-te da explicação. Você, Max, a quem nossos braços estão



abertos na ausencia de teus pais, você nos deve condescendencia sem baixeza. Não te peço outra senão a de considerar meus sobrinhos como teus irmãos, afim de te acostumares ainda moço a considerar assim todos os homens. Sejas o viajante bemvindo. Possa a minha palavra, que sahe d'um

espírito aonde não fermentam nem a ambição nem o odio, acalmar vocês todos! Se vocês ainda não se podem apertar a mão com a franqueza natural da idade que têm, separem-se durante algumas horas, para reflectir silenciosamente sobre as doçuras da reconciliação. Deus não assiste ás reuniões em que as almas estão colericas. Tomo comigo estes dois que ainda não pensam, porque os erros que vocês commettem podem lhes perturbar o juizo. Podem ir passear! e não tirem a graça da mocidade com violentas discussões : os melhores homens foram perdidos por ellas. Lembrem-se de que a boa disciplina não é bem exercida senão com a prudencia e o amor da ordem. *A palavra doce domina a colera; a palavra dura excita o furor.*

Emquanto o padre Mailla reconduzia pela mão Luiz e Mañia, os tres Gastines e Martinica, cabeça baixa, foram para seus quartos. Sem encontrarem uma palavra para pronunciar, subiram lentamente a escada, como se contassem os degraus, e fecharam-se no quarto. Mais cansados do que se tivessem corrido, o que seria proprio de suas idades, elles sentaram-se cada um na attitude de seu character. Max, vendo os passaros nas arvores, pensava que elles iam se dirigir para a Martinica.

Horacio, commentava na sua fronte immovel os conselhos recebidos e até a penetrante voz do seu tio o padre Mailla. A cada instante elle dizia :

« Minha mãe! minha mãe! » Luciano, não querendo ouvir nada do que se passava n'elle senão depois de ter ouvido o que se passava em Horacio, olhava para este como um marinheiro para a bussola, soltando de vez em quando um profundo suspiro :

— Gritei mais do que você, disse elle emfim; porque estás tão triste? fizeste menos mal do que nós.

— Não é por isso; é porque somos muito ingratos para com a nossa mãe!

E todos dois, abraçando-se, puzeram-se a chorar.

Jorge lembrava-se de que não tinha comido uvas e isso aborreceu-o por tal modo que elle adormeceu. Era o que sempre lhe acontecia nas suas horas de tristeza.

Foi n'essa occasião que elles observaram como as horas são longas. Tendo tomado a resolução de não sahirem do quarto senão quando os chamassem para jantar, pensaram que tinham se esquecido d'elles. Por toda parte reinava o mais profundo silencio. A noite começava a cair e a voz de Margarida não se fazia ouvir.

Horacio e Luciano estavam entregues ás mais tristes reflexões, quando de repente por entre a porta entreaberta elles viram apparecer uma mão que se estendia para elles. Reconheceram ser a de

Max e muito commovidos olharam um para outro. Attrahidos por esse signal de reconciliação, foram apertar aquella mão, que respondeu-lhes por uma pressão mais eloquente do que a palavra.

— Não estou mais zangado, disse Luciano; e você?

— Nem eu, pois que elle deseja fazer as pazes.

— Sempre gostamos de ti; disseram os dois.

— E eu tambem; creio, porém, que depois do acontecido, tua mãe não me perdoará. Atirei Jorge no chão e fui máo para com vocês todos.

— Nós tambem o fomos e nossa mãe é melhor do que nós.

Todos elles sahiram do quarto, e correram á sala de jantar.

Madama Gastines, vestida como se fosse a uma festa, fez semblante de não ter notado que a punição durara tres horas. Margarida olhou sobretudo para Horacio, encantada por o seu ar grave, que elle julgara profundo, e sem poder se conter, disse:

— Passe, meu imperador. Depois de admiralo alguns instantes, gritou : O jantar está servido.

Todos sentaram-se. Depois da sopa, o padre Mailla, collocado entre Max e Horacio, disse-lhe, com uma graça evangelica, um dos bellos preceitos que o conduziam na vida : « Nunca percas um velho amigo, porque não se sabe o que será o novo ». Houve um momento de silencio e todos pu-

zeram-se a olhar para o prato. Madama Gastines que não gostava de ver se prolongar o embaraço entre creanças zangadas, pediu ao padre que lhes dêsse um copo de vinho.

O padre Mailla, recorrendo sempre á Biblia para justificar a sua bondade natural, disse: « Sim, minha irmã; demos vinho aos que têm o coração triste; que elles bebam e percam para sempre a memoria de suas dores. »

— Muito bem! gritou Mauricio. Angelina e Luiz soltaram uma gargalhada, emquanto que as outras creanças olhavam muito admiradas para algumas garrafas de vinho muito fino.

Pouco a pouco a harmonia circulou nos espiritos, timida ainda, porque ninguem tinha dito: Fiz mal; o que de resto é raro, mesmo entre creanças. Cabia a Margarida fazer desaparecer essa frieza moral que o orgulho põe no coração humano, por melhor que elle seja.

Servida a sobremesa, Margarida, muito vermelha, adiantou-se com os braços carregados de provas de reconciliação: pudim, geléas, cremes, emfim uma grande variedade de doces e de fructas. *As Mil e uma Noites* não contam que houvesse cousa melhor.

O vinho começava a produzir effeito; a conversação animava-se.

— Gosto muito de Horacio e de todos, disse Max com effusão.

— E viva mamã! responderam todos os outros diante d'esta grande prova de sua bondade.

Os culpados adivinharam que umas bandeiri-



nhas que lá estavam em cima da mesa, eram os symbolos da republica e da realza.

— Vocês honrarão os bellos exemplos, imitando-os, disse o padre Mailla; não entreguem suas bandeiras ao inimigo; é preferivel queimal-as e beber as cinzas, para que o peito lhes sirva de sanctuario. Vamos, minha irmã! Bebamos a essa

gloriosa união; confundamos as opiniões, para que saia d'ahi a harmonia e o tratado de paz eterna.

Os gritos de « Viva mamã! viva a patria! » acolheram a idéa do padre Mailla, enquanto Madama Gastines queimava alegremente todas as nuanças da discordia para dissolver-as no vinho, autorizado pela Biblia.

Os abraços que se seguiram a este sacrificio foram tão sinceros como as bordoadas que tinham entristecido a metade do dia. Depois do jantar, dansou-se; o padre Mailla que pensava em tudo quanto é necessario para melhorar as almas, não tinha esquecido este parographo da Biblia : « Uma boa musica n'um festim em que se bebe vinho é como o carbunculo encastado no ouro. »

Os meninos e as meninas da vizinhança foram convidados. E d'este modo festejou-se alegremente o anniversario de Angelina.

— Mas, diz Margarida a Jorge, que tinha rasgado uma luva, tu não tens senão uma luva!

— Que importa isso, replicou vivamente Jorge, que adorava a musica e a dansa, não dansarei senão com uma mão.

— Eis a paz, disse o padre Mailla a Max e a Horacio, que passavam deante d'elle de braço dado, enquanto os outros dansavam. Na guerra se dansará assim?

— Esteja certo, meu tio, disse a creança, que

se obtem grandes cousas com a guerra : todos os poetas comprimentaram o Imperador.

— Leio algumas vezes os poetas, confessou o padre Mailla : ha um sobretudo de quem eu desejaria ser irmão; é aquelle que gritou do fundo d'uma caridade digna do Christo :

« Que o inferno não seja mais  
« Um beijo no universo.. » (1)

— Eu o adoro, meu tio, replicou Horacio abraçando-o; mas não se inquiete, nós não queremos bater senão a Inglaterra, e Max está comigo.

(1) Schiller.





## OS PEQUENOS SALVAGENS

Um naturalista vivia muito feliz no meio das amostras de todas as partes do mundo que elle podia reunir.

Estes fragmentos do universo estavam arranjados com tanta ordem, que uma carta geographica pouco valor tinha ao lado dos quatro cantos do mundo em miniatura. Era um encanto. Esse naturalista conduzia pela mão os que o visitavam, ora pela Asia ou pela Africa, ora pela Europa ou pela America. Era muito instructivo e pouco fatigante.

O Sr. Le Femi, assim se chamava elle, tambem tinha filhos que elle adorava com infinita ternura, mas de modo prudente. Seu museu, sanctuario da sciencia, e ao mesmo tempo a fonte de sua fortuna, não se abria para elles senão na sua presença. Esse pai, tão cheio de solicitude para com esses caros pequenos ignorantes, pensava que a cousa mais innocente encerra um perigo, quando não se

conhece o seu uso. Por isso fechava cuidadosamente a seu museu, objecto da curiosidade sempre crescente de seus tres filhos avidos de novidades e de brinquedos.

— Oh! como eu desejava ter um pedaço da Asia, dizia um.

— E eu, um dente da Africa! dizia o outro suspirando por um longo fragmento de marfim com esta inscripção: *Dente de hippopotamo da Africa.*

Muito mais garantidos do que Adam e Eva na sêde de conhecer, elles andavam á roda da arvore da sciencia, sem nada poder colher, porque ella estava debaixo de chave. Lá não entravam sem o pai e isso mesmo quando não havia perigo, isto é quando não havia por alli alguma serpente, algum tigre, etc.; quando se podia fazer a viagem sem se correr risco. Um perigoso instincto, porém, conduzia sempre á porta ou ás janellas do museu, isolado da casa por um jardim. Escolhiam de preferencia este lugar porque sempre podiam ver alguma cousa ou atravez da vidraça ou pelo buraco da fechadura.

Um dia mais sombrio do que os outros, um d'esse dias que predispõem o homem á reflexão e as crianças ao aborrecimento, em que o sol está escondido, talvez para não ver o que vai se passar, os tres irmãos andavam para um lado e para outro. O Sr. Le Femi, tendo sahido muito cedo

para ver alguma cousa preciosa, e, como sempre, tinha levado a chave; tendo recebido n'aquelles dias um certo numero de caixas cheias de thesouros, uma grande desordem reinava no museu. As crianças já tinham olhado umas vinte vezes para a vidraça, que elles detestavam, e faziam commentarios sobre tudo quanto entreviam d'um modo tão imperfeito e sem poder pôr a mão! É sabido que certas cousas vistas de longe são muito attrahentes, que ha objectos cuja forma desconhecida atormenta a intelligencia e atíça o instincto de aprender; tudo isto é sabido; mas as creanças, que um dia devem ser homens, já devem saber resistir a taes impulsos. Ha sempre uma certa satisfação na resistencia a um máo desejo, e sempre uma ameaça na possessão d'uma cousa prohibida.

E neste facto vamos ter mais uma prova d'esta grande verdade.

A impossibilidade de atravessar, em corpo e alma, os vidros que pareciam rir-se dos invejosos, deu-lhes a energia de correr e procurar distração no movimento.

O jogo da pella occupou-os durante um momento. Mas a pella, lançada vigorosamente por Alfredo, dirigiu-se como que voluntariamente para o lado da janella, e quebrou um vidro. Um buraco por onde se podia passar a cabeça : ai! que tentação!

Não havia dois partidos a tomar : era preciso fugir. Não é covardia fugir da tentação.

Alfredo ficou tão petrificado como Emilio e Ernesto. Elle perdeu o tempo a deplorar uma falta involontaria, e a apanhar os inuteis pedaços de vidro. Era tempo bem empregado!

Pouco a pouco esqueceram o facto e a tristeza da falta commettida transformou-se em ardente esperança.

— Vem ver como d'aqui a gente vê bem, disse Alfredo em voz baixa.

— Como tudo isso é extraordinario! responderam os outros pondo-se na ponta dos pés e procurando ver pelo buraco.

Alfredo, atirado por tudo aquillo, trepou até o peitoril da janella passando o braço pelo buraco de mau agouro.

— O que vês? perguntavam os mais moços.

Finalmente, a probidade naufragou. O ferrolho da janella achou-se nas mãos de Alfredo, que não sabe explicar esse facto. Puxou o ferrolho, abriu a janella. Os dois mais moços treparam como pueram, depois de terem rasgado os joelhos das calças, e, ajudados por Alfredo que não queria ser feliz nem culpado sósinho, penetraram no muscu.

O excesso de emoção e de fadiga tinha imposto silencio. Mas alguns minutos depois todas as caixas

abertas foram cuidadosamente visitadas; todas as quatro partes do mundo foram submettidas ás mais rigorosas investigações. A força, porém, de examinarem os objectos não se lembravam mais



do lugar em que elles se achavam; por isso, muitas cousas vindas do centro da Africa, foram collocadas lá nos confins da Asia. A um momento dado reinava alli a maior desordem; elles andavam por cima do universo no costume dos selvagens!

Havia justamente por alli os despojos de alguma tribu. Cada um d'elles metteu-se n'um costume.

— Tu és anthropophago! disse Alfredo a Ernesto, um menino louro, muito bom, que alli fora atirado pelo exemplo.

— Tu, Emilio, tu és o Esquimau, comedor de peixes e de fructas. Eu, sou o chefe d'uma tribu guerreira; o anthropophago quer te comer, eu atiro uma flecha e te mato.

— Não! eu não quero que me mates! disse Ernesto que queria brincar durante muito tempo. Vamos nos bater; tu gritarás : Basta! eu continuarei; Emilio cahirá, e enquanto eu lhe comerei a cabeça, tu soltarás um grito de guerra : Oak! oak! e a batalha recomeçará.

— Ousado! replicou o mais velho.

E a peça começou.

As flechas representaram o seu papel; papel terrível!

Em toda parte, a morte mostra uma ponta de sua foice. Dir-se-hia que as creanças a irritam com a sua imprevidencia : ella anda a roda dos que não respeitam as ordens de seus pais.

As flechas, mais elegantes do que aceiradas, assemelhando-se pela sua extremidade á aza d'um passaro graciosamente aberta, confundiram-se logo ás confusas acclamações de : Oak! oak! e a tudo quanto se póde inventar de mais salvagem, quando de repente ouviu-se um verdadeiro grito, um verdadeiro *Ai!* tão natural, que o combate termi-

nou. Alfredo estava ferido no dedo, e apesar de querer rir-se, não teve forças para isso.

A voz do pai, retumbante como a voz da consciencia que se desperta, chegou aos ouvidos das creanças.

— Alfredo! Emilio! Ernesto! aonde estão vocês tres?

Nenhum ousava pronunciar uma palavra.

De repente, ouviram passos de alguém que se approximava. O Sr. Le Femi, levado por um sentimento, foi ao museu, e soltou um grito ao ver a janella aberta.

Elle não espera o carregador que levava na cabeça uma enorme caixa contendo raras preciosidades...

Sem ter tempo de abrir a porta, elle appareceu como um Deus terrivel... e salvador, aos olhos dos selvagens, que cahiram de joelhos.

O costume em que seus filhos se achavam, que em qualquer outra occasião o teria feito rir, despertou-lhe uma idéa funesta que suffocou sua indignação.

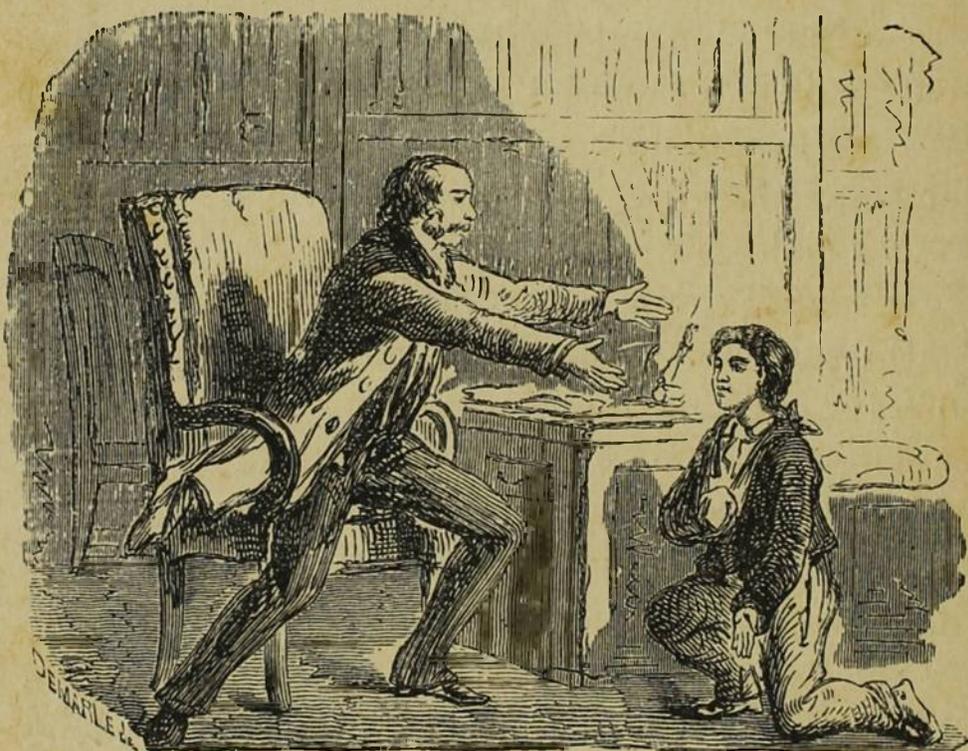
— Que fizestes, meus filhos! diz elle, sobretudo você Alfredo, o mais velho, o primeiro depois de mim para guial-os, que fizeste, meu menino?

— Elle está ferido! responderam seus irmãos chorando e mostrando o dedo de Alfredo, que estava pallido e mudo de soffrimento.

— Horror! piedade!... ferido por que objecto?  
— Por isto! respondeu Ernesto, o anthropophago, mostrando uma flecha muito maior do que elle.

O pai ficou mais pallido do que Alfredo.

— Creança!... miseravel! não! meu filho! disse



elle gaguejando e levantando Alfredo que estava deitado no chão. Coragem, estás ouvindo, ou então estarás morto dentro de uma hora, e se tu morres, eu morro! estás ouvindo, eu morro tambem!

— Terei coragem, meu pai, disse o culpado...  
Póde fazer o que quizer.

— Pegue n'este menino... e ponha em cima de seus joelhos! disse o Sr. Le Femi chamando o carregador, que tambem pulou pela janella, e ficou muito assustado ao ver o Sr. Le Femi pegar n'um machado da idade média.

— Alfredo! é preciso que eu te corte o dedo.

— Corte! disse Alfredo dando a mão.

— Não, meu pai! gritaram ao mesmo tempo as outras duas creanças e o carregador.

— Não podemos perder um minuto, a flecha está envenenada! Coragem, pois!

E o dedo cahiu.

O senhor o guardará, disse Alfredo.

Os mais moços tremiam como varas verdes, enquanto o pai com sublime sangue-frio, causticava a chaga viva do filho que elle disputava á morte. A força humana não foi mais longe; terminada a operação, elle apertou convulsivamente a cabeça de Alfredo contra seu peito, e cahiu sem sentidos.

Não foi senão muito tempo depois que a mãe de Alfredo soube do que se tinha passado perto do seu quarto. Muito adoentada, ella não podia sahir. A creança não se queixou, não chorou, quando ella perguntou o que elle tinha :

— Não é nada, minha mãe, respondeu elle sabindo da sua presença para não encommoal-a.

Até mesmo elle cantava, para tranquillisar sua mãe.

Elle, porém, chorou, oh! elle chorou muito com seu pai, porque esse bom pai, desejando reprehendel-o e com justiça, foi immediatamente suffocado pelos soluços que fizeram Alfredo cahir a seus pés.

Foi então que a creança não poude conter mais suas lagrimas.

— Sim, chora! chora! diz o pai. Sejam os todos dois creanças e não nos envergonhemos disso. Podemos ser fracos : mas todos dois fomos corajosos!





## A PHYSIOLOGIA DAS BONECAS

---

### I

#### UM PAI

Quatro bonecas passaram um dia na rua das Pyramides, em Pariz. Esse facto causou uma certa sensação nos vizinhos da feliz casa em que ellas entraram, porque eram de uma belleza idéal.

Uma velha criada recebeu-as no patamar do segundo andar, tomou-as dos braços da pessoa que as trazia, collocou-as por detraz d'uma cortina, segundo as ordens recebidas, depois foi prevenir o dono da casa, chegado dias antes d'uma

longa viagem; momentos depois elle appareceu acompanhado por quatro meninas, quatro irmãs, que sentaram-se a roda d'uma meza aonde havia um excellente almoço para ellas.

Esse homem, já um tanto curvado apezar de ser ainda moço, sentou-se no meio d'ellas. Era o pai das creanças que vinha ocupar o lugar d'uma encantadora mãe que ellas tinham perdido. O desejo de ser ao mesmo tempo o pai e a mãe d'aquella pequena familia era a unica cousa que fazia viver o Sr. Sarrasin. Obrigado a viajar frequentemente no interesse de todos, havia tres annos que elle mesmo não tinha podido cultivar aquellas plantas, cujos caracteres elle ignorava completamente. Tinham passado dias, mezes inteiros, n'um collegio em que ellas tinham sentido menos cruelmente a ausencia de sua mãe, e a momentanea privação dos carinhos do joven pai. Depois da sua volta era a terceira vez que se reuniam, e como é facil julgar, elle não se occupava senão da felicidade de suas filhas.

Terminado o almoço, todos se levantaram.

— Eis aqui, disse elle levantando a cortina que occultava as visitas, quatro pequenas companheiras que desejo associar á nossa viagem a S. Deniz.

A surpresa foi tão grande, que as quatro meninas não puderam articular uma palavra.

— Oh! papai, oh! papai! como são lindas!

— Não foi sem motivo, continuou elle, que ellas

vieram procural-as. Desejaram sem duvida encontrar um asylo junto de vocês. A escolha que fizeram deve estar indicada no seu cartão de visita.

Todas ellas se precipitaram para tirar das mãos articuladas das bonecas um cartão de visita. Albertina, a mais velha, leu o seu nome; o endereço era assim concebido : « Prudencia a Albertina ». Augusta, Marcellina e Valeria tambem leram seus nomes. Tudo isso provocou gritos e abraços que deram a maior satisfação ao pai.

— Educae-as bem, disse com certa ternura, e prestem contas de suas inclinações; são suas filhas.

Albertina carregou a sua nos braços com a attitude de uma boa mãe, olhando com um ar de protecção que fez o Sr. Sarrasin augurar um bom futuro á boneca, que immediatamente ella chamou : Minha filha.

Augusta agarrou vivamente em Lutina pela cintura, e deu-lhe dois beijos que desmancharam o penteado. Valeria pegou em Pery pelas suas duas delicadas mãos, fazendo-a dansar uma walsa. Marcellina, a mais moça, ficou gravemente de pé deante d'aquella que a olhava de cima da mesa, sem mostrar grande enthusiasmo em fazel-a descer.

— Não pegas na que se chama Toute-negra? disse o pai : não gostas de ter uma filha?

— Sim! respondeu a menina loura, olhando alternativamente para a boneca e para seu pai...

Gosto muito mais de ti! accrescentou ella em voz baixa, trepando em cima de seus joelhos e procurando beijal-o.

Seu pai, commovido, depois de olhar durante algum tempo para a filha, suppoz ver o retrato de sua mãe em miniatura, e apertou-a contra o coração.

As gargalhadas que partiam do quarto vizinho despertaram aquelle homem absorvido na contemplação do passado. Abraçou a sua filha mais moça, tomou-a pela mão e foi se reunir ao alegre bando que ia se tornar o centro das observações do physiologista paterno.

---

II

QUATRO MULHERES EM MINIATURA

Albertina procurava fazer Prudencia sentar-se deante d'ella, para mostrar-lhe pacientemente uma amostra de tapeçaria, fallando-lhe com graciosa autoridade e promettendo um mundo de venturas no encanto do trabalho. Ella já tinha preparado todos os elementos para conseguir esse fim. A

boneca, submissa, pegava n'uma agulha e parecia ouvir sem aborrecimento sua mãe explicar-lhe as delicias de tal trabalho.

— O ponto deve ser sempre igual, as mãos devem estar sempre muito limpas, e a lã bem arranjada.

Este pequeno canto do quadro repousou deliciosamente os olhos do Sr. Sarrasin, porque Albertina era a mais velha.

Como elle sentia-se feliz por ter descoberto em sua filha o germen d'uma paciencia tão util n'uma casa!

Sentada n'uma grande cadeira deante do piano, Valeria, com a mão na cintura de Pery, fazia-o andar a roda n'uma especie de galope.

— Compassadamente! arredonde os braços, não se incline tanto... abaixe a cabeça deante do cavalleiro!

— Feliz creança! pensou o Sr. Sarrasin; a musica tomará uma grande parte nos seus prazeres e nas suas penas.

Augusta, que se conversava a uma certa distancia, parecia muito occupada com Lutina. Ella a tinha abraçado tanto e tantas vezes, que a humidade de seus labios já tinha compromettido o brilho d'uma das faces de sua filha. Foi na surpresa de ver uma mancha enternecer o brilho d'aquelle rosto, que ella recorreu ao sabão e descobriu que

já não restava mais do que um pedaço de cartão dobrado aonde o sangue não circulava. O outro, ainda intacto, formava um horrendo contraste. Foi n'este estado que Augusta, com as lagrimas nos olhos, foi ver seu pai, e, mostrando Lutina, dizia:

— Veja, meu pai, como ella está com um lado do rosto tão doente! e já por duas vezes o lavei com agua e sabão...

— É justamente por isso, respondeu o pai; as bonecas não gostam da agua; é preciso não devorar o que nós amamos. Muitas caricias suffocam uma creança.

— Cure-a, meu pai, disse Augusta de mãos postas, e eu te prometto que de hoje em diante a beijarei com cuidado.

Lutina foi enviada á casa d'um celebre medico para bonecas, no grande bazar em que ella tinha sido comprada, e, na mesma tarde, ella voltou á rua das Pyramides, mais vermelha do que nunca.

O Sr. Sarrasin emquanto fallava a Augusta, não perdia de vista sua outra filha Marcellina, a mais moça, e notou que ella não ensinava á sua filha nem a tapeçaria nem a dansa. Ella olhava de tempos em tempos para a boneca, mas com uma admiração fria e timida que seu pai não podia explicar.

— Porque razão não dansas com tua filha, meu anjo? Não a achas bonita?

Marcellina não respondeu immediatamente; mas depois, como sem querer, disse :

— Não ousou amal-a!

— É singular! pensou o Sr. Sarrasin.

---

III

A PORTA DO CEU

Como no dia seguinte o tempo estava magnifico, apesar da neve que cahira na vespera, depois de estudadas as lições, e da criada ter vestido as quatro jovens amas, que ella adorava, almoçou-se muito cedo e todos sahiram a pé. A velha Suzana, bem resguardada do frio, guiava o pequeno rebanho, e o Sr. Sarrasin o seguia de perto com a vigilancia e a solitudine d'um pai.

Sabeis aonde iam com tanto enthusiasmo, com tanta esperança, que nem um pé parecia tocar a terra? e porque aquelles quatro rostos tão encantadores se levantavam de quando em quando para ver por cima das casas o ceu azul, tão puro, tão alto, por cima das chaminés das immensas casas de Pariz? Porque beijaram tão seriamente as bo-

necas, dizendo-lhes : Adeus! sem leval-as tambem? Pois bem! o sabereis : porque a pessoa que contou esta historia acompanhou a familia até a porta Montmartre. Essa pessoa tinha tambem que fazer uma piedosa visita lá aonde iam aquellas bellas creanças, cada uma d'ellas carregando uma linda corôa de flôres.

— Aonde vamos, minha boa Suzana? disse a pequena Marcellina, que ainda não andava muito bem.

Suzana suspirou e não ousou responder, porque o pai das meninas conservou o mais profundo silencio. Andaram, andaram... e depois viram um gradil diante do qual o Sr. Sarrasin parou, descobriu-se, e disse :

— Comprimentem, minhas filhas, porque é aqui a porta do ceu!

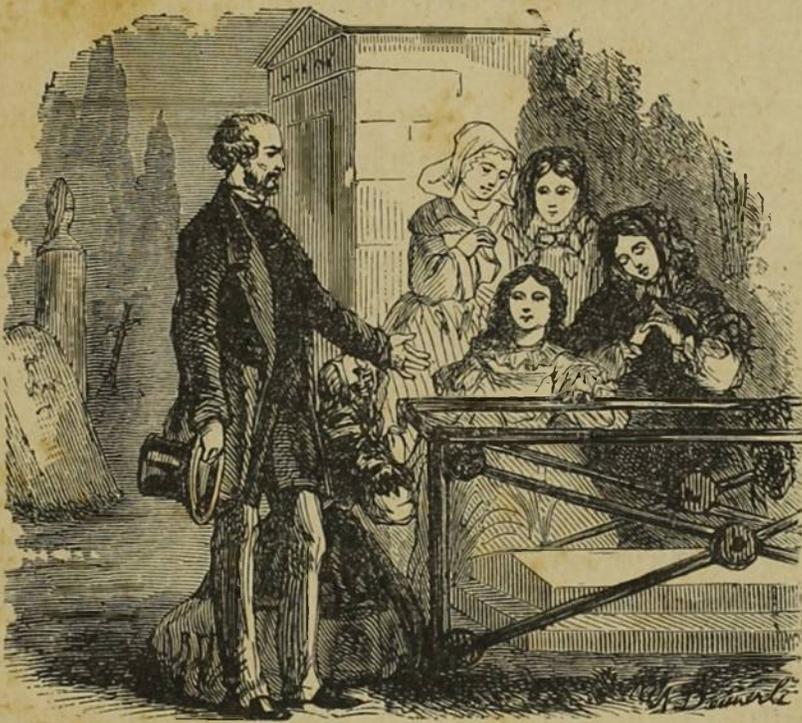
As quatro meninas obedeceram com um instincto de dôr e de ternura, que as fizeram parecer a quatro anjos de piedade. Suzana virou o rosto para occultar as lagrimas.

— Minha boa Suzana, continuou o Sr. Sarrasin, se não póde nos acompanhar, fique por aqui.

— Ah! disse Suzana mostrando uma corôa que não lhe tinham dito de trazer, tenho coragem e sei o caminho! Na sua ausencia, sósinha durante seis mezes, todas as vezes que sahi, foi para vir aqui!

— Pois então venha, minha fiel Suzana; venham, minhas filhas... Nunca esqueçam este passeio : elle é serio, mas cheio de esperança. Vejam quantas flôres!

Já havia muitas, com effeito.



— É aqui, minhas filhas, que é preciso collocar suas corôas, e ponham-se de joelhos.

As meninas obedeceram.

— Venham, disse o pai, depois de ter rezado no meio d'ellas; venham! sua mãe as abençôa.

A pequena Marcellina precipitou-se, gritando :

— Aonde está ella?... Aonde está ella?...

O Sr. Sarrasin, depois de a ter abraçado, disse : Prometto-te que nós todos estaremos um dia reunidos, e a encontraremos na porta do ceu.

— Obrigada! respondeu a creança, que voltou para casa no meio dos soluços das suas irmãs mais moças.

## IV

## A BONECA DOENTE

A infancia é feliz; ella é amada por Deus. Deus encarrega a um anjo de dar as penas segundo as forças. O anjo vai muito devagar n'isso; parece que elle manda beijos nas suas lagrimas : d'ahi essas lagrimas que molham apenas, porque elle as carrega nas azas. Então as pequenas creanças riem; elles amam, esperam, crêem, e é por isso que Deus as ama; é por isso que elle disse : *Deixai as creanças virem a mim!* É preciso pois se regosiar pensando que as quatro irmãs encontraram de novo as suas bonecas com um sentimento de alegria muito puro, e que as associaram ás suas re-

cordações, á seus brinquedos, á união encantadora que reinava entre ellas.

Um dia que tinham acabado de estudar suas lições, o pai ficou muito admirado do profundo silencio que tinha succedido ao bruido habitual do quarto de suas filhas. Approximou-se na ponta



dos pés para observar a causa d'esse silencio, e ficou muito surprehendido de ver a boneca de Augusta deitada, e as quatro meninas muito occupadas.

Uma ordem perfeita reinava n'aquella muda actividade. Andavam muito devagar, como se tivessem medo de despertar a boneca, a Lutina tão viva e tão brilhante, privada da sua roupa encommoda, deitada em cima d'um travesseiro, con-

formando-se á sua posição com uma graça que encantava as creanças. Affonso, um dos seus primos, tambem dispensava os maiores cuidados, preenchendo as funcções de medico.

Era um encanto vel-o tomar o pulso de Lutina, reflectindo como elle vira um grande medico reflectir, sentando-se á cabeceira da cama, a fronte apoiada nas mãos, uma penna na orelha, demonstrando a receita que suas primas com a maior anxiedade desejavam ler.

Sim, a infancia é feliz! N'aquella scena havia o interesse d'um verdadeiro drama. Aquella immovel doente fazia-lhes presentir ou recordar o que ha de doce e de amavel nos cuidados que se dispensa a um ser padecente. O Sr. Sarrasin viu tanto zelo e tanta caridade reinar n'aquelle canto do quarto, que as lagrimas vieram-lhe aos olhos.

Albertina leu a receita do medico, e preparou immediatamente uma toalha, urgente para a sangria, que a mão leve e ousada de Affonso executou.

A lanceta foi uma agulha de crochet, a bacia uma chicara de porcellana que na vespera a velha Suzana tinha emprestado. Então, com grande satisfação para as creanças, a boneca perdeu uma grande quando de serrilha.

— Ella está salva! gritou o doutor; ella está salva!

— Salva! repetiram as enfermeiras batendo palmas.

— Meus cumprimentos por esta cura, meu amigo, disse o Sr. Sarrasin apparecendo. Parece-me que um dia serás medico sob todas as fórmas.

Affonso abraçando-o, disse confidencialmente :

— Estou fingindo, porque a boneca não está viva.

— Sim! sim! um pouco viva! gritou Augusta que tinha ouvido e não queria perder a illusão. Veja, papai, como as sanguessugas pegaram bem!

Lutina tinha, com effeito, oito sanguessugas, ou antes oito pedaços de alcaçuz cortados na fórma d'esse feio e bemfazejo animal. O Sr. Sarrasin declarou que a convalescença seria celebrada com um banquete, e o doutor recebeu, em biscoitos e fructas, o preço de sua sagacidade.

— D'onde provinha a doença de Lutina? perguntou o Sr. Sarrasin, meio serio, meio risonho.

O doutor comia, descançando á sombra de seus louros. Augusta respondeu com vivacidade que Lutina tinha sido a causa de sua desgraça; por ter apertado de mais o collete, ella escapára de morrer suffocada.

— Emfim, papai, se não fosse eu... não sei o que seria feito d'ella. É uma doidinha, que não cuida de si e me faz perder a cabeça!

— Comprehando, disse o pai batendo-lhe no

rosto, que é preciso dar-lhe um bom exemplo para corrigil-a. A tua Valeria, parece gozar de boa saude.

— É verdade, papai : ella está aprendendo a dansar, e já valsa muito bem.

— É preciso dar-lhe uma recompensa, meu anjo. E a tua, Albertina, como se conduz ella?

Albertina não respondeu senão correndo para ir buscar as provas da excellente conducta de Prudencia. Ella mostrou, com religioso silencio, um trabalho de tapeçaria terminado com rara habilitade; em seguida, ella mostrou, com o sorriso de uma mãe satisfeita, um enxoval muito bem feito. Esse enxoval se compunha d'um par de lençoes abainhados, marcados com o nome de Prudencia; quatro camisinhas, quatro lençoes, um par de meias e um vestidinho.

— Com isso, disse a creança muito contente, ella póde esperar. Ella ajudou-me muito. Oh! papai, como eu gosto d'ella, e como estou contente quando trabalhamos juntas!

— Tambem eu gosto muito de ti, respondeu o feliz pai, e a partir d'este momento tens o direito de vigilancia sobre todas as bonecas da casa; ellas ganharão com isso e tuas irmãs ainda muito mais.

As mais moças abraçaram a Albertina. Devo dizer que ella tornou-se mais tarde, o guia e o

apoio de suas irmãs, das quaes ella ainda foi mais adorada.

N'um momento de reflexão rara, Augusta ella olhava um tanto triste para o estado em que Lutina se achava.

— Queres a minha? perguntou Marcellina, que ninguem tinha visto n'um dos cantos do quarto. Guarda a minha, guarda, minha irmã.

— E você, respondeu Augusta exitando receber a boneca.

— Eu olharei para ella, Augusta, depois de ter estudado minhas lições; ella é pesada e tem muitas penas, é impossivel que seja minha filha.

— Oh! pois então eu terei duas! exclamou a irmã, doida de alegria. Quanta cousa, meu Deus! quanto trabalho vou eu ter! como uma grande familia exige cuidados!

## V

## A ORPHÃ DO BOULEVARD

Não foi sem surpresa que o Sr. Sarrasin notara a indiferença com que Marcellina recebera a sua boneca, e elle procurava a causa d'essa attitude. Um dia, toda essa familia innocente voltava du boulevard Saint-Denis, apressando o passo porque a noite começava a cair, quando viram um negociante ambulante que gritava :

— Vejam, meus senhores! vejam, minhas senhoras! vejam meus caros meninos e caras meninas! Chorem, meninos, para que vossos pais comprem estes thesouros a cinco vintens. Cinco vintens tudo quando agradar ao freguez!

O Sr. Sarrasin não resistiu áquella voz e aproximou-se e disse á suas filhas que escolhessem alguma cousa.

Um unico objecto attirou a attenção de Marcellina. Uma boneca nua, atirada n'um canto, no chão, causou-lhe uma subita sensação de piedade. A mais attrahente sympathia se estabeleceu entre ella e aquella pobre coisa desdenhada, e apertando as mãos do pai disse :

— Compre-me aquella, papai, para que eu a vista!

E no mesmo instante ella punha a boneca de baixo do seu manto. Foi a partir d'este dia que lhe deram o nome de Orphã do boulevard.

É impossivel descrever a affeição que pareceu se estabelecer entre as duas. Era quasi triste pensar que um só coração aninhava tanto amor: tinha-se vontade de animar um pouco o objecto d'uma amizade tão terna. Quando o Sr. Sarrasin perguntava a Marcellina :

— Que diz ella de tudo quanto lhe contas?

— Ella me ouve, respondia a menina; ella me ouve!

E o futuro d'essa menina o inquietava mais do que o da methodica Albertina, mais do que o da endiabrada Valeria, e mesmo mais do que o de Augusta, cujo character impetuoso, mas risonho, podia se modificar, e isental-a certamente de todas as doenças d'alma.

---

## VI

## A BONECA PERDIDA

Affonso tinha passado um dia de festa em casa dos seus parentes, e esse dia passara como uma hora. O jardim já perfumado, o pateo aonde havia herba e gallinhas, o pombal, tudo emfim tinha conservado a alegria e a concordia n'aquella familia; entretanto Marcellina ficou muito triste depois da partida de Affonso, e esse estado de tristeza continuou durante tantos dias que afinal se notou que seus suspiros profundos pareciam soluços, e a sua saude parecia se alterar.

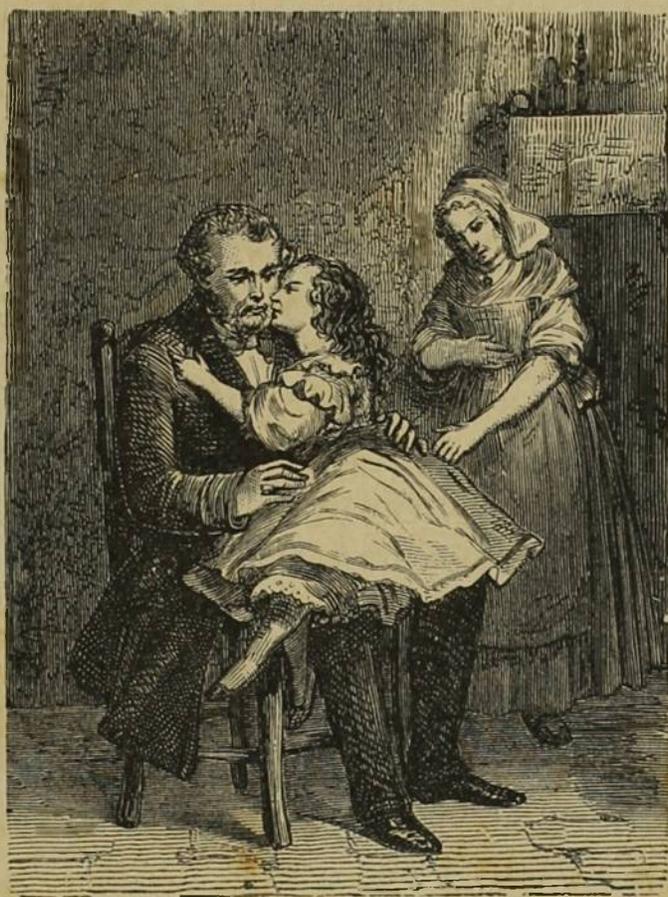
Seu pai a carregava, a fazia dansar com Valeria, cozer com Albertina, sahir com a boa Suzana. A menina obedecia a tudo, mas fazia tudo isso com ar triste.

— Queres isto? perguntavam-lhe; queres aquillo?

— Quero! respondia ella com voz meiga e queixosa; mas nem olhava para o que lhe offereciam.

O Sr. Sarrasin começou a se inquietar com o estado da filha. Depois de ter submettido toda a gente de casa a um minucioso interrogatorio, receando

que a creança não tivesse sido infeliz durante suas curtas ausencias, tomou a resolução de observal-a até mesmo quando ella dormisse. Foi justamente



n'uma d'essas occasiões que elle entrou no quarto de Marcellina.

Albertina dormia, e o pai, durante alguns minutos, contemplou-a. Era o anjo da paz que adormecera recitando a prece *por todos*. Augusta, cujas faces rosadas pareciam dois bellos fructos,

parecia como Albertina, pedir um beijo ao pai. Elle julgou, pelo sorriso de Valeria, que ella adormecera com uma canção nos labios. Até então elle não tinha comprehendido a felicidade de um pai que ouve a respiração de seus filhos immoveis!

Elle não teve occasião de interrogar o repouso da sua filha mais moça, porque apenas tocou de leve nos loiros cabellos encaixeados que cahiam-lhe pela pallida fronte, Marcellina despertou sobresaltada, fixou seus brilhantes olhos nos olhos de seu pai, e estendeu-lhe os braços.

— Tiveste medo? disse o pai dando-lhe dois beijos nas faces.

— Não! Pensei que fosse Deus.

Então, com a voz de pai que comprehende os segredos de todos os filhos, elle penetrou n'aquella pequena alma. No meio d'um rio de lagrimas que elle fez correr a força de confiança e de ternas palavras, a joven melancolica disse :

— Perdi minha filha!

— Como assim! disse o Sr. Sarrasin muito admirado, pois é isso que ha tres mezes procuro saber, e tu ainda não m'o disseste?

— Receiava te entristecer, respondeu a menina atirando-se nos braços de seu pai.

— Conte-me tudo, minha filha, insistiu o pai.

— Pois eu direi! mas não reprehenda meu primo Affonso, disse ella chorando.

Confesso que esse homem, que, havia mais de trinta annos, não era mais creança, tambem chorou.

---

## VII

## A VOLTA DA BONECA

— Bom dia, Affonso, disse no dia seguinte o Sr. Sarrasin ao entrar em casa do sobrinho.

— Ah, meu tio! com que satisfação eu o vejo!

— Eu o creio, meu amigo; e trago a tua prima um pouco adoentada, que é preciso distrahir e curar. É uma hora de prazer que venho te pedir.

— Que felicidade! gritou Affonso. Mamã! venha ver meu tio e minha prima.

E sua mãe accorreu.

Durante todo o tempo que conversaram, o Sr. Sarrasin observou sua filha. Elle receava que ella estivesse zangada com o primo, autor verdadeiro ou supposto de tal tristeza, mas elle não notou a menor inimizade n'aquella fronte. Amar áquelles que a dôr não exaspera, aquelles que não tornam os outros responsaveis de sua sensibilidade!

Affonso a tinha feito soffrer, mas não era um mau menino.

Aquella pequena menina o sabia; ella era tão boa, estava tão triste com a perda de sua boneca, que não precisava augmentar o seu mal de amizade o mal que atormenta o coração : o odio. Sua mãe tinha dito um dia em sua presença que o odio fecha as portas do ceu : oh! aquella menina queria para o ceu; seu unico desejo era amar, como os anjos, como sua mãe!

— Imagina, Affonso, disse o Sr. Sarrasin ao sobrinho, imagina a tristeza que me acabrunha.

Affonso applicou o ouvido, deixou de brincar, e cheio de interesse, ouviu a continuação da palavra que elle tinha repetido :

— Tristeza!

— Sim, Affonso, tristeza! Posso confiar isso a ti, que és um bom menino, o primo, o amigo, o defensor de minhas filhas, na falta de irmãos que ellas não têm; comprehendes?

Affonso tornou-se todo ouvidos.

— Imagina que esta menina ainda é tão credula, tão creança, que se persuade... mil cousas devido á sua ingenuidade; entre outras, ella pensa que as bonecas vivem.

Affonso soltou uma grande gargalhada e esfregou as mãos.

— Você tambem, quando tinha a sua idade,

acreditava na existencia do cavallo de papelão, e exigia que se comprasse feno para elle. Mas actualmente tens nove annos, conheces um pouco a vida; uma boneca, para ti, é um pedaço de pao, exactamente como para mim. Todavia, nossos antigos erros devem se transformar em indulgencia para os simples, e tu ficarás tão triste como eu quando souberes que tua prima está seriamente doente por causa da ausencia, da fuga, do roubo d'uma boneca; digo roubo, porque ella desappareceu completamente.

Affonso ficou immovel.

— Imagina, meu pobre Affonso, que ha cerca de tres mezes eu vejo enlanguecer minha filha mais moça; um mudo aborrecimento fana sua vida, outr'ora feliz por possuir uma boneca! Era a sua companheira, era sua filha! Contava-lhe seus innocentes segredos, fazia-lhe respirar flores, procurava meios e modos de ser-lhe agradavel! Isso te faria rir...

Affonso não ria mais.

— Emfim, piedade! um idolo tão pequeno bastava para um coração tão pequeno, pois que a sua perda, isolou-o. Depois do desaparecimento da boneca ella se julga n'um deserto. Não come, tem febre, suspira a cada instante e parece dizer: Minha filha! minha filha! Seria caso para rir-se...

Affonso chorava.

— Porque choras? tu não és seu pai, continuou o Sr. Sarrasin; não podes imaginar o mal que me causa a estranha mania de minha filha...

— Sim, meu tio, e o meu mal é mais terrível do que o seu! disse Affonso com encantadora candura. Escute, meu tio! ainda mesmo que eu saiba que o senhor me punirá, é preciso que eu confesse



o segredo que me suffoca. Sou eu o ladrão da boneca!... Adeus, meu tio, é preciso sahir da sua presença... não sei aonde vou, mas não ousou olhar para o senhor, prefereria antes estar preso do que em sua presença!

— Restitue-me antes a boneca! replicou o tio impedindo-o de passar.

— Meu Deus! exclamou a infeliz creança, se eu a tivesse, ha muito tempo que seria cousa feita. Mas eu guardei-a como uma pedra, e não sei mais por onde ella anda... pensei que era por brinca-

deira que se chamava *minha filha* um pedaço de pau; quem poderia pensar que tal cousa fosse sincera?...

— Ah! eis ahí o mal, disse o tio apoiando sobre esta reflexão. Perturba-se muitas vezes a felicidade dos outros, sem contribuir para a sua propria; por não se ter comprehendido, quebra-se, destroe-se, sem crueldade, sem duvida, liames, habitos profundos e sagrados. Meu caro amigo, não guardes o que pertence aos outros, porque pódes causar os maiores soffrimentos. Lembra-te sempre do meu conselho, sobretudo quando fores homem!

— Eu o juro, meu tio!... Doente por minha causa! repetia Affonso batendo com os pés e muito arrependido.

Marcellina entrou n'este momento. Affonso, muito envergonhado, desapareceu como um relampago por detraz d'uma cortina, que, na sua precipitação, sacudiu-a por tal modo que ouviu-se o bruido d'alguma cousa que cahia. Era a boneca, de braços abertos, como para diminuir a violencia da quéda.

Ah! a surpresa e a alegria foram extraordinarias. Marcellina soltou um grito e foi apanhar a boneca, e com um tremor d'alma inexplicavel na sua idade, ella foi se refugiar nos braços de seu pai!

É impossivel dizer exactamente quem se sentiu

mais feliz n'aquella occasião. O Sr. Sarrasin encontrava o restabelecimento de sua filha; Marcelina uma recompensa á sua silenciosa enfermidade e Affonso exultava de arrependimento. Elle sentia-se alliviado d'esse peso que opprime o coração dos que se dizem : Fiz mal a alguém!

Oh! decididamente, Affonso era o mais feliz! todo mundo pelo menos o teria pensado como eu ao ver a sincera satisfação que elle manifestava.





## O JOVEN PASTOR

Nas montanhas da Guadalupe vivia um criador já velho, e que, por causa da guerra, tinha perdido a maior parte de seus bens; por isso não lhe restava senão um insignificante aprisco que não lhe dava o necessario para satisfazer as necessidades da familia. Elle tinha encarregado das ovelhas um menino de dez a doze annos, seu filho, que elle adorava apezar do seu character selvagem, e de nunca ouvir os conselhos e observações de seu pai, com o respeito e a docilidade convenientes.

Uma cousa, com quanto pouco importante, atormentava aquelle menino : tinham-lhe dado por companheiro e por guarda um terra-nova, nascido e criado em casa, conhecido de todos os pastores da região, porque na realidade elle merecia seu nome : Fiel. O jovem pastor era o unico que olhava para elle com maus olhos, e, á menor negligencia, á menor falta, elle o esbordoava.

O animal mostrava-se tão submisso e tão humilde que, em vez de se virar contra seu senhor, deitava-se sacudindo a cauda, como para desarmal-o, e muitas vezes lambia a mão que o tinha castigado... Para que preciso eu deste embaraço? dizia o menino quando estava sósinho; eu sou sufficiente para guardar o rebanho, emquanto que este estúpido cachorro vae e vem cem vezes, e cança-me. Não têm mesmo a graça e a vivacidade dos outros que pulam e fazem tantas cousas para distrahir seus senhores. Este ficaria horas inteiras deitado a meus pés. Parece que meu pae disse-lhe de nunca me perder de vista. Não! quando eu fôr homem o porei na rua, e elle irá pedir asylo ao porteiro do convento.

Por mais d'uma vez o menino tinha pronunciado estas palavras e o que se passava no seu coração se manifestava tão claramente na sua physionomia que se poderia jurar que Fiel adivinhava seus pensamentos, por tal modo olhava para o me-

nino, inquieto e triste. Aconteceu, porém, que um dia do mez de Agosto, enquanto o rebanho fazia a sésta e o pastor estava distrahido, um lobo que, havia muito tempo, causava immenso terror em toda a região, appareceu repentinamente. Não se sabe dizer se elle vinha atormentado pela fome ou perseguido pelos caçadores; o que é certo, porém, é que o desespero era medonho. Apenas presnetido pelo rebanho, este dispersou-se completamente pela montanha.

O medo do pastor foi tal que elle ficou como uma estatua, sem o menor movimento, sem poder gritar : estava como morto. O mesmo, porém, não se deu com Fiel que, apesar de mordido, continuava a ladrar. Assim que o lobo desapareceu, elle virou-se para o joven pastor e poz-se a acaricial-o, como se por essas demonstrações elle quizesse fazel-o voltar a si, e n'essa attitudo ficou durante algum tempo. Vendo que seus esforços eram inuteis e que o joven pastor continuava no mesmo estado, elle hesitou sobre o que devia fazer, e depois guiado por uma sorte de instincto, poz-se a correr para o lado da cabana do seu dono. A porta estava fechada.

O velho veio abrir a porta e teve como que um triste presentimento quando viu Fiel muito cansado e o sangue a correr d'uma ferida recente. O primeiro pensamento que se apresentou a seu espi

rito foi que seu filho tinha sido assassinado. Fazia pena ver o desespero do pobre homem pedindo contas do thesouro que confiara á guarda de Fiel. Não podendo ficar em tão penosa situação, o bom pai sahiu a procura de seu filho, e Fiel, extenuado de fatiga, podendo apenas se mover, o guiava atravez das rochas e das picadas pedregosas, empregando todos os esforços para chegar mais depressa.

Finalmente chegaram ao logar em que se achava a creança, que ainda não tinha recuperado os sentidos. Seu pai abraçou-o com a maior ternura, e depois lavou-lhe o rosto com agua fria e fez-lhe respirar um pouco de ether. O menino voltou a si como se sahisse d'uma profunda lethargia. A principio, não sabia aonde estava, nem o que se passava a roda d'elle; virava os olhos para todos os lados, procurando as ovelhas, mas o que viu foi seu pai sentado a seu lado e Fiel perdendo muito sangue.

Alguns minutos depois, quando seu pai explicou-lhe o que deveria ter acontecido, elle comprehendeu a gravidade da situação, e do perigo que o ameaçara. Comprehendeu que devia a vida á dedicação de Fiel. A partir d'esse momento elle lembrou-se não só da má vontade que oppunha ás ordens de seu pai, como tambem da ingratição e do mau tratamento com que elle retribuia a vigi-

lancia de Fiel. Arrependido e envergonhado, elle beijou as mãos de seu pai, pedindo-lhe perdão. Depois, abraçando o cachorro, elle dizia affectuosamente, como se o animal comprehendesse :

— De hoje em diante, tens um bom companheiro e um sincero amigo.

Traduzido do hespanhol de

MARTINEZ DE LA ROSA.





## O LADO DO SOL

Um philosopho trouxe de uma das suas numerosas viagens esta recordação, que ella conservava como uma lição e que relia sempre com o maior prazer. Eil-a traduzida fielmente, mas sem a graça primitiva que não se traduz :

« Os ultimos raios do sol dardejavam por cima do horizonte, quando sahi de Jaffa. Era a hora propicia para gozar da brisa deliciosamente per-

fumada dos mil jardins que rodeiam a antiga Joppé. Um portico de marmore preto, magnificas ruinas d'um velho templo, servindo de entrada a um cercado, chamou a minha attenção; senti o irresistivel desejo de percorrer um paraíso tão mal fechado por uma linha de figueiras. A athmosphera era doce e calma, carregada de perfume de jasmims. Arrastado por um encanto, transpuz sem obstaculo o portico arruinado, e achei-me sósinho n'uma vasta extensão, fresca, ondulosa, semeada de arvores fructiferas.

« Parecia que nenhum pé humano tinha precedido o meu n'aquella bella solidão, aonde eu começava a me recordar das *Mil e uma Noites*, e até a acreditar no que ellas nos contam.

« Emquanto eu hesitava sobre a direcção que ia dar ao meu passeio, ouvi uns sons lentos e bizarros d'uma musica turca. Instinctivamente, dirigindo-me para o lugar d'onde os tranquilllos sons se elevavam, vi, no meio do taboleiro de relva, uma magnifica fonte. Sobre a bocca d'essa murmuradora fonte estavam ricos tapetes do Oriente; um veneravel ancião lá estava sentado rodeado de numerosos escravos; um d'elles, a uma certa distancia, tocava o instrumento selvagem que atirara a minha attenção, acompanhando o mais monotonno canto que ouvi na minha vida.

« O ancião, que tinha na mão esquerda um livro

de poesia arabe, e na direita o tubo do seu cachimbo syrio, fez um grande cumprimento quando me avistou, sem se surprehender nem se levantar, pondo a mão no peito com a serena dignidade do Oriente.

« Desculpei-me de ter entrado tão livremente em sua casa, o que não impediu-lhe de me receber com sincera cordialidade, convidando-me a ficar a seu lado e a fumar no seu cachimbo, ao que accedi, profundamente penhorado diante de tanta delicadeza.

« Depois de ter satisfeito sua curiosidade examinando as armas e os cavallos dos Europeus, delicias d'essas bellicosas regiões, a voz solemne do muezino, flutuante nos echos, atirou-se para nós dos minaretes de Jaffa. O piedoso signal fez o velho se levantar.

« O sol tinha desaparecido no horizonte: apenas se alguma cigarra escondida na folhagem ainda ardente lançava de quando em quando o seu estridente adeus, enquanto um silencio de paz se extendia por toda parte preparando a terra para o somno.

« Meu hospede e seus criados começaram as abluções na fonte, e ajoelhando-se do lado da Mecca, repetiram em voz alta suas preces habituaes; depois, levantando-se como que fortificado por esse augusto repouso, o velho aga (era um

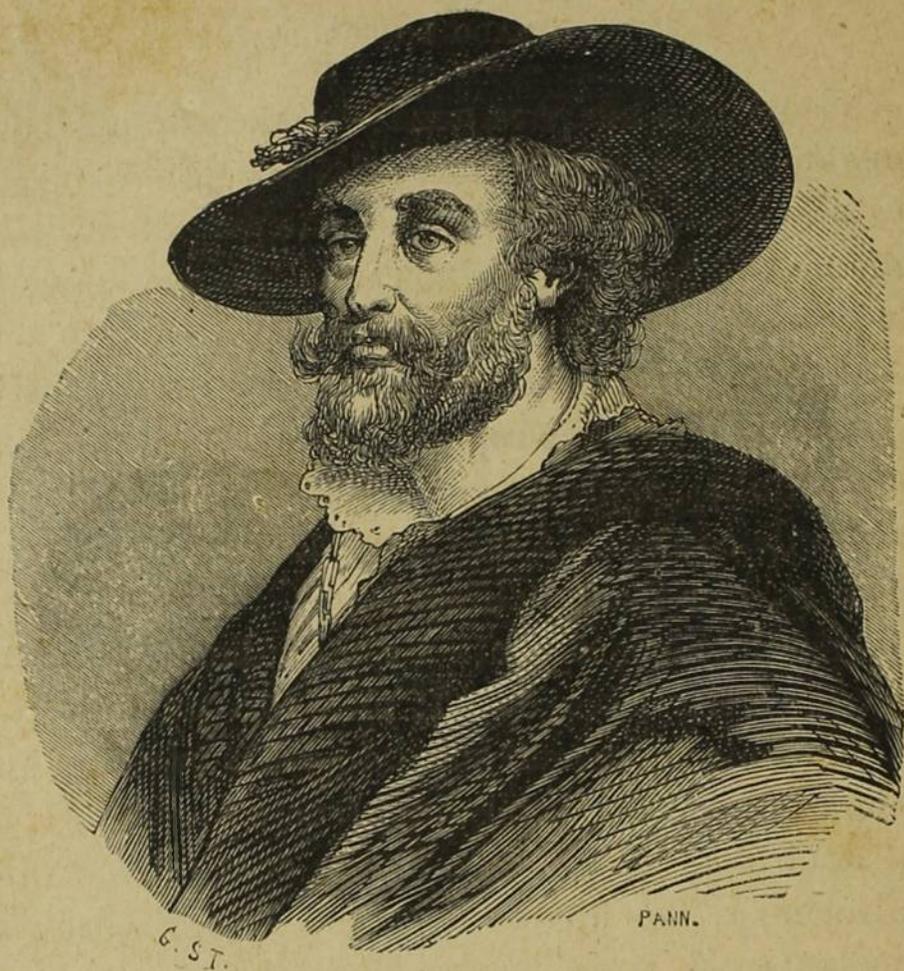
aga) convidou-me para gozar da frescura da tarde, passeando com elle no seu espaçoso jardim.

« Como elle ia adeante para me guiar n'aquelle delicioso labyrintho, colheu uma laranja, e tirando da cintura uma rica faca, cortou o fructo em dois, offereceu-me uma metade e atirou fora a outra. Por tres vezes repetiu essa acção, que atiçava a minha surpresa, e acabou por manifestar o desejo de conhecer a minha opinião sobre as suas laranjas, que eram deliciosas.

« Exaltei sinceramente a sua qualidade, e o sabor que estimei sem igual; mas não pude deixar de exprimir minha surpresa de vel-o perder uma porção tão consideravel d'um fructo tão bom.

— « Effendi, replicou o Turco com um grave e gracioso sorriso, aos amigos, nós damos sómente o lado do sol. »





## AS SEMENTES DO REI GUILHERME

Um rei fazia construir casas.

D'uma janella que o bello tempo permittia abrir,  
o monarcha ao mesmo tempo sonhador e satisfeito  
seguia os reparadores trabalhos que davam vida  
ao seu passado.

Após vinte annos de exilio, tendo voltado aos seus dominios, após longinquas viagens, tristezas e estudos que, se lhe tinham formado o coração, tinham também arruinado o palacio de seus pais, elle procurava tudo restabelecer.

Laborioso por prazer, matinal por habito, elle ia e vinha continuamente, d'uma modesta meza á janella aberta, centro de suas observações.

Almoçando sósinho e servindo-se de criado, elle viu um pobre pedreiro almoçando também sósinho, mas comendo corajosamente um pedaço de pão duro.

O filho dos antigos stathouders, eleito recentemente rei dos Estados da Belgica e da Hollanda, e que nem por isso era mais soberbo sob o nome de Guillerme 1.º de Nassau, considerou, durante alguns instantes, aquelle sincero appetite que se contentava de tão pouco! Depois que o pedaço de pão duro desapareceu, Guilherme disse em voz alta :

— Amigo pedreiro! uma boa sobremeza não viria a proposito depois d'um tal almoço! Que pensas a este respeito? Se eu te dêsse uma fructa da mesa do rei?

O pedreiro, olhando para o rei, que elle ainda não tinha visto, e que não só pelas maneiras simples como pelo vestuario elle julgou ser um dos criados, respondeu francamente :

— Como quizer. Se tem esse direito e não en-

commoda em cousa alguma a Casa d'Orange, tal cousa não fará senão marchar o trabalho.

O rei sorriu e sahiu da janella.

Como elle se demorava, ouviu-se o som da sineta chamando os operarios. Este, sem mais esperar, suppondo que o criado se tinha divertido a sua custa, sacudiu os hombros, e se dispunha a ir trabalhar, quando, reapparecendo á janella e atirando ao pedreiro uma boa maçã, o rei gritou :

— Para festejar a volta do rei, coma, meu amigo! coma essa maçã, e que te ella faça bom proveito.

Em seguida accrescentou :

— Tome cuidado; o sol abriu-a de mais; eu a supponho madura; mas as sementes são mais duras do que teus dentes e poderás quebral-os, meu pobre camarada!

O pedreiro riu-se da pilheria.

Que a virgem d'Hall amadureça as maçãs d'Orange! gritou elle mordendo o delicioso fructo.

É impossivel descrever a surpresa do pedreiro quando elle viu que as sementes eram bellas moedas de ouro, com a effigie do novo rei! Elle suppoz que Deus o tinha vindo visitar n'aquelle sump-tuoso jardim. Pois não seria exacto? E levantando os olhos para o céo, rendeu graças a Deus, mas quando olhou para a janella ella estava deserta e o homem da maçã tinha desaparecido.

— Jesus! Maria! meus filhos, disse o pedreiro

atravessando o jardim que elle considerou como o paraiso terrestre.

Uma hora depois, trabalhando e ainda muito admirado do que lhe tinha acontecido, um longo grito, repetido por quasi todos os operarios, chamou a sua attenção, e olhando, viu o criado seu amigo que passava, mas d'esta vez saudado como um rei; e de facto era elle que, sósinho e a pé, estava passeando.

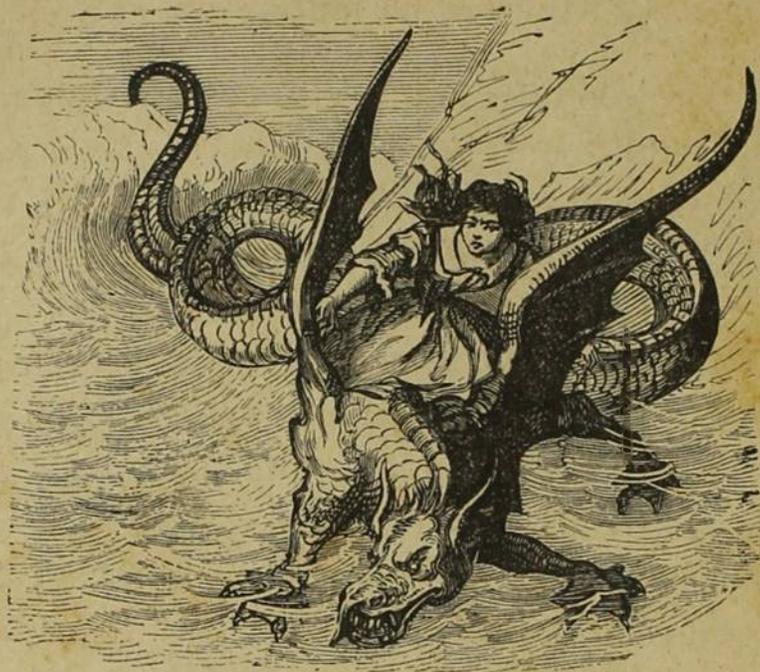
Viva Guilherme, viva Orange! gritavam todos os operarios.

Um unico ficou silencioso, muito commovido, agarrando-se a uma escada.

— Sim! viva o melhor! gritou elle emfim, muito depois dos outros e tirando o chapeo, o que fez os outros darem uma gargalhada, porque o rei já estava longe.

O pedreiro não ria. Do fundo da sua gratidão, elle pedia a felicidade para o reino neste mundo e a feliz eternidade no outro d'esse rei modelo dos reis. O piedoso operario parecia presentir que um tal homem devia um dia abdicar as vans grandezas da terra, e descer livremente d'um throno com a simplicidade de coração com a qual subira: assim fez Guilherme, triste de não poder dar a seu povo a felicidade almejada.

Que esta recordação passe sobre seu tumulto como uma prece!



## CLOCHETIN

OU O REINO DE SA-SA

Alberto não gostava dos livros serios; não gostava senão dos contos de fadas, que não deixam no espirito um germen solido. Os mestres de Alberto diziam-lhe entretanto que essas leituras se assemelham ás flores sem raizes, que não dão fructos e cahem ao primeiro sopro da brisa. Sua mãe tambem lhe tinha declarado francamente que essa frivola paixão era como o appetite dos estomagos caprichosos, que preferem gulodices a uma solida

alimentação que forma um sangue generoso : todos estes conselhos eram inuteis ; Alberto não os ouvia. Elle dizia a sua irmã Suzana :

— Gosto mais de doces do que de pão, pois que não nos dão doces senão nos de dia de festa.

— Mas, replicou Suzana, se todos os dias fossem dias de festa, acabarias por cahir doente a força de comer doces.



Alberto, sem responder, poz-se de novo a ler, lamentando que em vez de *Mil e uma noites*, divertido thesouro de ficções orientaes passado para a nossa lingua, não se possuisse dez mil ou mais. Finalmente, o estudo ter-lhe-hia parecido um arido deserto se o Gato de botas, a Serpente verde, ou o principe Encantado, não dêsse a nota alegre áquellas longas paginas. Um livro sem gravuras parecia-lhe frio e sem interesse. Elle cruzava os

braços diante das cartas geographicas e das taboas de calculo, e estava pallido de aborrecimento, tal um friorento que não se lembra que um trabalho corporal o aqueceria.

É preciso tambem que se saiba, para justificar o menino Alberto, que a sua ama, amadora de contos de almas do outro mundo e de lobishomens, prodigava-lhe, desde o berço, o alimento pouco substancial d'essas obras primas. A excellente mulher, que não sabia senão dar leite a creança, obstinava-se em fortificar n'ella essa inclinação para o maravilhoso que todos nós possuímos mais ou menos. Ella se teria privado de dormir para ouvil-o ler os terriveis contos que a conservavam extasiada durante horas inteiras. Essas leituras em voz alta o fatigavam muito, por tal modo elle gritava levado pelo ardor de conhecer tantas maravilhas.

Um dia elle vio Suzana sentada, tendo diante d'ella um livro, e parecendo copiar alguma cousa que muito a interessava. Alberto correu precipitadamente para saber o que era, e viu que o livro era inglez, e como elle não tinha querido aprender nem o alphabeto, ficou muito envergonhado por ver Suzana traduzindo-o correntemente, e quiz ir-se embora; mas como o livro continha lindas gravuras coloridas, elle contava que ellas annunciasssem contos de fadas e pediu a Suzana de tradu-

zir o texto. Suzana não se fez rogar; gostando muito de Alberto ella poz-se a ler :

Gosto muito da vacca preta  
Que nos dá leite para molhar o pão.  
Todos os dias ella nos dá  
Bom leite quente, fresco e branco!  
O' bella vacca preta!  
Não comas cicuta nem as más plantas  
Que crescem nos maus lugares;  
Vae comer a ovelha de urso  
Que dá muito bom leite;  
Vae, bella vacca preta, vae e come.

— E depois? perguntou Alberto com muita impaciencia, e um tanto desapontado com esse principio, insignificante, segundo seu gosto.

— É tudo, disse simplesmente Suzana; é a bella vacca preta. E ella não te faz lembrar a da tua ama?

— Faz! mas n'um livro impresso pode-se fallar de vacca preta? Lê outra historia, para vêr; porque se contas sobre essa para me fazer estudar o inglez, tu te enganas.

— Pois então ouve a historia do canario :

Ferido por uma flecha, o canario morreu  
E repousa immovel de pernas para o ar.  
Jamais não se ouvirá seu canto sonoro  
Jamais suas queixosas notas  
Encantarão nossos ouvidos  
Eil-o mudo, apertado entre os dedos da morte...

E Suzana, muito triste, occultou os olhos com as mãos, e poz-se a chorar.

— Pois então está tudo assim, disse Alberto. Como assim! todos esses grossos livros inglezes não têm senão um dragão voador? nem uma torre de crystal? nem uma caverna encantada? Então nada disso? Tu sabes, deixa-me tranquillo, porque estou com uma furiosa dôr de cabeça por ter perdido meu tempo em ouvir tão pouca cousa.

Aconteceu naturalmente que por ocasião da distribuição dos premios elle não obteve nenhum; foi severamente humilhado, e lançado insensivelmente na extranha aventura que vou contar, meu caro sobrinho. Conservei-a cuidadosamente para submettel-a ás reflexões de alguma creança mais comedida do que Alberto; e não creio que minha amizade me engane dizendo que és essa creança.

Saberás mais tarde o motivo pelo qual Alberto, expulso vergonhosamente do collegio, pouco antes das ferias, atravessou por uma noite escura uma floresta sombria e deserta. As trevas tornavam-se cada vez mais espessas: uma bella montanha que Alberto queria subir, entrevendo-a sob os encantadores reflexos da lua, que brilhava por entre os tremulos ramos das arvores. O canto da folhagem era alegre, seu bruido se unindo ao murmurio d'um riacho parecia dizer *boa noite!* ao silencioso planeta que passava, mirando-se na

superfície da agua, em companhia de todas as estrellas cujos raios brancos permittiam distinguir alguma cousa na obscuridade.

Alberto corria d'um lado para outro, ora colhendo uma flor desconhecida, ora parando para ouvir o canto do rosinhol. « Que bello momento para ver apparecer uma fada! um genio! » pensava elle. Vendo que nada apparecia, poz-se a cantar, na esperança de chamar a attenção de algum principe das florestas ou do ar. Sua canção merecia ser reproduzida mas infelizmente não a conhecemos; o que sabemos, porém, é que ella não foi saudada senão pela appareição d'uma doce claridade errando por entre a folhagem. Elle corre, e vê com profunda tristeza que não é senão um vagalume passeando no labyrintho de flores para attrahir um ser semelhante a elle.

Na falta de melhor, Alberto estende ousadamente para apanhar a lanterna surda, quando repentinamente o insecto põe-se a crescer, a crescer, se eleva, sobe, e, como obedecendo aos ferventes votos de Alberto, se transforma n'um diabinho encarnado cujo riso se assemelhava ao som produzido por uma campainha de prata : dlin, dlin!

Emquanto o extranho personagem enterra no chão seu azulado sceptro de aço, em forma de tridente, elle pronuncia distinctamente as seguintes palavras ao menino :

— Alberto! que fazes por aqui?...

Essa voz metálica echoou por toda a floresta.

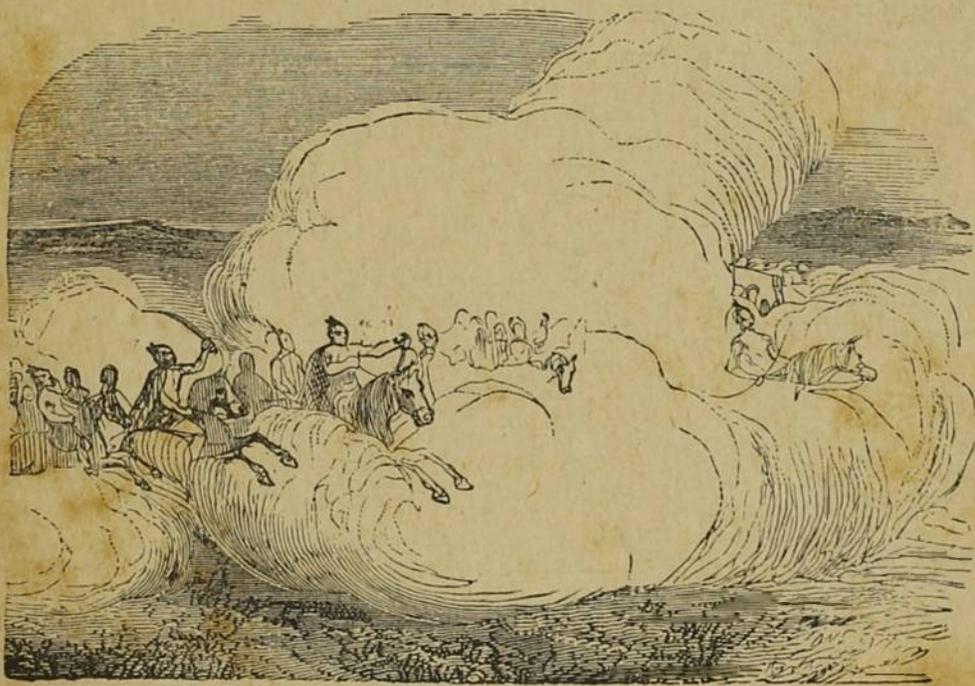
— Eu corro, brinco e estou contente, respondeu Alberto, que não tinha medo, não sómente por estar encantado com a tal aparição do diabinho encarnado, como também por ter tido em fim a prova de que suas leituras feéricas eram históricas.

— Ainda ficarás mais contente se quizeres me acompanhar, replicou alegremente o genio fazendo tenir suas esporas de ouro : dlin, dlin, dlin! Vem comigo no meu cavallo Ralph!... Ouve o bruido de suas narinas quando elle viaja no ar : fri! fra! fri! fra! e quando elle viaja na agua : flique! flaque! flique! flaque! e em terra : pim! pum! pim! pum! e no fogo : iche! ache! iche! ache!

E assim que o rei das Larangeiras pronunciou estas palavras, appareceu um cavallo preto com azas de dragão. Suas narinas lançavam faiscas ruidosas como capsulas; elle bate impacientemente com as patas agitando sua sella vermelha como o coral. O menino exita um pouco; mas a graça do cavallo o decide; elle deixa-se pôr na garupa pelo aventureiro cavalleiro, emquanto que Alberto não treme senão para pôr-se melhor.

Puf!... a terra se abre e Ralph vòa nos seus flancos tão rapidamente como no ar!... patapum!...

As ferraduras do cavallo deixam traças phosphorescentes, illuminando o subterraneo que se alarga por milagre deante d'elle. As madragoras invejosas, meio accordadas, e curiosos passaros sem azas gritam aos tres rapidos viajantes : — Aonde vão? É preciso mostrar os passaportes!



De repente, Ralph dá um prodigioso salto para furar uma montanha, que elle atravessa com a maior facilidade e deixando um novo caminho luminoso no ar que elle corta, deixando ficar atraz rios, montes e valles, que diminuem á vista d'olhos, indo se unirem ao nivel dos horizontes azues.

O diabinho encarnado, até então silencioso, tirou do bolso uma piteira de topazio queimado,

accendeu um charuto de ambar e poz-se a fumar fazendo grande bruido e soltando baforadas d'um agradavel perfume no nariz e na cabeça de Alberto, que, não estando habituado a esses flocos de fumaça, sentia-se forçado a espirrar. — Deus vos ajude! — disse uma andorinha do seu ninho, com uma voz que se parecia extraordinariamente com a de sua irmã. Alberto quiz parar para dizer: Obrigado! mas: fri! fra! fri! fra! a cada instante lança uma faisca, e, para tomar respiração, bebe alguma cousa n'uma perola. Sabeis o que elle bebia? Nada menos do que opala gazosa e diamante liquido, que elle não offereceu nem uma gotta ao outro viajante, que tambem tinha sede. Nem pela vida, Alberto teria ousado dizer que tinha sede nem fazer a mais insignificante pergunta, e por isso elle ainda não sahia que estava com Clochetin, imperador do reino de Sa-Sa, no cavallo do qual elle tinha a honra de galopar, tão longe da casa paterna.

Eis, porém, que ao longe fluctua uma nuvem achamalotada de reflexos de esmeralda; n'esse momento Ralph relincha no tom d'um exercito que ri ás gargalhadas e entra por uma longa fenda verde no admiravel reino de Sa-Sa. Alberto respirava apenas, tal era a curiosidade de que estava possuido, quando viu apparecer um grande numero de individuos, redondos como uma maçã do

Oriente, e, puxando tres vezes a orelha esquerda, vieram saudar o monarcha. Esse exercicio curti-zanESCO de se puxar a orelha esquerda tres vezes, fazia com que esta fosse muito mais comprida do que a direita. Na orelha aduladora estava pendurada uma campainha de prata, de crystal ou de cobre, segundo a fortuna do cortezão ao qual ella era indispensavel. Por mais que os gabadores puxassem a orelha, a tal campainha produzia um som desagradavel, que não agradou ao menino.

Clochetin, querendo se tornar popular, puxou igualmente a sua orelha para responder-lhes na mesma lingua e pagal-os na mesma moeda. Para dizer a verdade, a real campainha não tinha um som melhor do que o das outras; mas foi muito applaudida; os subditos lisongeiros e lisonjeados, pulando com os pés juntos, gritavam de modo ensurdecador: — Tin! tin! tin!... Viva Clochetin!

Um cavalleiro, atravessando o ar e a multidão como um falcão fugido, veio curvar-se ao lado dos viajantes para que elles pondo o pé em cima de suas costas pudessem descer mais facilmente.

Immediatamente depois Ralph desapareceu com o cavalleiro. Emquanto se fazia escovar com o maior cuidado, o rei convidou o menino a descansar um pouco no seu palacio.

Alberto estava desesperado por não ter fome; se

elle sentia dores de estomago era talvez por causa das maravilhas que excitavam a maior admiração. Não obstante, como elle esperava ter appetite depois do violento exercicio a cavallo, respondeu com a maior submissão : — Aceito com grande prazer.

Prepararam o mais depressa possivel tudo quanto era necessario ao rei; suas botinas de pelle de vibora foram lustradas com um verniz transparente, que tornou-as brilhantes como espelhos. Ellas eram infinitamente muito estreitas como convinha a um principe elegante que dá o tom da moda, e que vae jantar fora. Todos sahiram acompanhados ao som de flautas de crystal e instrumentos aereos, entre os quaes Alberto ficou muito admirado de ver uma rabeça tão desafinada como a do seu collegio. — Oh! que bellas cousas! dizia elle arregalando os olhos para ver melhor os magnificos tectos lavrados de esmalte azul, as mezas de agatha e malachita, d'um verde a descançar os olhos mais fatigados do mundo e os vinhos espumantes, cujos raios purpuros se derramavam sobre as lindas toalhas de Hollanda guarnecidas de rendas, com o nome de Clochetin marcado com perolas do Oriente, trabalho este que tinha sido feito por uma fada.

Os musicos foram collocados á roda do buffet para que o aroma dos licores extremamente finos os excitassem a tocar com arte. A principio a har-

monia foi surda e lenta, e não arrebentou senão quando estavam na sobremeza, e isso com a violencia d'uma trovoadá. Alberto, cuja imaginação galopava no compasso d'uma polka tocada por sua irmã e do galope de Ralph, dizia comsigo : « Não, francamente não ha collegio no mundo que possa apresentar tal divertimento! não, eu não gosto do collegio, gosto mais do reino de Sa-Sa! » E elle comia, mesmo sem vontade, uma creme dourada, com um gosto de amendoas e de baunilha; biscutos de Abukir, nadavam n'um extracto de chá imperial; e enfim pecegos maiores do que a cabeça do monarcha. Alberto desejava ardentemente levar á sua mãe um pouco de todas aquellas cousas, porque, mesmo no meio da febre encantada, Alberto pensava frequentemente em sua mãe. E o jantar se prolongava extraordinariamente e sem aborrecimento algum.

Quem é que servia aquelle succulento jantar?

Ninguem. Bastava dizer : quero isto, quero aquillo; — immediatamente era servido : o prato vinha se collocar deante do appetite do conviva. Mas, afinal de contas, satisfeito, o estomago cheio de mil delicias, que não se encontram senão nos reinos mais proximos do ceo, o rei Clochetin levantou-se, tendo n'uma mão o copo de Bohemia e com a outra pegando na do joven viajante, bebeu á saude de sua feliz viagem.

— Tin! tin! tin! gritaram os convidados, loucos de gratidão; e, puxando a orelha direita para saudar a Alberto, puzeram-se a executar uma dança infernal, intitulada *cá-te-espero*. E n'um doido galope percorreram a salla aonde tinham vindo se postar um grande numero de homens que não tinham mais de tres pollegadas de altura. De repente, pararam e gritaram: — Alberto! Alberto terá o primeiro premio de leitura, de grammatica e de obediencia; com a poderosa protecção de Clochetin, Alberto terá o premio de honra sem ter tido o menor trabalho para isso.

— Alto lá! isso seria de mais! gritou o director do collegio de Alberto, que elle distinguio distinctamente á porta d'uma nuvem; não admitto que no meu collegio um alumno obtenha premios por protecção; nem mesmo a do rei me faria commetter tal injustiça. Tanto peor para Alberto, se elle sentiu-se humiliado com a leal distribuição de minhas recompensas! a culpa é d'elle se não foi digno de alguma. Que elle abandone as idéas que lhe vêm a cabeça; que elle estude a geographia, a historia, a arithmetica; que elle orne a sua memoria e forme a sua linguagem com a admiravel prosa de Buffon, ou antes com as immortaes idéas de La Fontaine e de Corneille. Uma vez que Alberto está destinado a viver com os homens como nós, é preciso que elle aprenda as idéas, as virtudes e os cos-

tumes. Não é nas regiões imaginarias da feeria e dos encantos que nossos filhos podem se estabelecer e se formar uma solida reputação. O que Alberto, essa cabeça de vento, deve fazer, é entrar no caminho de todo mundo, senão eu serei obrigado a mandal-o para a casa de sua familia.

Deante d'esta accusação contra Alberto, todos os convivas ficaram silenciosos, e começaram a olhar para elle com muito menos consideração, o que muito entristeceu-o e fez-lhe subir o rubor ás faces.

— Mas, senhor, respondeu uma voz, tenha a bondade de notar que Alberto n'este momento não está em estado de vos ouvir; elle tem um começo de bexigas e seu somno é muito agitado. Conceda-nos bondosamente um pouco de tempo antes de submettel-o a vosso rigor salutar; estimo-o muito para deixar de vos ajudar com toda a minha autoridade; um pouco de tempo, senhor, um pouco de tempo!

É facil adivinhar que quem assim fallava era a mãe de Alberto; mas por que acaso estaria ella com o professor de Alberto no vestibulo da salla do festim? Alberto estava estupefacto. Como poderia elle estar ao mesmo tempo com sua mãe e no palacio d'um rei? Era inexplicavel.

Elle temia tambem que Clochetin não se offendesse com essa discussão um pouco longa e seria

para os habitos da nuvem. Com effeito, os corte-  
zãos já começavam a sorrir desdenhosamente, e  
um profundo silencio começava a reinar por toda  
parte.

Este silencio fez com que a resposta do profes-  
sor fosse ouvida tão claramente como se elle tivesse  
no meio do quarto.

— Sois uma excellente mãe, minha senhora;  
por isso não temo dizer-vos toda a verdade sobre  
Alberto, para que possamos cural-o do perigoso  
defeito que elle tem. Alberto não possui o movi-  
mento interior da emulação; quereis saber o que  
elle tem? é a secreta esperanza de que algum gi-  
gante encantado torne-se seu amigo, e que elle  
passe a sua vida a ver a agua correr e o pas-  
saro voar. Deploravel erro, minha senhora, que  
falsea muitos espiritos. Mas, para vos provar que  
não quero submeter muito cedo vosso filho aos  
serios trabalhos que actualmente elle tem em hor-  
ror, vos rogo de ouvir o que fazemos apprender  
aos moços para conduzil-os mais facilmente á  
sciencia da natureza. Esta sciencia é muito bella  
para revesti-la do maravilhoso de que Alberto se  
faz tanta honra de admirar. Tenha a bondade de  
lêr, D. Suzana.

— Com muito gosto. E a voz de Suzana levou  
ao cumulo a surpresa de Alberto.

## A MEMORIA D'UM PASSARO

« Uma fraca creatura de Deus, um passaro d'um campo, transportado por uma tempestade, foi encontrado cahido no meio d'um caminho, e um homem compassivo veio em seu soccorro, porque ha homens compassivos. Elle tratou da aza quebrada do pobre animal, aqueceu-o com o seu halito, deu-lhe o fortificante alimento, e depois disse : Voa!... E seu joven protegido atravessou os ares e cantou! Algum tempo depois, o homem, não vendo mais apparecer o passaro, disse consigo : « Aonde está a memoria d'um passaro? »

« Eis porém que elle ouve um bruido feito contra os vidros da janella; elle abre... Deus lhe respondia! O passarinho trazia-lhe um outro com uma aza quebrada, quasi morto, como outr'ora elle mesmo tambem tinha estado. E elle voou do hombro do homem para o lado de seu amigo ensanguentado, olhando para um e para outro, parecendo o recommendar ao Samaritano dos passaros. O homem viu isto e seus olhos se encheram de lagrimas.

« Com effeito, sobre qual coração sua imagem estaria mais bem gravada do que no coração do passaro? »

— Agora dá agua a teu irmão, disse a mãe á menina, que tinha acabado de ler.

Alberto não pôde reprimir um movimento de colera ao ver que a voz de Suzana, que elle muito estimava, tinha feito toda a assembléa cahir n'um profundo somno. Elle se suppoz destinado a todas as mortificações, e esta foi-lhe directamente ao coração. A partir d'esse momento uma profunda sympathia atirou-o para o lado das pessoas de sua casa, que elle ouvia sem ver. O reino de Sa-Sá ainda lhe agradava, lá isso é verdade; elle sentia-se alli tão feliz, mas feliz na ponta dos pés, se assim se pôde exprimir; aquella festa começava a encantal-o menos do que quando ella começou na florida floresta.

Todavia, os musicos não dormiam senão com um olho só. A vizinhança do buffet e das garrafas transparentes, cheias de vinhos doces e limpidos, despertava n'elles uma sêde ardente. Cançados de esperar que os servissem, resolveram se servir. Infelizmente, estendendo os braços, os instrumentos cahiram produzindo um tal ruido que todo o reino despertou. Então, para que os não suspeitassem de ter querido se desalterar tão familiarmente, puzeram-se a tocar energicamente, como se nada tivesse acontecido. E immediatamente os lustros, os pratos, as garrafas, o cavallo, os cavalleiros, os cortezãos puzeram-se a dançar, e foi um

galope tanto mais desenfreado, que o rei, á frente do bando, estimulava o enthusiasmo com o seu exemplo. Os muros pareciam andar á roda; Alberto sentia-se obrigado a dançar; e teria continuado a dançar se, no meio do baile, não tivesse havido um formidavel fracasso : o palacio estala, se quebra e rola em pedaços pelas nuvens; Alberto cahe como um balão perdido, e Ralph cae em cima d'elle : plif! plaf! pluf! Toda aquella gerigonça vae cahir na terra.

A claridade d'uma lamparina, que lembra-lhe aquella que se accende quando alguem está doente, o menino crê reconhecer a sua casa e a sua cama. A principio elle se imagina ter acabado de ouvir a leitura d'um conto phantastico; mas elle revê todas as campainhas do rei penduradas no cortinado azul, que seus movimentos agitava como se estivesse annunciando um grande incendio; o terrivel bruido era occasionado não pela quéda de Sa-Sá mas da espada e do polichinello que Alberto fez cahir quando se precipitou do ceu para se livrar de Ralph. Elle suppoz que sua mãi accorrera no meio da desordem, e o tivesse deitado na sua cama beijando-lhe os olhos pesados de somno, que elle não conseguia abrir apezar dos esforços empregados.

Frrru! em que sombria região elle entra! não se distingue mais nada; depois elle começa a ver, sob as mais variadas côres, formas vagas, quadra-

dos, circulos, ovaes, angulos, mappas geographicas, cabeças, bronzes, luzes, homens muito pequenos, um rei, que ainda anda á roda. De repente tudo desaparece de novo na obscuridade.

Eil-o transportado n'um globo, em que a noite é mais profunda; elle acclimata-se alli rapidamente e, n'um barco, deixa-se ir n'um rio aguas abaixo. O barco é pequeno e as ondas resistem, sobem, ameaçam engulir o batel, que mergulha, desaparece, e continua a sua viagem debaixo da agua queixosa, cujos soluços dizem : « Mas é terrivel o que estás fazendo, meu filho! viajar continuamente sem passa-porte e sem conhecer a geographia! Pois não sabes que nem sempre eu sou senhora de salvar os que se atiram nos meus braços! » Que importa, se Alberto corre como um peixe! Um bonito peixe encarnado vem fazer-lhe caretas; outros mais brancos do que o diamante, nadam á roda do barco lançando-lhe gottas d'agua no rosto; e o barco corre, corre sempre... Silencio! alguma cousa de extraordinario se passa e o menino parece se reter difficilmente na proa do barco; com os olhos elle parece procurar um distico que elle já tinha visto : « Soccorro aos nadadores imprudentes. » Mas não vê nem distico nem marinheiros. De repente o barco agitado se transforma... em que? meu Deus! em Ralph; em Ralph, o ginete de Clochetin. Mas d'esta vez Ralph mette medo, e de medo se agarra

às orelhas, á sella do ginete aonde estão penduradas mil campainhas que se agitam : Delin! delin! delin!... E a pallida lua murmura nos ouvidos de Alberto que o que elle ouve são os gritos dos cortezãos do rei, enforcados por terem mentido a Sua Magestade. Alberto estava pasmado. « Olha! accrescenta a febril amazona ; eis aqui a Verdade! » Elle não vê senão uma linda arvore luminosa da qual elle procura apanhar algumas folhas de prata que voavam á roda d'elle como estrellas filantes. Mas assim que ellas se acham nas suas mãos, ellas transformam-se em pedaços de papel branco, com os quaes nem se faria papagaios, exercicio favorito de Alberto na hora das lições. E assim o pobre menino via fugir a sua felicidade como uma revoada de passaros. Elle estava horriavelmente cançado de tantas decepções e deixava involuntariamente correr lagrimas ao longo de suas faces pallidas como as do Medo.

— Alberto! grita o ginete por sua vez, que até então não tinha fallado : é preciso que durmas profundamente para não veres que tudo isto não é senão uma punição da tua preguiça de te instruir como teus camaradas. Sem duvida, as creanças e os homens não lêem sem prazer os contos de fadas ; mas elles não acreditam n'isso, porque sabem ler na arvore da verdade, aonde tu não vês senão papel em branco. Uma vez que cançaste a

paciencia de teus professores, que são pessoas de espirito, ouve os animaes que têm piedade de ti.

— Mas, senhor, balbucia Alberto, que perdia a cabeça e devorava suas lagrimas, em Bagdad ou em Stambul, censura-se menos os meninos que não estudam.

— Elles são empalados!... E tu, tu me indignas, resume o ginete atirando-se em cima d'elle por tal modo que Alberto soltou um grito.

Foi n'essa occasião que elle conseguiu abrir os olhos, suppondo ver os de Ralph fixal-o medonhamente. Era o seu cão terra-nova que estava nos seus braços e elle tomava por um cavallo encantado. O pobre animal não tinha abandonado a creança que parecia lutar com algum invisivel inimigo. O fiel cão acabava de se atirar em cima d'elle para salvá-lo, quando a mãe, sobresaltada com tal barulho nocturno, accorreu uma segunda vez para collocar de novo Alberto em cima da cama.

— Como cahiste da cama, meu filho?

— Fui eu mesmo, e não fiz de proposito, respondeu Alberto, procurando justificar o cachorro e elle.

— Seria preciso fazer de proposito para não cahir, disse a mãe; mas como estás tão cansado, Alberto.

— Chego do reino de Sa-Sa e do Rio que falla,

replicou Alberto tão cançado quão desgostoso dos encantos.

E elle contou tudo a sua mãe, que, pouco a pouco, conseguiu lhe provar que sua viagem tinha sido um sonho de febre, e que não era mais exacto do que os contos que o tinham inspirado.

Alberto ficou silencioso e agarrando-se á sua mãe que elle não deixaria mais por todos os reis e todas as fadas do mundo, olhou para o outro quarto cuja porta estava aberta; toda a familia estava ceiando. Suzana estava respeitosa e servindo vinho ao Director do collegio de seu irmão que lhe tinha feito ler a *Memoria d'um passaro*; esse bom professor tinha vindo saber noticias do discipulo doente. Depois de sua mãe ter contado o terrivel pezadello de seu filho, o pai e a irmã foram ao quarto de Alberto para abraçal-o e exprimir-lhe os votos que faziam para o restabelecimento de sua saude; o professor, tomando-lhe a mão, accrescentou que elle esperava uma grande mudança nas leituras e na sua conducta. Esta honrosa confiança commoveu o menino por tal modo, que Alberto por sua vez apertou sinceramente a mão de seu professor, e disse :

— Apprenderei tudo quanto quizer.

As bexigas foram benignas.

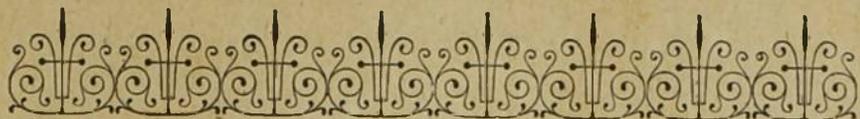
O resultado d'este sonho foi chamar Alberto á razão.

Eu sei, meu caro Henrique, que a maior parte dos leitores de sete ou oito annos rirão de Alberto, elles que leram sem perigo o *Cendrillon*, as *Mil e uma Noites* e outros contos dedicados á infancia; mas estes jovens doutores, com um pouco de reflexão, serão indulgentes para com um pobre sonhador da sua idade que não soube bem conduzir os seus primeiros passos na vida; elles devem-lhe mesmo alguma estima porque actualmente está curado das visões de que elle ainda se envergonha. Foi d'elle que eu obtive a permissão de contar esta historia e foi sob o seu ditado que a escrevi.

Alberto, que conhece agora Buffon e Lafontaine, a historia antiga e a historia moderna de cór, diz que elle quer consagrar a sua vida inteira ao estudo da verdade, porque pensa que é o unico meio de tornar esta vida util e feliz.

E o que pensas tu?





## QUATRO CARTAS

### D'UMA MÃI A SEU FILHO

---

Suppomos ser agradavel accrescentando aos contos que precedem quatro cartas d'uma mãe a seu filho. Ellas são extrahidas d'*Une vie d'artiste*, novella não terminada.

Lisa (ou Lieschen) Ruckland foi conduzir seu filho a uma cidade aonde havia universidade. De volta a Lintz, do fundo da solidão que corajosamente ella se impuzera, escreveu á seu caro Carlos. Suas cartas irão directamente aos jovens corações que não sabem ainda o que é se separar d'uma mãe. « Tu bem podes pagar a tua mãe o leite que ella te apresenta n'uma chicara, dizem os Finlezes, mas nunca pagarás o que ella te deu do seu seio. »

#### PRIMEIRA CARTA

Lintz 1809.

A minha volta que me distanciava de ti não foi senão um sonho errante e triste. Ao sahir da Uni-

versidade, entrei n'uma maravilhosa igreja aonde nada mais me impedia de chorar. Pensei n'aquelles que outr'ora nos arruinaram, e não pude me impedir de me lembrar que é a elles que devo a terrivel pena de me separar de ti; porque a felicidade custa dinheiro, e apprenderam-me a felicidade de te ver todos os dias: meu coração estava desolado n'aquelle momento, mas não sahi da igreja sem dizer toda a verdade:

« Meu Deus! perdoai nossas offensas, como nós as perdoamos aos que nos offenderam. »

Depois deixei Vienna sem accusar pessoa alguma de minhas dores. Sim, meu rapaz, se eu tivesse azas, seria para ir pedir a Deus soccorro e piedade, mas nunca vingança. Confia-te, pois, a elle. Se esquecemos algumas vezes de rezar, elle nunca se esquece de nós.

Procurei jantar sósinha no lugar em que jantámos juntos só pelo prazer de estarmos sentados á mesma meza. O appetite, porém, tinha desaparecido. Não havia alli senão um talher deante de mim, e as lagrimas cahiram em cima do pão. Mando-te um pouco de farinha e biscoitos feitos para ti, como se ainda fosses creança. Em breve eu o serei sósinha! Na tua idade, é preciso bem se alimentar, quando Deus o permite. Na minha, não se cresce mais, só se ama. Pergunta-me pois o que me é sempre inutil, quando precisares de

alguma cousa. Teu camarada Regis não é tão pallido senão porque elle não teve sua mãe por medico. Gosto muito d'esse rapaz : sua fraca saude o torna melhor.

Adeus, por hoje. Não te escrevo muito, mas sinto tuas mãos através de tudo quanto nos separa ; porque eu te amo com todas as minhas ternas faculdades, que se tornaram tão tristes. Não sei se é por causa d'esta partida que meus sonhos são desolados, mas á noite não me consola das tristezas do dia. Não te inquietes e dorme . a Providencia fará jorrar alguma luz consoladora e verdadeira de todos esses sombrios deslumbramentos de mãe.

O velho pai Eykens alegra-se silenciosamente com o futuro que tens diante de ti, e que elle vê sempre augmentar. Elle te recommenda de encher os bolsos e os celleiros da intelligencia antes de chegar lá. Uma boa educação, diz elle, é a chave d'uma vida honrosa e do acolhimento fraternal dos homens de todos os paizes ; a verdadeira independencia está n'esta palavra : saber bem. Apprende pois, todas as linguas. Na idade de quarenta annos eu vi teu pai chorar por não ter apprendido o latim. Era muito tarde : o arrependimento inutil é o mais amargo.

Adeus, não tenho mais senão o tempo para te amar no meio do trabalho que vae me sustentar

durante tua ausencia. Li com satisfação tuas contas de homem honesto. Começaste muito cedo para que jamais esqueças de sel-o; é uma das mais bellas sciencias do mundo; esta, pelo menos, teu pai a conhecia bem.

Adeus lá aonde estás, aqui e em toda parte. Isto termina docemente a carta d'uma pobre viuva a seu filho.

LISCKEN RUCKLAND.

---

## SEGUNDA CARTA

Lintz.

Meu caro filho,

Como ha tanta cousa n'estas trez palavras! Meu caro filho! eu que não sei escrever, já fiz uma longa carta escrevendo estas palavras. Nada te direi da minha volta. Se já fosses homem, o saberias, e seria triste. Disseste-me um dia : « Como sou feliz de ser pequeno! não comprehendo as desgraças! » Não concorrerei para que conheças essa sciencia. Apprende antes o latim, apezar de ser bem difficil. É preciso que os homens saibam mais do que as mulheres, afim de que ellas não sejam muito orgulhosas de tel-os dado á luz. Que ha de mais

feliz do que a mulher que admira? Quando cheguei a Lintz encontrei tudo em ordem. Temos agora um prégador que causa muita admiração. O pai Eykens lamenta que elle não empregue a sua voz (eu o ouço do jardim quando a porta da igreja está aberta) para prégar a caridade, a bella caridade que provoca as doces entrevistas e as innocentes alegrias. Eu te peço, Karl, de apprender seu nome em todas as linguas e de escrevel-o á tua ignorante mãe, que não o sabe senão no silencio de sua alma. Fiquei assim porque eramos pobres. Porque eramos tão pobres? E porque ha pobres? Mas se eu te não posso explicar o que penso sobre esta grande virtude que os consola, que Deus, teus professores e teu coração te ensinem.

Teus camaradas de Lintz andaram á roda de mim para que eu lhes contasse teus progressos. Eu tinha as tuas tres corôas no meu braço. Todas as mãis te abraçam e eu ainda mais do que ellas. Se estou com os olhos cheios de lagrimas, não tenho motivo para me queixar: não ha tristeza sem felicidade. Eu te vejo em caminho para o bem. Se cahires em alguma falta, não te desesperes antes de me tel-a confessado. Não se sente o corpo mais leve quando se é dois a carregar uma falta? Tenho no coração tantas preces para ti!

O Sr. Goethe ao passar por aqui de carro, comprimou-me. Elle te viu no concurso e disse que

ias muito bem. É ser-se muito bom para uma mãe dizer-lhe tal cousa do filho. Elle quer, diz elle, te honrar com uma visita quando voltar a Vienna. Elle o quer; mas, como todos os homens d'um grande genio, o pai Eykens diz que elle é impossivel a cultivar. Elle pertence a muita gente e mesmo a todas as classes da sociedade. Por isso elle se encarrega de te fazer esta carta chegar ás mãos sem nada custar, e riu-se muito quando lhe pedi de leval-a a Vienna.

Recorro a occasiões algumas vezes tão lentas que fazem soffrer meu coração para te responder; mas evito este imposto sobre as cartas para te comprar roupa nova, porque tuas camisas já devem estar bem curtas. Faço o que posso para que tua felicidade seja completa com teus professores, que preenchem uma missão da parte de Deus: a de educar homens honestos para a terra e para a eternidade.

Não tenho senão graças a lhe render por ser tua mãe

LIESCHEN RUCKLAND.

Actualmente a resignação tomou lugar na grande cadeira de braços em que te vi dormir durante as ferias, e despertar para me dizer sorrindo: « Bom dia, minha mãe! » Como desejo que nunca sejas obrigado a collocar a resignação aonde estava a

felicidade! Mas lembra-te d'isso se fôr preciso.

Minha saude não é boa; ella o será mais tarde. Tudo quanto soffro, offereço a Deus para que elle te transforme em alegria e saude; em gloria tambem, pois que tu a adoras, pobre creança!

---

### TERCEIRA CARTA

Lintz, 1810.

Vem, que eu te abraço para te perdoar o longo silencio e te agradecer de me ter escripto duas cartas em vez d'uma. Escuta bem uma cousa, Karl: Tenho tanto a te dizer, que não me deves deixar por muito tempo com os braços abertos sem responder alguma cousa que eu possa apertar em teu lugar. Manda-me o que pedem todas as minhas cartas: uma carta! Uma carta sobretudo que não transpire a tua preguiça. Como assim! tu não te adeantas nem em francez, nem em italiano, nem em inglez! Pois tu não farás estatuas senão em allemão? Acho que Regis tem razão de te censurar em todas as linguas que elle teve a coragem de apprender. Deixo a elle este penoso encargo, meu pobre filho. Já é sufficiente de me censurar a mim-mesmo por não

saber carregar melhor a cruz com que Deus honrou sua criada, tua mãe. Os ternos habitos que mudam nos deixam n'uma surpresa que se assemelha ao medo. Não se comprehende mais os outros, nem a si-mesmo; não se tem mais em si senão o verme roedor. Ao menos, avigora a tua saude n'essas bellas e sombrias folhagens que eu vi ao atravessar o *Prater*, em Vienna. Constitue-te uma vida afim de prolongar a minha: é a promessa que tenho no coração; ella vem de bem alto. O velho Eykens te faz as mais severas observações; eu, como mãe, te abraço ao mesmo tempo.

Dizes que teu livro em latim não te agradou, porque elle diz que a felicidade não é senão uma illusão.

Não, meu filho, a felicidade não é uma illusão, porque eu sou tua mãe. Não é d'uma illusão que agradeço a Deus quando apoio minhas tristezas presentes nos bellos dias que passei contigo. É talvez a dor que é uma illusão; porque emfim no fundo existe a esperança, e a esperança é Deus. Eu te deixo com elle. Meu coração verteu no teu sua fé occulta; debes conserval-a sempre: é a cousa mais preciosa que te posso dar.

LIESCHEN RUKLAND.

## QUARTA CARTA

Lintz.

Meu caro filho, eu te saúdo em nome de Deus, de teu pai e de tua mãe.

Não estejas inquieto. A chegada da primavera é boa para mim como para toda a terra, e eu te sinto lá tão perto de meu coração que me parece impossível que não o ouças bater menos penosamente. O pai Eykens alegra-se immenso de poder ir te ver, agora que os caminhos estão mais secos. Nossos tres quartos estão jubilosos. Todas as moças da nossa rua que vão fazer a primeira comunhão não são mais felizes do que eu d'este bello sol que abre todas as flores da primavera. Suas corôas são brancas é verdade; mas o louro que envias me refresca como se elle me ensinasse o que tu sabes. Adivinho por elle que teu futuro será puro e que o trabalho occupará n'elle o maior lugar. Esta felicidade é de todas idades e é o refugio de todas as fraquezas; tambem tive as minhas e foi lá que me salvei.

A proposito : a amizade, meu filho, é como o sol : por toda parte se encontra seus raios. Acabo de acolher uma creança já soldado. Recebi-o

doente e tratei-o com a ternura que peço para meu filho e todas as mãis que o encontrarem. Parece-me que dando-lhe tudo quanto está em meu poder offerecer para distrair-o do abandono em que se acha, eu te offereço pela mão d'um outro que te restituirá. Esta idéa molha-me os olhos não só de ternura como tambem de tristeza : que queres? A gente sente sua alma tanto pela dor como pela alegria : é o nosso liame profundo com Nosso Senhor Jesus Christo, e o que me impede de comprehender um outro Deus que aquelle que adoramos, morrendo na cruz e abençoando sempre.

Desejo que me digas, por tua vez, meu caro millionario, aonde encontraste de que dar *Schiller* a teu camarada Regis? Tenho na idéa de que não tens nem roupa nem chapéu, e que esse bello livro te faz andar de cabeça descoberta. É preciso que m'ó digas. O governo allemão devia dar a todos os allemães pobres estas festas e de graça. Seria um grande beneficio fornecer uma tal luz a todas as classes da sociedade.

Adeus. Quando deixo de te escrever não faço mais do que simular que vivo, e creio que minha alma voa das mãos de Deus.

Tua mãe,

LIESCHEN RUCKLAND.

Eu vendo fios de linho para ir te ver, e ouvir rir. Isso é um ceu, quando se é mãe. Obrigado, Karl! Ir te ver! que palavra! Ella percorre toda a casa como uma musica para alegral-a.

Meu caro filho, não posso te dar maus conselhos e não quero apertar teu coração. Mas não o deixes ter muitas affeições differentes. É uma suffocação que faz mal se não se é frivolo. Fallemos agora do que nos occupa tanto a Lintz como a Vienna, da chegada da epoca da primeira communhão. Envio, meu caro filho, a tua certidão de baptismo; a abenção de tua mãe para ti, sua consolação nas mais graves penas, sua esperanza nesta vida e na outra, e o puro liame de minha alma com a tua.

Acharás a tua certidão de baptismo bem amarellada. É porque a puz no avental da Virgem depois que sahiste d'aqui, e que a Virgem está exposta ao sol. Eu te ponho em toda parte sob uma protecção divina á qual peço de me inspirar sabios conselhos para ti. Eu te repeterei os que meu pai me dava; é preciso que elles tenham sido muito bons para que ainda me lembre d'elles:

« Não devendo ter outra fortuna que a probidade, deves ser sempre inalteravel.

« Nunca adormeças senão com um pensamento digno de Deus.

« Nunca te cures do horror da mentira; não ha mentirosos honestos.

« Nunca promettas senão o que é possível dar; as grandes tempestades entre o homem e a mulher vêm d'ahi.

« Tomes cuidado do pouco que te pertence; e sobretudo do que pertence aos outros; nunca peças emprestado o que não pudeses restituir.

« O risonho aceio deve embellecer a tua riqueza, ou enriquecer a tua miseria. Elle é o recreio do pobre e a purificação do rico.

« Foge da zombaria se ella te tentar; as mais profundas amizades são perdidas por causa d'ella; é uma grande tristeza para um tão pequeno triumpho. »

Tuas lições seriam immortaes, se vivessemos sempre; mas as levamos comnosco para aonde nada morre. É por isso que eu te supplico, meu filho, de zelar tua consciencia, afim de abril-a deante de Deus sem temer a sua justiça. Taes talentos, sem duvida, me tecem corôas; mas tua probidade que descubro cada vez mais, dá á minha alma esta serenidade que impede meu rosto de se enrugarem. A gloria não dá isto. E entretanto eu amaria a tua gloria, porém ella não é d'este mundo e a consciencia é de todos.

Tua bella physionomia que vem me visitar, faz estremecer minhas entranhas no meio d'uma calma apparente. Sim, meu filho, Deus te deu a mim para contrabalançar minhas dores de mãe, porque

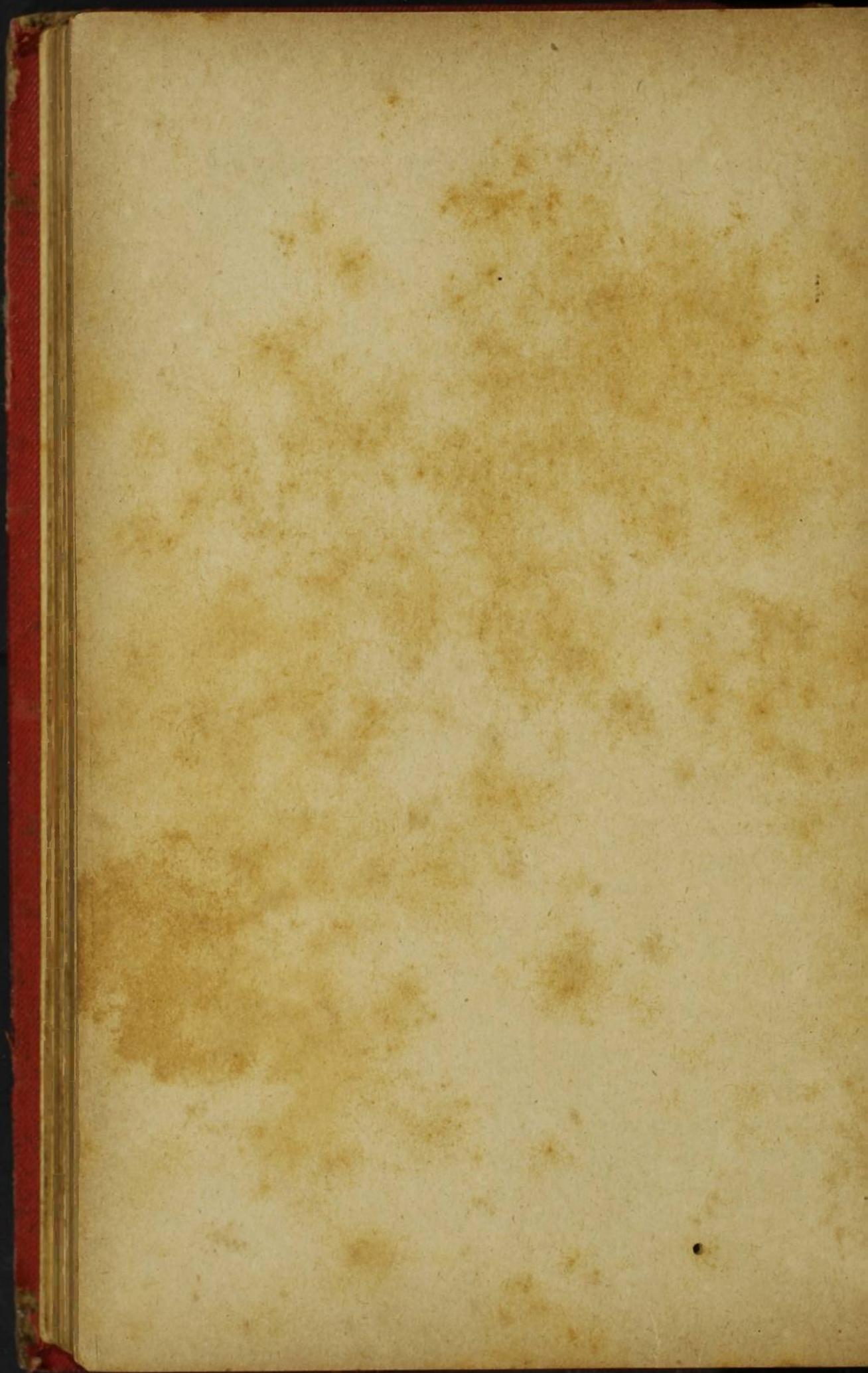
és puro. Não te peço mais do que isto, e tu me dás muito mais.

Tu me dirás em que dia vaes fazer a tua communhão afim de que eu vá me pôr de joelhos n'al-  
guma egreja aonde não haja senão o Salvador. Eu te verei no seu sorriso. Na noite d'esse grande dia tu ouvirás o movimento do relógio que te envio; é o de teu pai; tu pensarás nas palpitações de minha alma, porque tu estás no fundo de minha alma com o que resta de teu pai que te abençoá por mim.

LIESCHEN RUCKLAND.

Tudo quanto quizeres obter de Deus, tu o pedirás no dia da tua primeira communhão, e tu o obterás.

FIM



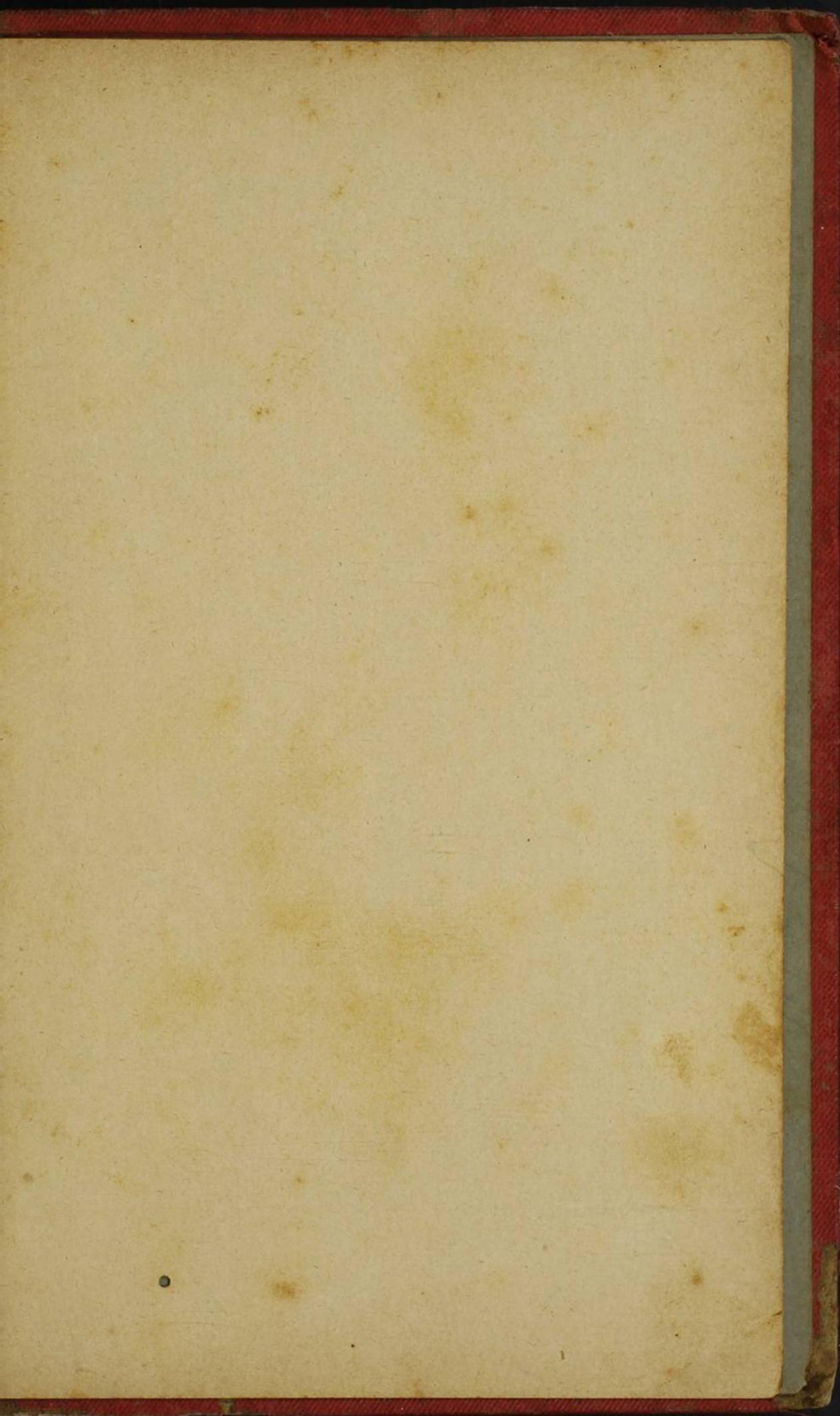


## INDICE

---

ÀS MÃIS . . . . .	1
ÀS CRIANÇAS . . . . .	5
Uma Prece. . . . .	7
O Menino malcriado . . . . .	9
O Menino descalço . . . . .	14
A Boneca monstro . . . . .	17
A Menina quebra-agulhas . . . . .	20
Alberto o negligente . . . . .	23
A Luz . . . . .	29
O Amador de creme . . . . .	31
O Caloteiro. . . . .	37
O Joven Dansarino . . . . .	43
As Mãos limpas . . . . .	47
O Cão Advogado. . . . .	49
O Menino perguntador . . . . .	53
A Esmola . . . . .	55
O Joven Chinez . . . . .	59

O Joven Principe S..... of . . . . .	64
O Batedor de Portas. . . . .	73
O Joven mendigo . . . . .	86
A Perna de Damis. . . . .	88
O Joven Incendiario. . . . .	91
O Matador de moscas. . . . .	96
Maricota . . . . .	100
O Passarinho sem azas . . . . .	112
A Preguiça . . . . .	117
O Joven Pastor . . . . .	123
O Joven desertor. . . . .	129
As Festas de Gustavo. . . . .	150
O Menino dos Campos-Elyseos. . . . .	162
As Ferias . . . . .	188
Os Pequenos salvagens . . . . .	221
A Physiologia das Bonecas . . . . .	231
O Joven Pastor . . . . .	257
O Lado do Sol. . . . .	262
As Sementes do rei Guilherme . . . . .	266
Clochetin. . . . .	270
Quatro cartas d'uma Mãe a seu Filho. . . . .	293



36101

